

Universidade do Minho
Instituto de Educação

Maria Emília Gomes Alves

Educação Sexual: os desafios e realidades /
um projeto de intervenção comunitária na
escola

abril de 2012



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Maria Emília Gomes Alves

Educação Sexual: os desafios e realidades / um projeto de intervenção comunitária na escola

Relatório de Estágio

Mestrado em Educação

Área de especialização em Educação de Adultos e
Intervenção Comunitária

Trabalho efetuado sob a orientação da
Doutora Maria da Conceição Pinto Antunes

abril de 2012

DECLARAÇÃO

Nome: Maria Emília Gomes Alves

Endereço eletrónico: emiliagomesalves@gmail.com

Telemóvel: (00351) 96 294 24 39

Número de Bilhete de Identidade: 10434416

Título da Dissertação: Educação Sexual: os desafios e realidades / um projeto de intervenção comunitária na escola

Orientadora: Doutora Maria da Conceição Pinto Antunes

Ano de Conclusão: 2012

Designação do Mestrado: Mestrado em Educação, Área de Especialização em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA DISSERTAÇÃO, APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, abril de 2012.

Assinatura: _____

Aos meus “reis” pequeninos, Constança e Afonso, para que aprendam com a
mãe a lutarem pelos seus objetivos.

AGRADECIMENTOS

Terminado este trabalho, com ele fecha-se uma fase de um percurso. Abre-se, esperamos, pela aquisição de novas competências, um mundo novo de novas possibilidades.

Pessoalmente, é mais um dos muitos desafios que insisto envolver-me nesta caminhada constante que é a minha vida: cheia de emoções, relações, palavras, sentires, valores, motivos, experiências, sonhos, obstáculos e conquistas, afinal, não diferente de outras vidas.

Não foi fácil intervir numa realidade tão exigente e, perante o desafio colocado, o prazer da realização.

Agradeço, em primeiro lugar, aos meus pais que, algures na minha educação, influenciaram a minha personalidade, no que sou hoje, ambiciosa e persistente, sem nunca desistir dos projetos a que me tenho proposto.

À Orientadora de Estágio, Prof. Doutora Maria da Conceição Pinto Antunes, agradeço a mestria do acompanhamento, o reforço, o reconhecimento e encorajamento das suas palavras.

À minha Acompanhante de Estágio pelo apoio constante.

À minha amiga Maria, agradeço a disponibilidade dos seus olhos atentos e críticos, uma pessoa maravilhosa que guardarei para sempre no coração, à minha amiga Isabel, agradeço os ensinamentos tecnológicos e, ao Abel a aprendizagem e a visão prospetiva das suas sugestões.

À minha família nuclear, embora não a privando para a realização desta jornada, esteve sempre lá para ir buscar a energia fundamental para repor as “baterias”.

Sou hoje uma Pessoa mais segura e mais completa perante as solicitações e imprevistos da vida pessoal e profissional.

OBRIGADA!

EDUCAÇÃO SEXUAL: OS DESAFIOS E REALIDADES / UM PROJETO DE INTERVENÇÃO COMUNITÁRIA NA ESCOLA

Maria Emília Gomes Alves

Relatório de Estágio Profissional

Mestrado em Educação – Área de Especialização em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária

Universidade do Minho

abril de 2012

RESUMO

Este trabalho insere-se no eixo temático da Educação. Numa primeira fase problematiza e tenta compreender, sob uma perspetiva histórica e conceptual, a evolução da Sexualidade e Educação Sexual em Portugal. Reflete o enquadramento legal da educação sexual de forma a percebermos os avanços e recuos dos normativos publicados no âmbito das sucessivas políticas na pré e pós democracia, os impactos da mentalidade da sociedade, bloqueadores da intervenção com crianças e jovens. Caracterizam-se os contextos: local, regional e comunidade escolar, sustentadores das ações. Procura enquadrar conceptualmente o projeto de intervenção, justifica-o, apresenta as finalidades e objetivos e contextualiza o paradigma de investigação adotado: investigação-ação participativa. Na sua continuidade problematiza conceptualmente a Sexualidade e Educação Sexual, enfatizando a abordagem nesta área como instrumento de poder, de modo a desenvolver o conhecimento, promover atitudes e competências transversais nos jovens. Reforça um viver assertivo da triangulação Eu, Alter e Sociedade, permitindo lidar com as situações de forma consciente e refletida, treinar a assertividade dos comportamentos de forma a realizar escolhas na área da sexualidade. É expectável que esta intervenção seja um importante contributo na (in)formação dos jovens, melhorando os seus relacionamentos afetivo-sexuais, reduzindo consequências negativas de comportamentos sexuais, como a gravidez não planeada e as infeções sexualmente transmissíveis, prevenindo situações de abuso e exploração sexual. A intervenção nesta matéria não se esgota no trabalho individual centrado no aluno, mas apresenta-se como transversal, logo, transferível para dimensões globais do ser cidadão. Com este estudo pretende-se dotar os agentes da escola e da comunidade para que, pela sua ação, contribuam para a construção de uma sexualidade assertiva e saudável, em equilíbrio e valorizem o seu papel e dos demais agentes da comunidade, nomeadamente a família, a escola e os parceiros da sociedade civil. Este trabalho apresenta as ações realizadas no âmbito da educação sexual escolar, campo de manifesta dificuldade de intervenção dos agentes, emergindo uma efetiva necessidade de formação resultado da avaliação de diagnóstico realizada. A escola constitui-se como um micro- espaço de poder e influência dos nossos jovens, assim, o presente projeto, pelas atividades levadas a efeito, intervém com os vários agentes da sua comunidade, principalmente professores, pais, pontualmente com alunos e assistentes operacionais. O projeto “salta as redes” da escola uma vez reclamado pelos parceiros. Sistematiza a avaliação das ações e seus impactos no desenvolvimento individual dos profissionais e no coletivo da comunidade escola/parceiros.

**SEXUAL EDUCATION: CHALLENGES AND REALITIES / A PROJECT OF COMMUNITARIAN
INTERVENTION IN SCHOOL**

Maria Emília Gomes Alves

Professional Practice Report

Master in Education –Adult Education and Community Intervention

University of Minho

April 2012

ABSTRACT

This work is integrated in the theme of Education. For a start it tries to understand the evolution of Sexuality and Sexual Education in Portugal and makes it problematic on a historical and conceptual perspective. It reflects the legal frame of the sexual education so as to make us realize the progress and retreat of the standards published within the successive policies in the pre and post democracy as well as the impacts of society mentality that block the intervention with children and youth. The local, regional and school community contexts, being supporters of the actions are to be characterised. This research tries to fit in the intervention project conceptually, it accounts for it and presents the purposes and objectives. It also contextualizes the paradigm of investigation adopted so far: participatory action-research. It makes both the sexuality and Sexual education conceptually problematic in its continuity, stressing the approach on this field as power tool so as to develop knowledge, promote attitudes and transverse skills in youth. It reinforces an assertive living of the triangle *I, Alter and Society*, allowing us to deal with the situations in a reflexive and conscious way. It also makes possible to train the assertiveness of behaviours in order to make choices in the Sexuality matter. This intervention hopes to become a relevant contribution of youth information and formation, improving their affection-sexual behaviours; thus, reducing negative consequences of sexual behaviours such as non-planned pregnancy and sexually transmitted infections, preventing from abuse and sexual exploitation situations. The intervention in this subject does not finish in the individual work centred on the student, it rather presents itself as transversal, therefore, transferred to the global dimensions of being a citizen. With this study I intend to endow the school and community agents so that through their action, they contribute to a balanced, assertive and healthy sexuality and give value to their role and to the other community agents, namely family, school and civil society partners. This research presents the workshops attended on school sexual education, a field of particular difficulty of agents' intervention, emerging an effective need of formation as a result of the diagnosis evaluation previously carried out. School sets up a micro-space of power and influence on our youth, thus, the following project through the carried out activities deals with the several agents of their community: above all teachers, parents, in due time with students and operational assistants. The project goes beyond the school gate once claimed by its partners. It systematises the workshops evaluation and their impacts on the professionals' individual development as well as the school community partners.

ÍNDICE GERAL

DECLARAÇÃO.....	i
DEDICATÓRIA.....	ii
AGRADECIMENTOS	iii
RESUMO	iv
ABSTRACT	v
ÍNDICE GERAL.....	vi
ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES	ix
ÍNDICE DE QUADROS.....	x
ÍNDICE DE GRÁFICOS	xi
SIGLAS, ABREVIATURAS E SÍMBOLOS	xiv
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 - ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL DO PROJETO.....	4
1.1. Introdução	4
1.2. Área de intervenção e sua justificação	4
1.3. Caracterização da instituição de estágio.....	8
1.4. Caracterização do local de execução do projeto	9
1.5. Caracterização do público-alvo.....	10
1.5.1. Pais.....	10
1.5.2. Professores	11
1.6. Avaliação de diagnóstico.....	12
1.6.1. Técnicas e dados da avaliação de diagnóstico	13
1.7. Finalidade e objetivos da intervenção	18
CAPÍTULO 2 - ENQUADRAMENTO TEÓRICO DA PROBLEMÁTICA DO ESTÁGIO	20
2.1. Introdução	20
2.2. Contextualização normativa da educação sexual em Portugal	20
2.3. A sexualidade e a educação sexual	34
CAPÍTULO 3 - ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO DO ESTÁGIO	51
3.1. Introdução	51

3.2. Paradigma de intervenção	51
3.3. Métodos e técnicas de investigação e intervenção	53
3.4. Avaliação da intervenção	59
3.5. Recursos mobilizados e limitações do projeto	61
CAPÍTULO 4 - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DO PROCESSO DE INTERVENÇÃO	62
4.1. Introdução	62
4.2. Exposição da intervenção	64
Eixo 1: Gabinete de Apoio ao Aluno - Centro de Recursos/Mediateca	64
Eixo 2: Realização de Dinâmicas Formativas e Informativas para Pais	67
Eixo 3: Atividades Formativas para Professores e Educadores - Atividades planeadas e realizadas	70
Eixo 4: Atividades informativas/formativas para Assistentes Operacionais	101
4.2.1. Cronograma – calendarização das atividades	102
4.3. Avaliação final: objetivos, processos e resultados	103
CAPÍTULO 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
BIBLIOGRAFIA	110
Bibliografia referenciada	110
Bibliografia consultada	112
Legislação	114
Infologia	115
Apêndice I: Inquérito de Análise de Necessidades aplicado às Assistentes Operacionais	117
Apêndice II: Inquérito de Diagnóstico de Necessidades aplicado aos Pais e Encarregados de Educação	119
Apêndice III: Horário de Funcionamento do Gabinete de Apoio ao Aluno (GAA)	121
Apêndice IV: Brochura de Divulgação do Gabinete de Apoio ao Aluno (GAA)	123
Apêndice V: Marcador de Livro	125
Apêndice VI: Toallete de Divulgação do Gabinete de Apoio ao Aluno (GAA)	127
Apêndice VII: Curta-metragem de Divulgação do Gabinete de Apoio ao Aluno (GAA)	129
Apêndice VIII: Dinâmicas para Trabalho com Alunos	130
Apêndice IX: Circular Informativa	136

Apêndice X: Programa da Sessão de Informação “A Educação Sexual: qual a abordagem da Escola”	138
Apêndice XI: Modelo de Inquérito de Avaliação aplicada aos Pais e Encarregados de Educação na Sessão de Informação “A Educação Sexual: qual a abordagem da Escola”	140
Apêndice XII: Modelo de Certificado de Participação da Ação de Formação “A EDUCAÇÃO SEXUAL: desafios e realidades”	142
Apêndice XIII: Modelo de Inquérito de Avaliação aplicado na Ação de Formação “A EDUCAÇÃO SEXUAL: desafios e realidades”	144
Apêndice XIV: Modelo de Inquérito de Avaliação aplicados nos Cursos de Formação “Educação Sexual em contexto escolar”	146
Apêndice XV: Avaliação dos Cursos de Formação “Educação Sexual em contexto escolar”	149
Apêndice XVI: Diapositivos de Apresentação relativos às oito sessões que integraram o Programa do Curso de Formação “Educação Sexual em contexto escolar no 2º ciclo”	156
Apêndice XVII: Modelo de Inquérito de Avaliação do Módulo de Oficina de Formação “Educação para a saúde sexual para crianças em meio pré-escolar e escolar” EB 2,3 S.....	195
Apêndice XVIII: Modelo de Inquérito de Avaliação dos Módulos de Oficina de Formação “Educação para a saúde sexual para crianças em meio pré-escolar e escolar” - EB 2,3 MC	197
Apêndice XIX: Modelo de Inquérito de Avaliação dos Módulos de Oficina de Formação “Educação para a saúde sexual para jovens e adolescentes em meio escolar” – ES MC	199
Apêndice XX: Modelo de Inquérito de Avaliação dos Módulos inerentes à Formação PRESSE	201
Apêndice XXI: Inquérito de Avaliação Final do Projeto	203

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração n.º 1 - Esquema das dimensões do modelo de desenvolvimento pessoal (adaptado de Vaz et al., 1996)	38
--	----

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro n.º 1: Importância da realização da ação “A sexualidade no jovem”	15
Quadro n.º 2: Temas a desenvolver	16
Quadro n.º 3: Avaliação de Diagnóstico aos Pais e Encarregados de Educação – Questão 1	16
Quadro n.º 4: Avaliação de Diagnóstico aos Pais e Encarregados de Educação - Questão n.º 2	17
Quadro n.º 5 - Síntese das atividades	63
Quadro n.º 6: Descrição das Atividades - " Criação do Gabinete de Apoio ao Aluno / Centro de Recursos e Mediateca"	64
Quadro n.º 7: Descrição de Atividade - Sessão de Informação "A Educação Sexual: qual a abordagem da Escola"	67
Quadro n.º 8: Descrição de Atividade - Ação de Formação "A Educação Sexual: desafios e realidades	70
Quadro n.º 9: Descrição de Atividades - Cursos de Formação - "Educação Sexual em contexto escolar"	73
Quadro n.º 10: Planificação da 1.ª Sessão – “Enquadramento da educação sexual em meio escolar e os normativos legais	75
Quadro n.º 11: Planificação da 2.ª Sessão – “Contributos da Educação Sexual”	76
Quadro n.º 12: Planificação da 3.ª Sessão - Desenvolvimento Psicossexual I	77
Quadro n.º 13: Planificação da 4.ª Sessão - "Desenvolvimento Psicossexual II.....	78
Quadro n.º 14: Planificação da 5.ª Sessão - "Prevenção e Promoção da Saúde Sexual"	79
Quadro n.º 15: Planificação da 6.ª Sessão – “Os processos de comunicação e de tomada de decisão”	80
Quadro n.º 16: Planificação da 7.ª Sessão – “A escola e a Comunidade”	81
Quadro n.º 17: Planificação da 8.ª Sessão – “Metodologias de Intervenção em Educação Sexual”	82
Quadro n.º 18: Descrição de Atividades - Curso de Formação Educação Sexual em contexto escolar no 1.º Ciclo"	86
Quadro n.º 19: Descrição de Atividade - Seminário "A Educação Sexual: desafios e realidades"	89
Quadro n.º 20: Descrição de Atividades - Oficinas de Formação	91
Quadro n.º 21: Descrição de Atividade - Módulos na Formação PRESSE - Educação Sexual	98
Quadro n.º 22: Descrição de Atividade – Ação de Formação “ A sexualidade na criança e no jovem”	101
Quadro n.º 23: Cronograma - calendarização das atividades	102

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico n.º 1: Pertinência dos conteúdos trabalhados	68
Gráfico n.º 2: Recursos utilizados.....	68
Gráfico n.º 3: Clareza das intervenções pelo formador.....	69
Gráfico n.º 4: Adaptação do discurso aos destinatários /finalidades conseguidas.....	69
Gráfico n.º 5: Apreciação global	69
Gráfico n.º 6: Cumprimentos dos objetivos propostos.....	71
Gráfico n.º 7: Pertinência dos conteúdos trabalhados.....	71
Gráfico n.º 8: Recursos utilizados.....	71
Gráfico n.º 9: Clarificação do trabalho a desenvolver	71
Gráfico n.º 10: Clareza das intervenções pelo formador.....	72
Gráfico n.º 11: Adaptação do discurso aos destinatários/finalidades foi conseguida.....	72
Gráfico n.º 12: Apreciação global	72
Gráfico n.º 13: Adequação às expectativas dos formandos	83
Gráfico n.º 14: Execução dos objetivos.....	83
Gráfico n.º 15: Condições físicas.....	83
Gráfico n.º 16: Duração da ação	83
Gráfico n.º 17: Organização da ação / distribuição da componente teórica e prática.....	84
Gráfico n.º 18: Material de apoio.....	84
Gráfico n.º 19: Metodologia da ação	84
Gráfico n.º 20: Articulação com a prática letiva	84
Gráfico n.º 21: Avaliação da ação	85
Gráfico n.º 22: Empenhamiento e qualidade do Formador	85
Gráfico n.º 23: Adequação às expectativas dos formandos	86
Gráfico n.º 24: Execução dos objetivos.....	86
Gráfico n.º 25: Condições físicas.....	87
Gráfico n.º 26: Duração da ação	87
Gráfico n.º 27: Organização da ação / distribuição da componente teórica e prática.....	87
Gráfico n.º 28: Material de apoio.....	87
Gráfico n.º 29: Metodologia da ação	88
Gráfico n.º 30: Articulação com a prática letiva	88

Gráfico n.º 31: Avaliação da ação	88
Gráfico n.º 32: Empenhamento e qualidade do formador	88
Gráfico n.º 33: Execução dos objetivos.....	92
Gráfico n.º 34: Pertinência dos conteúdos trabalhados.....	92
Gráfico n.º 35: Os recursos utilizados	92
Gráfico n.º 36: Clarificação do trabalho a desenvolver com os alunos	92
Gráfico n.º 37: Clareza das intervenções realizadas pelo formador	93
Gráfico n.º 38: Adaptação do discurso aos destinatários /finalidades conseguidas.....	93
Gráfico n.º 39: Apreciação global da atividade.....	93
Gráfico n.º 40: Execução dos objetivos.....	94
Gráfico n.º 41: Pertinência dos conteúdos trabalhados.....	94
Gráfico n.º 42: Os recursos utilizados	94
Gráfico n.º 43: Clarificação do trabalho a desenvolver pelos agentes implicados	94
Gráfico n.º 44: Clareza das intervenções realizadas pelo formador	95
Gráfico n.º 45: Adaptação do discurso aos destinatários/finalidades conseguidas.....	95
Gráfico n.º 46: Avaliação global	95
Gráfico n.º 47: Execução dos objetivos.....	96
Gráfico n.º 48: Pertinência dos conteúdos trabalhados	96
Gráfico n.º 49: Os recursos utilizados	96
Gráfico n.º 50: Clarificação do trabalho a desenvolver pelos agentes implicados	96
Gráfico n.º 51: Clareza das intervenções realizadas pelo formador	97
Gráfico n.º 52: Adaptação do discurso aos destinatários/finalidades conseguidas.....	97
Gráfico n.º 53: Avaliação global	97
Gráfico n.º 54: Execução dos objetivos.....	99
Gráfico n.º 55: Pertinência dos conteúdos trabalhados.....	99
Gráfico n.º 56: Os recursos utilizados	99
Gráfico n.º 57: Clarificação do trabalho a desenvolver pelos agentes implicados	99
Gráfico n.º 58: Clareza das intervenções realizadas pelo formador	100
Gráfico n.º 59: Adaptação do discurso aos destinatários/finalidades conseguidas.....	100
Gráfico n.º 60: Avaliação global	100
Gráfico n.º 61: Importância das ações na escola	105
Gráfico n.º 62: Execução dos objetivos.....	105

Gráfico n.º 63: Pertinência dos conteúdos trabalhados	105
Gráfico n.º 64: Clarificação do trabalho a desenvolver	106
Gráfico n.º 65: A(s) ação(s) permitiram a Implementação da ES de forma refletida e sustentada.....	106
Gráfico n.º 66: Avaliação global	106

SIGLAS, ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

APF - Associação para o Planeamento da Família

ARSN - Administração Regional de Saúde do Norte

CFAE - Centro de Formação de Associação de Escolas

DGIDC – Direção-Geral de Investigação e Desenvolvimento Curricular

DGS – Direção-Geral da Saúde

DLD – Desempregados de Longa Duração

DREN - Direção Regional de Educação do Norte

DSP - Departamento de Saúde Pública

DST - Doenças sexualmente transmissíveis

ES – Educação Sexual

GAA – Gabinete de Apoio ao Aluno

GTES - Grupo de Trabalho de Educação Sexual

IEFP - Instituto de Emprego e Formação Profissional

IPJ - Instituto Português da Juventude

IST - Infecções sexualmente transmissíveis

IVG - Interrupção Voluntária da Gravidez

LBSE - Lei de Bases do Sistema Educativo

ME – Ministério da Educação

NAE – Núcleo de Apoio Educativo e Apoio Social

OMS - Organização Mundial de Saúde

PES – Programa de Educação para a Saúde

PPES - Programa de Promoção e Educação para a Saúde

PRESSE - Programa Regional de Educação Sexual em Saúde Escolar

VIH/SIDA - Vírus da Imunodeficiência Adquirida/Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

art.º - Artigo

cf – confere

D^a – Dona

ed. – edição

Ex^a - Excelência

Exmo - Excelentíssimo

nº – número

p. - página

Prof.^a – Professora

Sr. – Senhor

Sra. - Senhora

INTRODUÇÃO

«Um programa de saúde escolar efetivo ... é o investimento de custo-benefício mais eficaz que um País pode fazer para melhorar, simultaneamente, a educação e a saúde».
(Gro Harlem Brundtland, Diretora-Geral da OMS, abril 2000)

No âmbito deste projeto, a atenção dirige-se para a organização - escola, rica em atividades e fenómenos educativos, promotores de “crescimento” das crianças e jovens no sentido de se tornarem pessoas globalmente integradas e realizadas.

Entendemos ser um projeto atual que permite desenvolver competências transversais em espaços de educação, onde a intervenção a promover com os alunos deve ir muito além da transmissão de saberes académicos. Deve ser um espaço de educação para os valores e de desenvolvimento do indivíduo como um todo sistémico nas dimensões - social, cultural e educacional. A educação, hoje, deve estar focada em dotar os indivíduos de ferramentas essenciais no domínio do saber, saber fazer, saber viver com os outros e saber ser. A educação, tal como deve ser entendida neste século, deve ser estimuladora do desenvolvimento cognitivo, mas também dos planos - ético, moral, pensamento crítico, comportamentos - na dupla perspetiva de desenvolvimento integral do homem e da participação no desenvolvimento social, económico e cultural.

Este projeto, pelas ações que operou, permitiu dotar os agentes da escola e da comunidade escolar de ferramentas importantes para que a sua ação, enquanto protagonistas com claros papéis atribuídos, permita veicular junto dos alunos, público último de intervenção, valores para a construção de perceções, informações e atitudes positivas face à sexualidade e à vida assertiva e saudável.

O presente trabalho apresenta as ações realizadas no âmbito da educação sexual em contexto escolar em quatro eixos de intervenção. A criação e dinamização do Gabinete de Apoio ao Aluno (GAA) permitiu, para além da intervenção com estes, dotar este espaço de um novo conceito de consultadoria a professores, pais e assistentes operacionais. A intervenção dirigida a professores incidiu no desenvolvimento de competências para o devido tratamento desta área com os seus alunos e, para isso, foram criadas ações de educação/formação específicas e creditadas pelo Conselho Científico de Formação Contínua de Professores - Braga. A intervenção

com pais privilegiou e respondeu pela sensibilização/informação face à temática. No âmbito do eixo de intervenção com Assistentes Operacionais diagnosticou-se as ações prioritárias para futura implementação.

A intervenção no âmbito dos quatro eixos abrangidos pelo projeto resulta da constatação, através da avaliação de diagnóstico, da manifesta dificuldade de intervenção pelos agentes, sendo que o formato Educação de Adultos pela formação viria a possibilitar uma resposta efetiva, necessária e difícil de concretizar pela Administração Central.

A possibilidade, pouco frequente, de abertura da escola, partilhando recursos humanos e físicos, potenciou um trabalho de parceria e em rede que permitiu cumprir a missão que se pretendia, transpondo “as redes” da escola. Pensamos que o projeto que agora apresentamos criou “pontes” de comunicação entre as instituições, entre os intervenientes e, destes, com os seus públicos e viria a ser precursor da necessária relação e continuidade de ações futuras conjuntas, reforçando deste modo o trabalho em rede.

No que concerne à organização do relatório, este apresenta-se dividido em cinco partes. Na primeira parte faz-se o enquadramento conceptual do projeto, apresentando a área de intervenção e sua justificação, paralelamente caracteriza-se a instituição de estágio e o local de execução do projeto de intervenção comunitária. Procura-se caracterizar o público-alvo que mais diretamente beneficiou da intervenção, nomeadamente pais e professores. Explora-se a avaliação de diagnóstico levada a efeito que viria a sustentar e justificar as opções das atividades, estando na base das finalidades e objetivos da intervenção.

Numa segunda parte explora-se conceptualmente a área da Sexualidade e da Educação Sexual e apresenta-se um enquadramento normativo da área e sua evolução em Portugal. Na terceira parte deste trabalho apresenta-se, segundo revisão da literatura, a metodologia utilizada, assim como as técnicas de investigação e intervenção privilegiadas no projeto.

De seguida, expõe-se o projeto de intervenção, apresentando as atividades desenvolvidas e o respetivo cronograma.

Posteriormente, na última parte deste trabalho, apresenta-se a avaliação realizada, fundamental na regulação ao longo da intervenção, permitindo constatar as forças e fraquezas no sentido da verificação da pertinência das ações e seus impactos na realidade a intervir. O processo de avaliação foi basilar para concluir os ganhos do projeto de intervenção na escola e na comunidade, assim como na implementação de ações ulteriores neste âmbito. Neste ponto

do relatório, apontar-se-ão, igualmente, sugestões para as supracitadas posteriores ações. Finalizamos este trabalho com as considerações finais refletindo globalmente sobre a intervenção realizada.

Este projeto, pensamos ter sido um veículo numa escala micro, no entanto, pelas ações que operamos, permitiu aos protagonistas a possibilidade de, pela reflexão construtiva e sustentada, tomar consciência de si e do seu papel no mundo e na educação, potenciando o desenvolvimento integral do homem numa perspectiva biopsicossocial. Neste relatório está aventada uma proposta de implementação da Educação Sexual em contexto escolar tendo em conta os mais recentes enquadramentos curriculares e normativos portugueses.

CAPÍTULO 1 - ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL DO PROJETO

1.1. Introdução

Neste capítulo procuramos apresentar a relevância da intervenção no contexto escolar, procedemos à caracterização da instituição acolhedora deste projeto, assim como do contexto local da sua abrangência. Neste sentido, definimos o público-alvo da intervenção e o diagnóstico realizado permitiria a apropriação dos interesses e necessidades, balizadores do desenho do projeto de intervenção. Enunciamos a finalidade do trabalho de estágio assim como os objetivos que se pretendem atingir no âmbito da nossa intervenção.

1.2. Área de intervenção e sua justificação

O estágio curricular, no âmbito do 2.º ano do ciclo de estudos do Mestrado em Educação, área de especialização em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária, da Universidade do Minho, decorreu numa Escola Secundária de uma cidade do distrito do Porto, entre o mês de setembro de 2010 e junho de 2011.

O Projeto de Estágio pretendeu mobilizar os atores para a intervenção na área da Educação Sexual em meio escolar de forma refletida e assertiva. É uma problemática há muito reclamada e, indubitavelmente importante. Apesar de legislada desde 1984 pela Lei nº 3/84, de 24 de março, só 25 anos depois, muito recentemente, foi considerada como objeto de reflexão séria e integração no meio escolar formalmente pelos normativos: Lei nº 60/2009, de 6 de agosto e Portaria n.º 196-A/2010, de 9 de abril.

É, simultaneamente, uma problemática de grande complexidade e magnitude pelas representações, subjetividades e ideações valorativas dos vários atores implicados. O presente projeto resulta do diagnóstico de necessidades iniciado junto dos agentes a envolver, nomeadamente pais, assistentes operacionais e professores, mostrando evidências da necessidade de se intervir neste domínio. Foi nossa pretensão que a intervenção a realizar não se restringisse à escola acolhedora. Aliás, pretendia-se um trabalho em rede com outras escolas onde as necessidades também se fizessem sentir, rentabilizando o estágio no que respeita aos recursos, sobretudo, humanos. A necessidade de trabalhar em rede deu lugar a uma intervenção

na comunidade local, conseguindo-se a desejada projeção “extra muros”, saindo-se do espaço territorial “escola”, descentrando e contribuindo para a evolução dos agentes de várias comunidades escolares. As ações foram desenvolvidas quer na escola onde decorreu o estágio, quer junto de outras organizações escolares parceiras que nos demonstraram interesse e necessidade de intervenção com os seus públicos.

Este projeto desenvolveu-se tendo por base a consciência da importância de sensibilizar, informar e formar. O diagnóstico apontava ser imprescindível intervir no sentido de fazer conhecer os normativos legais de enquadramento da educação sexual em meio escolar; contribuir para a atualização dos conhecimentos dos agentes na área da sexualidade e educação sexual; trabalhar as atitudes e valores face à sexualidade, promovendo competências para responder às necessidades das crianças e jovens através de atividades adequadas ao público usando metodologias ativas, escolhendo, implementando e construindo atividades de Educação Sexual adequadas e ajustadas à população alvo. É, cada vez mais, importante que os nossos alunos lidem com a sexualidade de forma saudável e rentabilizem os cuidados de saúde para um futuro com mais e melhor saúde sexual e reprodutiva.

Os resultados do presente projeto mostraram o quanto ele foi fundamental, pertinente e necessário, representando um grande desafio atendendo aos atores implicados (sobretudo professores, e pais) que, pelas suas características, formação e expectativas, exigem uma preparação muito grande nas especificidades de conteúdo e nos aspetos ético-morais que a área representa, não obstante as competências de assertividade e de comunicação desenvolvidas. Face ao supracitado aspeto, a experiência profissional ao longo dos anos e no domínio da formação de professores constituiu-se fator decisivo no sucesso das ações.

O projeto abraçou múltiplas vertentes após terem sido definidas as prioridades dos públicos a intervir. Os professores manifestaram, sobretudo, necessidade de desenvolver competências de conteúdo e de metodologia para, com mais segurança, assumirem esta área formativa. A argumentação da falta de formação específica e reflexão necessária para um trabalho profícuo e não valorativo com os seus alunos foi decisiva na definição das ações.

As ações **Cursos** promovidas foram:

- O curso de formação “*Educação Sexual em contexto escolar no 2.º ciclo*” (25h), decorreu entre o dia 8 de novembro e o dia 2 de dezembro de 2010;

- O curso de formação “*Educação Sexual em contexto escolar no 1.º ciclo*” (25h), decorreu entre o dia 6 e o dia 22 de dezembro de 2010;
- O curso de formação “*Educação Sexual em contexto escolar no 3.º ciclo*” (25h), decorreu entre o dia 3 e 31 de janeiro de 2011;
- O curso de formação “*Educação Sexual em contexto escolar no Pré-escolar e 1.º ciclo*” (25h), decorreu entre o dia 3 e o dia 28 de fevereiro de 2011.

Estas ações resultaram da parceria com o Centro de Formação de Associação de Escolas (CFAE), sediado e a funcionar em pleno nesta escola, serviço que serve os públicos da comunidade escolar de dois concelhos. As ações realizadas foram pensadas e construídas para este efeito e creditadas pelo Conselho Científico da Formação Contínua de Professores – Braga, com o registo CCPF/ACC-63865/10. Esta estratégia constituiu-se imprescindível na motivação e mobilização do público docente, resultando como uma mais-valia pelos ganhos da formação, mas também pelos créditos necessários à gestão de carreira dos docentes.

As ações **Oficinas** promovidas foram:

- Oficina de formação “**Educação para a saúde sexual para crianças em meio pré-escolar e escolar**” (4h) decorreu entre o dia 25 de janeiro e o dia 31 de março de 2011;
- Oficina de formação “**Educação para a saúde sexual para crianças em meio pré-escolar e escolar**” (4h) decorreu entre o dia 24 de janeiro e o dia 4 de abril de 2011;
- Oficina de formação “**Educação para a saúde sexual para jovens e adolescentes em meio escolar**” (6h) decorreu entre o dia 31 de janeiro e 28 de março de 2011.
- **Formação PRESSE - Educação Sexual (4h)** – fevereiro de 2011 - EB 2,3 de S.

A ação PRESSE - Programa Regional de Educação Sexual em Saúde Escolar, promovido pela Administração Regional de Saúde do Norte, I.P. (ARSN) através do seu Departamento de Saúde Pública (DSP) em parceria com a Direção Regional de Educação do Norte (DREN) e as oficinas supracitadas são consequência do trabalho de formação com docentes, na modalidade “curso” a decorrer no âmbito deste estágio que, rapidamente, criou novas necessidades noutras escolas, resultando num convite para novas ações de outro CFAE de um concelho vizinho. Esta parceria foi fundamental na projeção deste estágio e sustentou um trabalho em rede que viabilizará futuras ações nesta área, no próximo ano letivo e espera-se até 2013.

- **Ação de formação (4h)** decorreu nos dias 28 e 30 de junho de 2011 na Escola Profissional. Esta ação resulta da parceria implementada com a organização que, de outra forma, não receberia formação.

Aos pais importava saberem e compreenderem quando e de que forma acontecerá a educação sexual na escola, como será trabalhada esta temática com os seus filhos, ou seja, com que informação e formação a escola interviria com os seus filhos nesta área. Desejavam perceber os limites razoáveis na abordagem desta matéria e terem a possibilidade de opinar a esse respeito. As ações realizadas foram, sobretudo, numa perspetiva informativa e de sensibilização/aceitação sobre o que está previsto nos enquadramentos legais mais recentes e operacionalização da Educação para a Saúde/Educação Sexual na escola e de consultadoria no GAA. Só num segundo momento, ultrapassadas algumas barreiras de aceitação, poder-se-ia responder aos interesses dos pais inquiridos que manifestaram vontade de colaborarem num trabalho com uma dimensão mais formativa, sobretudo reflexiva, acerca da abordagem da Educação Sexual numa perspetiva sistémica no contexto “família”.

Era nossa intenção trabalhar com os assistentes operacionais num formato de ação de formação certificada para efeitos curriculares pois, só assim, teríamos garantia do interesse e motivação do público, no entanto, as questões processuais que se prendem com o processo de creditação da ação protelaram no tempo esta possibilidade e a nossa ação foi mais restrita à análise das necessidades do grupo para o desenho posterior da ação de formação.

O desenho deste estágio, pela análise das necessidades, apontava para a prioridade de um trabalho de preparação dos agentes para a intervenção na temática “educação sexual” com alunos conforme está legalmente previsto. No entanto e, rapidamente, surge na entidade de estágio a necessidade de trabalhar com e para os alunos, materializando-se num compromisso de cooperação e colaboração na implementação do Gabinete de Apoio ao Aluno (GAA), proporcionando as valências de atendimento e informação a alunos e consultadoria a pais, professores e assistentes técnicos e, ainda, disponibilizando recursos informativos nestas matérias. Este gabinete foi dinamizado por professores e estagiária em ligação estreita com outros organismos parceiros, incluindo os da saúde do concelho. Apesar de o gabinete estar bem pensado e estruturado do ponto de vista metodológico, de funcionamento e da pertinência de incluir a dimensão da consultadoria técnica, não obtivemos a esperada receptividade por entendermos não existir ainda esta cultura na escola, não dando tempo para a necessária

sistematização e apropriação de forma que, só mais recentemente, as estratégias de divulgação levadas a efeito começam mudar os comportamentos de procura. Pensamos que iniciado este percurso, no próximo ano letivo está o “terreno pronto para a sementeira”, ou seja, o próximo ano será promissor no que respeita à continuidade e utilização deste espaço, lamentando não termos conseguido a tão esperada e ansiada “velocidade de cruzeiro” deste espaço tão reclamado pelos nossos alunos ao longo de vários anos, nas várias situações em que estes tiveram voz. Ainda assim, foi apresentada a vontade e disponibilidade de continuar a cooperar com a equipa da saúde escolar nesta escola, de forma voluntária, de modo a dar sequência às medidas iniciadas e reforçar o carácter pedagógico deste serviço na comunidade escolar.

1.3. Caracterização da instituição de estágio

A instituição acolhedora do estágio é uma escola secundária com 3.º ciclo e, no ano letivo 2010/2011, tinha uma população discente total de 1452 alunos, sendo 365 do 3.º ciclo, 97 de Cursos de Educação e Formação, 522 do secundário regular, 338 do secundário profissional e 130 adultos, pais dos nossos alunos nos cursos de Educação e Formação de Adultos. O número de Professores em exercício de funções era de 180. O pessoal não docente perfaz 52, sendo que 40 são Assistentes Operacionais e os restantes ocupam lugares de colaboração à gestão ou aos serviços da administração. A escola apresenta alguma dinâmica de trabalho cooperativo nas várias modalidades de educação/formação, embora pouco sistematizado, refletido e avaliado que resulta nalgumas dinâmicas concertadas, mas pontuais e adstritas a determinados momentos e contextos.

A constatação empírica mostra-nos que o problema da falta de trabalho cooperativo é demais conhecido na nossa sociedade e também nesta pequena região e a mudança de paradigma pode potenciar o tão reclamado trabalho em rede. Assim, a ideia de chamar este propósito no âmbito deste estágio começou a ganhar corpo como a possibilidade de dar o “pontapé” necessário à aproximação institucional pela articulação pedagógica, metodológica e processual, rentabilizando recursos quer financeiros quer humanos. De facto, este projeto, pelas ações que operamos, introduziu algumas, ainda que ténues, dinâmicas nas relações das organizações e potenciou não as necessárias “pontes”, mas eventualmente traduziu-se numa “passagem estreita” na comunicação entre os intervenientes e, destes, com os seus públicos.

Apesar de termos dado pequenos passos nesta matéria, porque queremos sempre mudar o mundo e a instituição à nossa passagem, o que realmente não é possível sem um trabalho sequencial e sistemático no tempo e que não se esgota num estágio de intervenção de meses, entendemos que estas serão precursoras da necessária relação e continuidade de ações futuras conjuntas, potenciando o trabalho em rede, pretendendo ser mobilizador de sinergias coletivas entre organizações.

1.4. Caracterização do local de execução do projeto

A escola localiza-se num concelho da região Norte que pertence ao Distrito do Porto, estende-se por uma superfície global de 301,4 Km² num total de 40 freguesias ao longo da margem direita (18) e esquerda (22) do Rio Tâmega. Esta terra assume uma posição claramente preponderante dos concelhos que integram o Agrupamento do Baixo Tâmega, ocupando uma posição central sobre os eixos de comunicação estruturantes.

O concelho ocupa um lugar de destaque na região de entre Douro e Tâmega, fazendo parte integrante da respetiva agência de desenvolvimento regional. A população total do concelho é de 56450 habitantes (dados preliminares Censos de 2011).

O nível sócio-económico da região de abrangência da escola é baixo, caracteriza-se como sendo muito periférica e, por isso, predominantemente rural, é caracterizado por transformações sectoriais e empresariais negativas, onde a agricultura é ainda um setor economicamente importante na sustentabilidade de um grande número de agregados familiares e a indústria e os serviços têm pouca expressão, cujas consequências acabam por formatar um inegável quadro sócio-económico, caracterizado por um tecido económico frágil.

A pouca oferta de emprego num mercado de trabalho cada vez mais escasso resulta no êxodo dos jovens para centros mais urbanos e emigração para outros países, aos quais se acresce a desvalorização da Escola e dos diplomas escolares face a uma visão pessimista de futuro com muito baixas expectativas de empregabilidade. A população desta região, apesar de pouco escolarizada e com baixas qualificações, é ativa, no entanto, com situações de empregabilidade pautadas por uma grande instabilidade e, não ativa, sendo esta última caracterizada por situações de recente desemprego. O Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP) apresenta em estatística de desemprego uma elevadíssima taxa, sobretudo pelo retorno dos ativos, agora desempregados, aos locais de origem, jovens à procura do

primeiro emprego e pela continuidade de discriminação das mulheres no mercado de trabalho. São claros os constrangimentos sociais decorrentes da sua interioridade com uma vasta região periférica, onde as dificuldades e as poucas oportunidades mais teimam em permanecer. Por outro lado, é notório o aumento do interesse por parte da comunidade, instituições públicas e privadas e outras organizações como associações em desenvolver atividades sociais, aumentando, assim, a oferta educativa/formativa, cultural e recreativa.

Apesar dos constrangimentos enumerados, a cidade possui raízes culturais muito marcadas que a tornam uma cidade com personalidade própria e de interesse incalculável. A sua beleza justifica-se por si própria, pelas encantadoras paisagens e soberbos monumentos que o tempo deixou. A cultura da cidade respira das figuras que a marcam seja a nível de literatura, como por exemplo o poeta Teixeira de Pascoaes, Agustina Bessa Luís, Ilídio Sardoeira, como também em arte, tendo como exemplo os pintores Amadeo de Souza Cardoso, Acácio Lino, António Carneiro, entre outros. Outra figura ilustre foi D.^a Ana José Guedes da Costa, a qual esteve na origem da criação do Instituto de Oncologia do Porto e foi benemérita do Hospital de crianças - Maria Pia. Pertence ao património cultural da cidade o museu municipal designado “Museu Amadeo Souza Cardoso” para garantir a presença de materiais respeitantes à história local e lembrar os artistas e escritores nascidos na cidade.

1.5. Caracterização do público-alvo

1.5.1. Pais

Os pais dos alunos desta escola são pessoas pouco escolarizadas, revelam falta de formação inicial e contínua e apresentam baixas qualificações. As mulheres continuam a ser discriminadas no mercado de trabalho, sendo este género o que mais contribui para a taxa de desemprego. Assim, as mães são, geralmente, domésticas por opção ou por constrangimentos de empregabilidade, em regra, inscritas no IEPF como desempregadas de longa duração. Quando ativas trabalham no setor terciário, comércio e serviços ou no parco setor primário, ou ainda na indústria têxtil ou do calçado como operárias fabris. Assim,

- O nível sócio-económico da região de abrangência da escola é baixo;
- Predominantemente rural;
- A indústria e os serviços têm pouca expressão;

- Pouca oferta de emprego;
- Êxodo para centros mais urbanos;
- Aumento do fenómeno da emigração;
- Desvalorização da Escola e dos diplomas escolares;
- A população é pouco escolarizada e com baixas qualificações;
- É ativa com preponderância à instabilidade;
- Não ativa – mulheres DLD.

Este quadro influencia sobremaneira a vivência social do concelho. Dos fatores supracitados, os diagnosticados que mais se relacionam com a sexualidade são o baixo grau de escolaridade dos pais e encarregados de educação, associado ao deficiente envolvimento na vida pessoal e afetiva dos seus educandos. Este público valoriza muito pouco as habilitações, a formação e a informação no geral e é pouco disponível na sua relação com a escola.

A escola secundária tinha no ano letivo 2010/2011 1452 alunos, cujos pais foram convocados para a ação por diversas vias (circular informativa pelos diretores de turma e sistema de mensagem para telemóvel). Conseguimos intervir com 22 pais e encarregados de educação.

1.5.2. Professores

a) Do Agrupamento Vertical de Escolas

Os professores indicados para a frequência das ações pertencem ao quadro de colocação de abrangência do referido CFAE AB e estão distribuídos pelas várias escolas de ensino básico e secundário do Agrupamento. Foram indicados 105 educadores.

b) Do CFAE MC

Os Professores indicados para a frequência das ações pertencem ao quadro de colocação de abrangência do referido CFAE, estão distribuídos pelas várias escolas de ensino básico e secundário do concelho e de concelhos vizinhos. Foram indicados 84 educadores e trabalhamos com este público a pedido do CFAE, por solicitação dos diretores e presidentes de conselhos executivos das escolas associadas. A ação - seminário realizado mobilizou cerca de 60 educadores.

c) Da Escola Profissional

Os Professores indicados para a frequência da ação pertencem ao quadro de colocação da referida escola. Todo o corpo docente foi informado por via de circular interna e viríamos a trabalhar com 22 professores.

No âmbito deste estágio, conseguimos intervir com 271, pais e educadores de vários níveis de ensino, diretores, presidentes executivos e coordenadores dos programas de saúde nas escolas.

1.6. Avaliação de diagnóstico

O diagnóstico de necessidades é a etapa que está na base de todo o desenho de um projeto de intervenção comunitária, assim é fundamental para permitir um conhecimento profundo sobre a realidade contextual e os sujeitos alvo do projeto de modo a identificar, por um lado, as necessidades reais e, por outro, as fragilidades mas, sobretudo, as oportunidades e possibilidades de intervenção.

De acordo com Boutinet (1999: 262),

É necessário consagrar um certo tempo à análise da situação, na medida em que se vai tratar de identificar diferentes parâmetros a partir dos quais será pensado e concebido o dito projeto; esta análise, nos seus aspetos mais objetivos, revela-se essencial para impedir qualquer derivação do projeto. Ela visa descobrir os pontos fortes da situação, os seus aspetos positivos, ao lado das suas disfunções, das suas carências e das suas insuficiências.

Também Isabel Guerra (2002: 132) entende o diagnóstico como uma nomeação dos problemas, mas também dos recursos e potencialidades do meio de intervenção.

A análise das necessidades é basilar em todo o processo, porque ela determina o seu percurso e a definição dos objetivos em função das necessidades dos agentes e dos contextos, condicionando a intervenção e o seu resultado final. Segundo a mesma autora, é um “processo de pesquisa-ação participado” (idem: 129) pelo que deverá implicar, desde logo, todos os intervenientes, uma vez que se apresenta como “um instrumento de informação e pesquisa e um instrumento de participação de todos os que detêm elementos de conhecimento sobre a realidade” (idem: 132). Neste sentido, Serrano (1996) afirma que um diagnóstico bem feito exige constatar o meio, as contradições do contexto cruzando com a prática e os objetivos. Os

projetos são enriquecedores se conseguirem ser realistas, caso contrário, serão idealistas e, por isso, utópicos.

Em sede de diagnóstico subjacente ao projeto foram utilizadas várias técnicas, nomeadamente, a pesquisa bibliográfica e documental, observação participante, conversas formais e informais e inquéritos por questionário que aprofundaremos no ponto seguinte deste trabalho.

1.6.1. Técnicas e dados da avaliação de diagnóstico

Nesta fase do projeto, o investigador deverá ser um participante coletivo na resolução do problema, incorporando a “capacidade de aprofundar o conhecimento da situação local e geral, através da observação participante, de ouvir os outros, do questionar, da discussão e análise” (Erasmie & Lima, 1989: 47). Assim, no decurso da fase de diagnóstico foram levadas a efeito as técnicas supracitadas a fim de detetar as necessidades emergentes no seio da comunidade educativa.

Realizou-se na organização acolhedora a recolha de informação formal (documental) e informal. A importância da *pesquisa bibliográfica e análise documental* foi fundamental pelo facto de estabelecer um conhecimento mais aprofundado acerca da instituição e da temática, suporte sustentador de toda a ação. Procedeu-se à análise da informação proveniente da intervenção de outros atores na área e na escola, principalmente resultante da ação da Coordenadora do Programa da Saúde na Escola.

A **observação participante - constatação empírica** das vivências e experiências foi uma técnica útil de conhecimento das dinâmicas e práticas conhecidas na escola, permitindo reconhecer as potencialidades e necessidades do ponto de vista informativo e formativo. Esta técnica levou-nos a perceber que:

- A escola está aberta a novas dinâmicas de intervenção;
- Os constrangimentos dos horários dos professores não permitem um trabalho sistemático, diversificado e efetivo nesta área. Os professores acumulam cargos e os blocos de horários distribuídos para a sua execução dificultam um trabalho com visibilidade;
- As atividades realizadas decorrem, sobretudo, da colaboração de outros profissionais de saúde das parcerias da escola;

- Indicia que os atores (pais, professores e assistentes operacionais) são difíceis de mobilizar.

As *conversas formais* levadas a efeito possibilitaram uma análise pormenorizada da problemática para delinear e reorientar caminhos.

A *reunião com o Diretor da escola* possibilitou perceber quais as expectativas e limitações do projeto na organização. Desta reunião resultaram sinais de apreensão, recomendações para a forma de tratar a temática junto dos intervenientes, aspetos a atender numa perspetiva de autonomia para intervir.

As *reuniões realizadas com a Acompanhante do estágio*, a Coordenadora do Programa da Saúde na Escola, permitiram estabelecer prioridades, definir uma estratégia eficiente, eficaz e realista. A *reunião informal* com as professoras *responsáveis pelo Núcleo de Apoio Educativo e Apoio Social (NAE)* permitiu perceber a pertinência de um trabalho conjunto, por um lado e das possíveis ações, por outro.

A *reunião informal com a Responsável do CFAE* (Centro de Formação do Agrupamento de Escolas) de AB viabilizou a candidatura de ações de formação para educadores e professores de todos os ciclos a candidatar ao Conselho Científico da Formação Contínua de Professores, devidamente creditadas para progressão na carreira. Desta articulação resultou a candidatura das ações pela estagiária, deferidas e creditadas no formato “curso de formação”.

A *reunião com a entidade parceira Agrupamento de Escolas de A*, com a Sra. Diretora e Prof.^a responsável pela Promoção da Saúde/Educação Sexual, possibilitou articular as datas dos referidos cursos de formação. A ação do 2.º ciclo iniciaria a 08 de novembro de 2010. Foi agendada 2.ª reunião, 02 de novembro, para articulação das datas para ação do 1.º ciclo a iniciar no mês de dezembro. A estas sucederam-se as restantes ações, sendo dinamizada uma em cada mês.

As *reuniões com Diretores de Turma*, pela via da orientadora, permitiram um retorno de informação muito importante, enquanto elementos responsáveis pela dinamização do projeto de atividades junto dos seus alunos ao longo do ano. São agentes cuja implicação era fundamental no projeto e, nesse sentido, foi solicitada colaboração para realizarem com os seus alunos um Brainstorming para auscultação dos interesses e necessidades dos alunos de forma a serem atendidas aquando da dinamização do Gabinete de Apoio ao Aluno no âmbito da atividade “Dois

dedos de Conversa” a dinamizar pela estagiária. A *Reunião com o Responsável da Escola Profissional* resultou na formalização da parceria no sentido de se estabelecer trabalho em rede.

Outros encontros se sucederam, com *outros colegas professores de entidades potencialmente parceiras*, no sentido de se auscultar a pertinência da temática na operacionalização das suas funções como educadores. Os pareceres foram muito positivos e de incentivo à mobilização das suas organizações e demais colegas para futuras ações, o que viriam a acontecer em junho de 2011. Da articulação com a *Responsável do CFAE* (Centro de Formação do Agrupamento de Escolas) do MC no mês de outubro de 2010, resultaria o Seminário sobre a Educação Sexual na escola.

A par destas técnicas, realizaram-se *conversas informais* com múltiplos atores do projeto. Esta foi uma técnica muito utilizada, porque nos permitiu conhecer as motivações, expectativas e sensibilidade dos agentes da comunidade. As conversas informais com as Assistentes Operacionais foram pertinentes no sentido de perceber, por um lado, a motivação e sensibilidade para a temática e, por outro, as respetivas necessidades para melhor lidar com crianças e jovens. A receptividade foi positiva, embora se tenha concluído a necessidade de melhor aprofundar a opinião e os interesses deste público.

Assim, decidiu-se pela operacionalização de um *inquérito*¹ no sentido de reforçar os dados de diagnóstico existentes pela via das conversas informais. Os resultados desta ferramenta de diagnóstico foram importantes para perceber os campos de ação passíveis de intervenção por atividades futuras. Assim, foram entregues à chefe dos Assistentes Operacionais 60 inquéritos para distribuição, dos quais foram devolvidos 21 para análise, que corresponde à seguinte amostra: 10 em branco e 11 respondidos. Desta técnica resultaram os seguintes dados a analisar face às questões formuladas, atendendo que a grelha de avaliação remete à escala valorativa: *Nada Importante; Importante; Muito Importante e Fundamental*.

<i>Fundamental</i>	2 Assistentes Operacionais
<i>Muito Importante</i>	8 Assistentes Operacionais
<i>Importante</i>	1 Assistentes Operacionais
<i>Nada Importante</i>	0 Assistentes Operacionais

Quadro n.º 1: Importância da realização da ação “A sexualidade no jovem”

¹ Consultar Inquérito de Análise de Necessidades aplicado às Assistentes Operacionais em Apêndice I.

Podemos constatar que genericamente os Assistentes Operacionais valorizam a formação nesta área e todos apresentaram disponibilidade para formação futura. Inquiridos acerca dos temas do seu interesse nessa ação, verifica-se a seguinte hierarquização.

Como comunicar com os jovens	11 Assistentes Operacionais
Atitudes e valores face à sexualidade	9 Assistentes Operacionais
Normativos legais da ES em meio escolar	8 Assistentes Operacionais
O desenvolvimento humano e a sexualidade	4 Assistentes Operacionais
Prevenção e promoção da saúde sexual	4 Assistentes Operacionais

Quadro n.º 2: Temas a desenvolver

Também os pais foram auscultados por *inquérito*, possibilitando a identificação das suas necessidades informativas e formativas face à sexualidade juvenil. Assim, foram entregues aos Diretores de Turma, para fazerem chegar aos pais na reunião geral, 1400 inquéritos, dos quais foram devolvidos 587 para análise. Desta técnica, resultaram os dados que, de seguida, apresentamos numa escala valorativa: *Nada Importante; Importante; Muito Importante e Fundamental*.

À questão 1: “Acha importante realizar-se uma atividade de esclarecimento acerca do funcionamento da educação sexual nesta escola, como se vai implementar e que assuntos abordará com os alunos/filhos face à idade e ano de escolaridade”.

<i>Fundamental</i>	133 pais
<i>Muito Importante</i>	152 pais
<i>Importante</i>	245 pais
<i>Nada Importante</i>	20 pais

Quadro n.º 3: Avaliação de Diagnóstico aos Pais e Encarregados de Educação – Questão 1

Entenderam como uma ação *Fundamental* 133 pais, consideraram *Muito Importante* 152 pais, *Importante* 245 pais e, apenas, 20 pais não valorizaram e consideraram mesmo *Nada*

² Consultar Inquérito de Diagnóstico de Necessidades aplicado aos Pais e Encarregados de Educação em Apêndice II.

Importante. Apesar de 530 pais valorizarem a importância da ação, só deixaram contacto para futura convocatória 156 pais.

Há questão 2: “Acha importante realizar-se uma ação de formação para pais acerca da Sexualidade e Educação Sexual -“A SEXUALIDADE DOS NOSSOS FILHOS”.

<i>Fundamental</i>	70 pais
<i>Muito Importante</i>	107 pais
<i>Importante</i>	172 pais
<i>Nada Importante</i>	93 pais

Quadro n.º 4: Avaliação de Diagnóstico aos Pais e Encarregados de Educação - Questão n.º 2

Conforme resultados sistematizados na tabela anterior, entenderam como uma ação *Fundamental* 70 pais, consideraram *Muito Importante* 107 pais, *Importante* 172 pais e 93 pais consideraram *Nada Importante*.

Apesar de 349 pais valorizarem positivamente esta ação, só deixaram contacto para futura convocatória 99 pais. Verificamos que 72 pais sugerem estar disponíveis para as duas ações.

Embora se assuma que o número de pais e encarregados de educação do universo de alunos da escola é significativo face à percentagem da amostra recolhida e, comparativamente, nos remeta a conclusões de pouca participação dos pais na vida da escola, entendemos que superaria todas as expectativas se as ações viessem a ter a representatividade e adesão que os pais assumiram em inquérito, o que posteriormente não se confirmaria.

Ainda referiria que as comunicações realizadas pela estagiária em seminários anteriores a este estágio nesta área foram importantes por deixarem antever uma realidade imaginada mas não confirmada. Assim, foi também mais um indício da necessidade de formação específica sobre os normativos legais de enquadramento da educação sexual, valores, atitudes e a dimensão ética da sexualidade, indicadores muito importantes aquando da definição da área de intervenção do projeto.

A análise de toda a informação obtida nesta fase indiciava, como era expectável, a necessidade de intervenção nos três eixos de intervenção deste projeto, nomeadamente nos três

públicos previamente definidos como prioritários: professores, pais e assistentes operacionais. O desenho do projeto atendeu aos eixos delineados porque acreditamos fazer um trabalho transversal e necessário nesta matéria, acrescentando um quarto eixo a intervir – alunos, colaborando com a escola na criação, divulgação e dinamização do Gabinete de Apoio ao Aluno (GAA).

1.7. Finalidade e objetivos da intervenção

Um projeto de intervenção implica uma definição clara da finalidade e é face a esta que se estrutura toda a abordagem, uma vez que “as finalidades indicam a razão de ser de um projeto e a contribuição que ela pode trazer aos problemas e às situações que se torna necessário transformar” (Guerra, 2002: 163). As finalidades orientam e determinam as escolhas dos atores implicados no projeto.

O presente projeto adotou a **finalidade** de sensibilização e formação dos agentes (docentes, não docentes e pais) da comunidade escolar da Escola Secundária e outras escolas da periferia acerca da intervenção e abordagem à saúde no geral e a educação sexual em particular. Pretendia-se implementar um projeto de investigação-ação participativa como um processo de pesquisa e intervenção, visando promover a informação e formação da comunidade escolar (docentes, assistentes operacionais e pais) no sentido da produção de conhecimento orientado para melhoria de práticas e respostas, com a participação ativa dos atores.

Para atingir a finalidade, é necessária a formulação dos objetivos gerais, os quais enunciam “grandes orientações para as ações e são coerentes com as finalidades do projeto, descrevendo as grandes linhas de trabalho a seguir...” (Guerra, 2002: 163-164). Atendendo ao citado, os objetivos gerais devem exprimir-se em verbos operativos que sejam mobilizadores de transformação e deverão ser congruentes com a(s) finalidade(s) e devem ser propulsores das atividades a adotar. Os **objetivos gerais** do projeto passaram por:

- Colaborar com a equipa de Promoção da Saúde Escolar/Educação Sexual na intervenção com os alunos;
- Sensibilizar e refletir com os pais a sexualidade e manifestações no desenvolvimento;
- Formar professores no âmbito da Educação Sexual para melhor operacionalizarem os normativos reguladores da Educação Sexual em meio escolar;

- Informar/Formar assistentes operacionais no sentido de melhorar as práticas profissionais.

A concretização dos objetivos gerais só é exequível mediante a enunciação dos **objetivos específicos**, os quais “exprimem os resultados que se espera atingir e que detalham os objetivos gerais, funcionando como a sua operacionalização” (Guerra, 2002: 164). São formulados em termos operatórios e definem pormenorizadamente os trajetos a percorrer para atingir os pressupostos desejados e esperados, daí serem considerados como metas. Tal como referem Randolph & Posner (1992: 29), são “princípios de orientação que norteiam os esforços dos membros da equipa desenvolvidos no sentido de contribuir para alcançar o alvo do projeto”. A fim de concretizar os objetivos gerais, foram traçados os seguintes objetivos específicos:

- Implementar e dinamizar o Gabinete de Apoio ao Aluno (GAA);
- Dinamizar ações de informação e de formação para pais;
- Realizar ações informativas/formativas para educadores e professores;
- Promover ações de formação/reflexão com assistentes operacionais no sentido de melhorar a compreensão e atuação com os alunos face à sexualidade e suas manifestações.

Entendemos que os objetivos definidos são consonantes com aquilo que no diagnóstico ficou visível, estabelecendo uma relação inequívoca com as possibilidades de intervenção que privilegia a comunidade escolar de forma sistémica. Ainda assim, era nossa pretensão ir mais longe, dando algum contributo à comunidade escolar a nível concelhio.

CAPÍTULO 2 - ENQUADRAMENTO TEÓRICO DA PROBLEMÁTICA DO ESTÁGIO

2.1. Introdução

Neste capítulo pretendemos analisar conceptualmente os contributos dos autores nesta matéria. Atendendo à abrangência científica desta área do conhecimento, a delimitação das temáticas constituiu-se como uma limitação ao estudo. No entanto, as opções tomadas foram no sentido de que seriam pontos de reflexão chave no tema em questão. Prioritariamente, abordaremos a evolução normativa em Portugal de forma a compreendermos as suas limitações na história. Analisaremos os conceitos “sexualidade” e “educação sexual”, contextualizando-os na organização escola enquanto veículo socializador e modelador da cidadania. Valorizaremos o papel da família como o principal agente da educação e dos agentes da comunidade escolar, com destaque para os professores enquanto atores privilegiados para desenvolver com as crianças e jovens uma Educação Sexual formal. Os restantes atores da escola, assistentes operacionais e demais técnicos, constituem os educadores sexuais informais, não menos importantes que os anteriores, aos quais é necessário também um olhar atento, não esquecendo que têm necessidades de valorização e de aprendizagem ao longo da vida.

2.2. Contextualização normativa da educação sexual em Portugal

A partir do século XVII, a infância passa a ser considerada como o período de vida que ocorre entre o nascimento e a puberdade. Até então, a criança era vista como um adulto pequeno e não recebia uma educação específica, era implicada precocemente no trabalho e nas preocupações dos adultos. A partir deste século, por influência de movimentos humanistas, o papel da criança altera-se. Também a prática do sexo era compreendida como atividade pecaminosa e não merecia qualquer aceitação e acreditava-se que a inocência era proveniente da ignorância sobre as questões relacionadas com a sexualidade. Com base nestes conceitos, valorizou-se um tipo de educação que mantinha as crianças sem informação e impunha-lhes um padrão que reprimia as expressões da sexualidade. Procurava-se afastá-las da curiosidade sobre os comportamentos sexuais. Ainda hoje, podemos evidenciar resquícios sociais de tais padrões educacionais traduzidos na angústia de adultos face às manifestações da sexualidade infantil.

No decorrer do século XX verificaram-se mudanças no que se refere aos padrões que a sociedade aceita face às diferentes manifestações da sexualidade. A Educação Sexual em Portugal tem

percorrido um longo e difícil processo em termos do estabelecimento de uma política educativa. A sua intervenção em Portugal tem, ao longo do referido século, despoletado o confronto ideológico e político sem, no entanto, contribuir para a necessária mudança que a temática reclamava, perpetuando barreiras à sua implementação nos contextos educativos e protelando no tempo em mais de 20 anos.

Assim, verificamos que até 1974, o Estado exercia grande influência no sistema educativo português e, por tal, a educação assentava em valores e tradições nacionalistas, só acessível aos mais beneficiados social e financeiramente.

Constatamos que, em tempos não muito longínquos, o modelo de educação sexual em vigor era o modelo de negação. Entendia-se, por isso, como certo, separar quer física, quer socialmente, rapazes e raparigas, havendo sempre a obrigatoriedade de vigiar as suas, embora poucas, interações, evitando o convívio entre jovens de diferentes sexos. O ensino dividia as escolas para rapazes e raparigas, funcionando em edifícios separados.

Imperava um silêncio e omissão total - educação informal que é, também, uma forma de educar, neste caso negativamente, por parte dos pais, professores e outros agentes da comunidade, de que não é alheia a Igreja Católica e seus representantes, influenciando o desvio do estudo destas matérias (López & Fuertes, 1999). No entanto e, apesar disso, viria mais tarde a aceitar a temática da sexualidade na vida do casal e, por conseguinte, a contraceção de forma natural como forma de planeamento familiar.

Os manuais escolares não faziam qualquer referência de conteúdo, os sistemas de reprodução humana não eram tratados e as imagens da figura corporal não tinham a representação dos órgãos sexuais, passando informalmente uma mensagem subliminar negativa em relação à sexualidade e ao corpo. A sexualidade e a reprodução eram temas tidos como inconvenientes socialmente, pecaminosos no contexto familiar, perigosos e dispensáveis nas aprendizagens escolares. Este modelo educativo refletia uma época de grande retração da sociedade portuguesa, resultante de um sistema político ditador e, por isso, responsável por um ambiente moral autoritário, fechado e conservador.

Em Portugal, a implementação da Educação Sexual teve início ainda antes da Revolução de 25 de Abril de 1974. Um ano antes, em 1973, foi criada, por despacho, pela primeira vez no nosso país uma *Comissão interministerial para o estudo da educação e sexualidade* composta por técnicos, dos quais, profissionais de saúde, profissionais de saúde pública e de saúde escolar (Vaz et al., 1996; A.P.F., 2005) e outras personalidades com ideias liberais quanto à sexualidade e que defendiam a

integração das questões da educação sexual nos estabelecimentos de ensino e encetaram diálogo quer com a Igreja quer com o regime político no sentido de produzir avanços e influenciar mentalidades. Esta abertura só foi possível graças à forte contestação em relação à política repressiva imposta pela ditadura e, também, por uma facção da Igreja Católica aberta ao diálogo.

Esta comissão, em plena reforma de Veiga Simão, teve o mérito de chamar a atenção, pelo documento surpreendente, audaz e atual produzido, para a importância da representação dos órgãos sexuais do corpo humano e aparelho reprodutor nos manuais e materiais escolares e viria, também, a influenciar a publicação da lei sobre Coeducação por um trabalho que apontava as vantagens de promoção de uma educação mista em que rapazes e raparigas se pudessem relacionar. Apesar da sua curta atividade (cessou em 1973), a educação mista na escola pública viria efetivamente a acontecer, constituindo um momento de viragem prospetiva na forma como se passava a encarar a sexualidade.

Apesar da reforma de Veiga Simão nos anos 70 e das mudanças introduzidas por esta no sistema educativo, nomeadamente a escolaridade obrigatória, a educação pré-escolar e a formação profissional, até 1984 não se registaram quaisquer tentativas de persuasão para introduzir a Educação Sexual nas escolas, nem se produziu matéria legislativa, tendo esta temática ficado como que “adormecida” numa sociedade atormentada pela ditadura.

A partir de 1974, assiste-se a uma viragem social, no entanto e, apesar de o planeamento familiar ser constituído como um direito (art.º 67º alínea d), não era ainda o “momento” para a educação sexual no contexto educativo, embora tenha sido por esta altura que começaram a surgir, com mais firmeza, pessoas a defender a necessidade da educação sexual na escola, sobretudo por transformações ocorridas noutros países europeus e ao número alarmante de grávidas adolescentes (Frade et al, 2003).

Também o aparecimento de novas doenças sexualmente transmissíveis, como a SIDA e a Hepatite B, impulsionaram os profissionais de saúde e educação para uma certa pressão junto do poder político para que a educação sexual se fizesse nas escolas.

Assim sendo, até à década de 80, não há registos de temas como a reprodução humana nos currículos do ensino básico. O Ministério da Educação decidiu que, no 1.º ciclo, o assunto deveria ser falado na disciplina de Meio Físico e Social, no contexto das ciências da natureza, como uma função biológica; no entanto, os manuais reduziram as funções biológicas às funções vitais, excluindo assim a função reprodutora humana. A partir de 1977, a Direção-Geral do Ensino Básico solicitava aos professores de Ciências da Natureza do 2.º ano do Ensino Preparatório, atual 6.º ano, que lecionassem

o conteúdo relacionado com a reprodução, logo no início do ano letivo, incluindo outros aspetos da educação sexual. Porém, verificou-se que os docentes protelavam essa unidade para o final do ano letivo que nunca viria a ser abordada por alegada falta de tempo para o cumprimento do programa (Sampaio, 1987).

De facto, depois do 25 de Abril de 1974 foram precisos 10 anos para que a Assembleia da República aprovasse a primeira lei a regulamentar a Educação Sexual. Viria a ser aprovada em 1984, pelo Parlamento, na sequência de forte debate público sobre a importância das consultas de planeamento familiar face ao aumento de gravidezes indesejadas e, conseqüentemente, o recurso ao aborto, assim, esta questão veio por arrastamento associada à questão mais mediática da legalização do aborto.

A Lei 3/84, de 24 de março - Direito à Educação Sexual e Planeamento Familiar, aprovada na Assembleia da República, foi um marco conceptual importante mas, nem por isso, evitou o sistemático adiamento do tratamento da temática em contextos formais em Portugal. Na verdade, foram precisos mais 26 anos para vermos essa realidade. Noutros países em igual período de tempo (1956-1977), a educação sexual tornar-se-ia obrigatória com programas bem definidos (Sanchez, 1990).

A Lei 3/84, de 24 de março, no seu artigo 1.º, define o papel do Estado Português nesta matéria: “O Estado garante o direito à educação sexual, como componente do direito fundamental à educação”. Também no artigo 2.º no ponto 2 podemos constatar:

Os programas escolares incluirão, de acordo com os diferentes níveis de ensino, conhecimentos científicos sobre anatomia, fisiologia, genética e sexualidade humanas, devendo contribuir para a superação das discriminações em razão do sexo e da divisão tradicional de funções entre homem e mulher.

Este normativo consagrava ainda especial atenção à formação de docentes nesta área, o apoio aos pais no acompanhamento sexual dos seus filhos e constituía-se a possibilidade de inclusão efetiva de conteúdos como o sistema reprodutor humano nos manuais escolares (Silva, 2004).

Infelizmente, esta lei carecia de regulamentação num prazo de seis meses e nunca veio a ser regulamentada na parte referente à educação sexual, tendo apenas sido publicada a Portaria 52/85 que revogava o impedimento do acesso dos jovens às consultas de planeamento familiar. Ficava mais uma vez adiado o trabalho já sistematizado nesta área, só continuado pela ousadia da intervenção de algumas associações como foi o caso da APF (Associação para o Planeamento da Família) que foi

dando resposta ao ponto 3 do artigo 2.º da referida lei, implementando ações de formação a docentes e atividades de educação sexual a alunos a pedido das escolas e dos técnicos.

Deveras, só a partir de 1986 é que se verificaram alguns avanços legislativos, passando a Educação Sexual a ser incluída nos planos curriculares pela aprovação da Lei de Bases do Sistema Educativo - Lei nº 46/86, de 14 de outubro, onde se pode ler no nº 2 do artigo 47º:

Os planos curriculares do ensino básico incluirão em todos os ciclos e de forma adequada uma área de formação pessoal e social, que pode ter como componentes a educação ecológica, a educação do consumidor, a educação familiar, a educação sexual, a prevenção de acidentes, a educação para a saúde, a educação para a participação nas instituições, serviços cívicos e outros do mesmo âmbito.

Embora envolvida numa componente mais ampla, pela primeira vez, o Sistema Educativo Português assume que tem responsabilidade na educação sexual, mostrando a vontade da escola em se abrir a temáticas não apenas académicas, mas também ligadas ao desenvolvimento e à vida das crianças e dos jovens. Contudo, nunca chegou a haver uma verdadeira implementação devido a dificuldades de vária ordem: conceitos diferentes, resistências, problemas políticos, entre outras. Os avanços legislativos nesta matéria não promoveram mudanças na realidade que se vivia, pois eram ainda muitos os constrangimentos sociais à concretização do processo de aprendizagem sexual nos estabelecimentos de ensino.

Depois de aprovada a Lei de Bases do Sistema Educativo (L.B.S.E) e a Reforma do Ensino de 1988-1991, em 1989, pelo Decreto-lei nº 286/89, de 29 de agosto, concretiza-se o já disposto na Lei de Bases do Sistema Educativo (n.º 2 do artigo 47º) uma nova área de objetivos e ação pedagógica que incluía a Educação Sexual, criando a disciplina de Desenvolvimento Pessoal e Social que, na maioria das escolas, nunca foi lecionada. Esta área transversal inclui uma vertente de saúde no 2.º e 3.º ciclos mas concorre com a disciplina de Religião e Moral Católicas que desenvolvia os seus conteúdos programáticos pelo referenciado no artigo 47.º da L.B.S.E. Nas regiões mais conservadoras, a disciplina de Desenvolvimento Pessoal e Social era esvaziada de alunos, deixando de ser opção na escola. Cria, também a Área-Escola, área curricular não disciplinar, onde seria possível abordar esta temática (APF, 2005).

Segundo Frade (1999), alguns grupos de trabalho, nomeadamente a APF e uma Equipa do próprio ME e da Reforma Curricular, desenvolviam trabalho neste âmbito, assim como preparavam os programas da disciplina de Desenvolvimento Pessoal e Social que contemplavam a educação sexual (Frade et al., 2003). Contudo, os professores desta disciplina manifestavam lacunas de formação na

área da educação sexual, não se traduzindo na necessária intervenção nesse enquadramento disciplinar.

No pré-escolar, dá-se mais um passo nesta matéria, em 1997, com a publicação da Lei-Quadro de Educação Pré-escolar – Lei nº 5/97 e das Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar – Despacho nº 5220/97. No artigo 10.º da Lei-Quadro de Educação Pré-escolar são publicados nove objetivos da educação. Em dois deles, o ensino de educação sexual está mesmo subjacente, sendo um dos componentes que irão contribuir para o desenvolvimento pleno da criança, a saber:

d) Estimular o desenvolvimento global da criança no respeito pelas suas características individuais, inculcando comportamentos que favoreçam aprendizagens significativas e diferenciadas e g) Proporcionar à criança ocasiões de bem-estar e de segurança, nomeadamente no âmbito da saúde individual e coletiva.

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar aparecem na sequência da Lei-Quadro do Pré-escolar que tem na base estes objetivos e fazem referência a diferentes áreas onde é mencionado pela, primeira vez, a área de Desenvolvimento Pessoal e Social. Menciona ainda:

A educação pré-escolar cria condições para o sucesso da aprendizagem de todas as crianças, na medida em que promove a sua autoestima e autoconfiança, e desenvolve competências que permitem que cada criança reconheça as suas possibilidades e progressos. Os diversos contextos de educação pré-escolar são, assim, espaços em que se constroem aprendizagens, de forma a favorecer a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança.

As preocupações crescentes da população relativamente a doenças, consciencializando para a necessidade de intervenção como forma de prevenção das então denominadas DST's (Doenças Sexualmente Transmissíveis) onde se inclui o HIV/SIDA e as gravidezes na adolescência estiveram na base do Programa de Promoção e Educação para a Saúde (PPES) e, em 1995, é implementado a título experimental, o projeto "Educação Sexual e Promoção da Saúde nas Escolas" pelo PPES e pela APF em regime de parceria com a Direção-Geral de Saúde (DGS). Este projeto resultou no texto "Orientações Técnicas para a Educação Sexual em Meio Escolar", usado hoje por muitos docentes, educadores e outros entusiastas da temática. As campanhas levadas a efeito permitiram um processo de transição e de reforma no sistema educativo (Vaz et al., 1996; APF, 2005).

Começa a encarar-se esta temática como um conceito mais amplo que abrange, a par dos aspetos biológicos, o desenvolvimento pessoal, psíquico e social.

A nova proposta de Educação Sexual refere um conjunto diversificado de temas que, no 1.º ciclo, se agrupam em quatro áreas: o corpo sexuado; a sexualidade e as relações interpessoais; as expressões da sexualidade e o nascimento. A função reprodutora/sexual aparece, pela primeira vez, nos conteúdos de Estudo do Meio, embora integrados na matéria das funções vitais do corpo humano, no que toca à reprodução humana.

Em 1998, é publicado o Decreto-lei 115A/98 que confere a autonomia das escolas e a sua descentralização mas, em junho desse ano, o referendo sobre a despenalização do aborto, um tema que dividiu opiniões e promoveu as mais acérrimas defesas ou condenações, provocou o debate e reforçou a ideia de que a Educação Sexual era necessária “como forma de prevenir e reduzir a ocorrência de gravidezes não desejadas e o conseqüente recurso ao aborto” (Frade et al, 2003: 17).

É com a Resolução do Conselho de Ministros nº 124/98, de 21 de outubro que, efetivamente, se avança para um conceito de Educação Sexual que engloba as vertentes pessoal e social, propondo-se a elaboração de um Plano de Ação Interministerial sobre Educação Sexual e Planeamento Familiar, onde é referida a promoção do “desenvolvimento de referências éticas, de atitudes, de afetos e de valores na família, na escola e na sociedade” e da “consciência clara da importância da tomada de decisão, de recusa de comportamento não desejado e do conhecimento dos recursos para apoio quando este for considerado necessário”. Parecem estar, assim, criadas condições para a implementação da educação sexual em ambiente escolar.

Em agosto de 1999, o Parlamento aprovou uma nova legislação sobre educação sexual – a Lei 120/99, de 11 de agosto - Reforço das Garantias do Direito à Saúde Reprodutiva que vem apresentar a forma como a Educação Sexual deve ser encarada dentro da comunidade educativa, reafirmando a indispensabilidade de ser desenvolvido um programa de Educação Sexual nos ensinos básico e secundário, preconizando uma diversidade de conteúdos a serem implementados nos estabelecimentos de ensino, nomeadamente educação sexual e saúde reprodutiva, prevenção das infeções sexualmente transmissíveis (IST's), planeamento familiar e interrupção voluntária da gravidez (IVG). Posteriormente, a publicação do Despacho Ministerial nº 15 587/99, de 12 de Agosto, viria a criar a Comissão de Coordenação da Promoção e Educação para a Saúde.

Em outubro de 2000, o Decreto-Lei 259/2000, de 17 de Outubro, vinha regulamentar a Lei 120/99, onde se podiam ver clarificadas algumas estratégias de integração da Educação Sexual como prática regular na escola, estabelecendo na segunda e terceira alíneas do artigo primeiro, do capítulo primeiro que: a Educação sexual devia constar obrigatoriamente dos currículos e que o Projeto

Educativo de cada estabelecimento de ensino deve integrar estratégias de promoção de saúde sexual, como também o plano de trabalho de turma deve ser harmonizado, em consonância com os objetivos do projeto educativo da saúde sexual e compreender uma abordagem interdisciplinar de promoção da saúde sexual, de modo a garantir uma intervenção educativa integrada, efetiva e assertiva.

Ainda em outubro de 2000, é publicado o documento “Educação Sexual em Meio Escolar – Linhas Orientadoras” produzido no âmbito do projeto experimental. O documento ilustra o conceito, o quadro ético de referência e a metodologia da Educação Sexual, além de fornecer informação para o desenvolvimento de programas para a formação de professores e articulação entre a escola e a família. Segundo Silva (2004), este guia foi pouco divulgado ficando quase em exclusivo em escolas da Rede Nacional de Escolas Promotoras da Saúde, não chegando à globalidade de escolas.

Assim, pouco se avançou e foi sendo sucessivamente adiada uma intervenção sistematizada e concertada na escola em matéria de educação sexual. O cenário não é pior graças a algumas, poucas, parcerias realizadas com associações que foram permitindo um trabalho com docentes e alunos. Inquiridas as escolas entre 1991 e 1993, sabe-se que, no primeiro, 75,3% das escolas não tinham recursos educativos com preparação para a implementação da educação sexual. Do segundo nunca foram conhecidos os seus resultados (Amaro, 2003).

Destaca-se, ainda, o Decreto-Lei 6/2001, de 18 de janeiro - Reorganização Curricular do Ensino Básico que vem estabelecer as Novas Áreas Curriculares e que refere a Área de Projeto e a Formação para a Cidadania como novas possibilidades para desenvolver o que é referido na L.B.S.E. quanto ao papel da escola na formação pessoal e social das crianças e dos jovens, estando a Educação Sexual integrada no Currículo Nacional do Ensino Básico como temática transversal às áreas curriculares disciplinares e não disciplinares.

Em 2004, o Ministério da Educação tem a intenção de criar a área curricular Formação e Desenvolvimento Pessoal, obrigatória do 7.º ao 9.º ano de escolaridade, onde se poderiam abordar temas como a alimentação, o tabagismo, a toxicodependência, o alcoolismo, a educação sexual e prevenção rodoviária. Estava novamente em cima da mesa a continuidade de políticas de prevenção de comportamentos de risco nos jovens e adolescentes.

No ano de 2005, por Despacho Ministerial n.º 19 737/2005 (2.ª série), de 15 de junho, legislava-se sobre a constituição do grupo de trabalho de educação sexual incumbido de proceder ao estudo e de propor os parâmetros gerais dos programas de educação sexual em meio escolar, na perspetiva da promoção da saúde escolar. Este grupo de trabalho apresentava um Relatório Preliminar

de Educação Sexual a 31 de outubro de 2005 que está na base do parecer do Conselho Nacional de Educação nº 6/2005, de 24 de novembro – Educação Sexual nas Escolas. Neste relatório, destacam-se alguns pontos menos positivos das políticas até então, nomeadamente a falta de avaliação dos projetos de Educação Sexual implementados nalgumas escolas, a inoperância dos Ministérios da Educação e Saúde para a implementação da Educação Sexual, a pouca participação de alunos e da família nos projetos de Educação Sexual, a diversidade infrutífera de protocolos com associações de várias orientações.

A 16 de dezembro era publicado o Despacho Ministerial de 25 995/2005 e o edital da DGIDC (Direção-Geral de Investigação e Desenvolvimento Curricular), de 2 de fevereiro de 2006, que aprovava as conclusões do relatório preliminar do grupo de trabalho de educação sexual, reafirmando os princípios orientadores das conclusões no que se refere ao modelo de educação para a promoção da saúde, enquadrando o desenvolvimento de um processo de implementação de programas e projetos sobre “Educação para a Saúde” nas escolas, nos quais se inclui uma componente de Educação Sexual. O Ministério da Educação assume responsabilidades na implementação da Educação Sexual e é graças ao trabalho da supracitada equipa que, aspetos foram tidos em consideração, nomeadamente a necessidade de articulação da escola com as famílias e com outros parceiros da comunidade, como por exemplo os centros de saúde, autonomia para que as escolas pudessem definir, planificar e concretizar os projetos de educação sexual e salvaguardar a transversalidade nas disciplinas incluindo o tema nas áreas curriculares não disciplinares (Área de Projeto, Formação Cívica e Estudo Acompanhado). Apontavam, também, a enorme necessidade de as escolas, em conjunto com os centros de formação, procederem a ações de formação, entre outras áreas, a da educação sexual.

O Despacho nº 15 987/2006, de 27 de Setembro, define as linhas de orientação e temáticas prioritárias no âmbito da Educação para a Saúde, a integrar obrigatoriamente no Projeto Educativo de cada Agrupamento/Escola, reforçando que a Educação Sexual faz parte da componente da Educação para a Saúde.

A 4 de janeiro de 2007, publicava-se o Relatório de Progresso do Grupo de Trabalho de Educação Sexual e, a 20 de fevereiro, pelo Despacho nº 2506/2007, designava-se a necessidade da figura do Professor Coordenador da Educação para a Saúde em cada Agrupamento/Escola, definindo algumas linhas de orientação para este professor coordenador da área temática da saúde.

O Relatório Final do Grupo de Trabalho de Educação Sexual (GTES) seria publicado a 7 de setembro de 2007 e aprovado pelo Diretor-Geral da DGIDC em 28 de novembro de 2007. Este relatório

do GTES veio enquadrar a educação sexual como uma das quatro componentes prioritárias do Projeto de Educação para a Saúde (PES), que integra, para além da área da “Sexualidade e Infecções Sexualmente Transmissíveis”, as questões da “Alimentação e Atividade Física”, dos “Consumos de Substâncias Psicoativas” e da “Violência em Meio Escolar”. (GTES, Relatório Final, 2007: 28-29).

O Despacho n.º 19 308/2008, de 21 de julho, no número 9 e alínea a) do número 10 determina, entre outros, que ao longo do ensino básico, em Área de Projeto e em Formação Cívica, sejam desenvolvidas competências no domínio da educação para a saúde e sexualidade.

Neste sentido, a Educação Sexual deve ser considerada obrigatória em todos os estabelecimentos de ensino e integrar o Projeto Educativo de Escola, sempre tendo em conta a especificidade da comunidade escolar (GTES, Relatório Final, 2007). É essencial que as escolas ajudem os seus alunos a desenvolverem um conjunto de competências que lhes permitam encontrar uma conduta sexual que contribua para a sua realização pessoal ao longo da vida.

Recentemente, a Lei n.º 60/2009, de 6 de agosto, que “Estabelece o regime de aplicação da Educação Sexual em meio escolar” veio tornar obrigatória a abordagem da Educação Sexual em contexto de sala de aula, pela necessidade de uma abordagem do tema de uma forma explícita, intencional e pedagogicamente estruturada.

Como constatamos, até 2009, a educação sexual nas escolas era uma questão arrastada ao mero plano das intenções, sendo que para chegar à atual legislação foi percorrido um caminho sinuoso e lento, esbarrando com muitos obstáculos ideológicos, culturais, valorativos e axiológicos que exigiram duas décadas e meia de maturação.

Atualmente, confrontamo-nos com um quadro legal e conceptual bastante mais claro e uma vontade política publicamente explicitada de desenvolver esta componente da educação dos alunos, o que veio a acontecer com a publicação dos mais recentes normativos. Com a publicação da Lei n.º 60/2009, de 6 de agosto, fica estabelecida a aplicação da educação sexual nos estabelecimentos do ensino básico e do ensino secundário, ficando excluído o ensino pré-escolar da intervenção formal. O referido normativo menciona as finalidades da educação sexual, a transversalidade curricular, a carga horária para cada ciclo de ensino e a necessidade de incluir a educação sexual obrigatoriamente nos projetos educativos e curriculares de turma, sendo esta, posteriormente, regulamentada com a Portaria n.º 196-A/2010, de 9 de Abril, que define as orientações curriculares adequadas, o quando, o como e o com quem, para os diferentes níveis de ensino. Estes normativos pressupunham a imediata implementação do projeto de educação sexual nas escolas e agrupamentos, no entanto, constatamos

que a necessária implementação é, ora lenta, ora adiada por necessidade de apropriação das escolas e dos seus agentes. Não obstante, temos agora, finalmente, o enquadramento legal e institucional necessário para a implementação de um projeto de educação sexual de turma.

A Educação Sexual foi introduzida no currículo formal, o que lhe confere um caráter de integração. Existe uma estruturação sequenciada de objetivos e conteúdos a desenvolver ao longo dos ciclos de estudo. As atividades previstas são integradas por níveis de conhecimento, competências e valores/attitudes de acordo com as fases do desenvolvimento.

Por estes atuais normativos, Lei n.º 60/2009, de 06 de agosto, e Portaria n.º 196-A/2010, de 9 de Abril, fica estabelecido o regime de aplicação da Educação Sexual em meio escolar. O artigo 2.º, da mesma Lei, declara constituírem finalidades da Educação Sexual:

a) A valorização da sexualidade e afetividade entre as pessoas no desenvolvimento individual, respeitando o pluralismo das concepções existentes na sociedade portuguesa. Esta finalidade pressupõe reconhecer a importância dos sentimentos e da afetividade, no entanto não nos deverá remeter só para esta dimensão, uma vez que trabalhar a sexualidade, não é somente trabalhar afetos, e quando assim é não estamos a intervir de forma integral, não fazendo uma verdadeira e completa Educação Sexual na Escola.

b) O desenvolvimento de competências nos jovens que permitam escolhas informadas e seguras no campo da sexualidade. O mais importante é, conforme relatório final do grupo de trabalho – Professor Daniel Sampaio, de 7 de setembro de 2007, pela nossa ação, desenvolver competências pessoais e sociais - atitudes que se traduzam em comportamentos preventivos adequados e não a fácil e mera transmissão de informação/conhecimentos incapaz de alterar indicadores de saúde sexual e reprodutiva, criando uma falsa sensação de segurança aos atores.

c) A melhoria dos relacionamentos afetivo-sexuais dos jovens. Nem sempre os relacionamentos afetivos são reconhecidos pela sociedade; sobretudo os jovens mais novos demonstram alguma desvalorização e dificuldade em lidar com os afetos/sentimentos, “em lidar com” e não podemos esquecer que estamos também a trabalhar competências de futuros pais.

d) A redução de consequências negativas dos comportamentos sexuais de risco, tais como a gravidez não desejada e as infeções sexualmente transmissíveis. Desenvolver as competências pessoais e sociais é trabalhar o “Saber dizer Não” a uma relação sexual não protegida e a outros aspetos das outras áreas da Educação para a Saúde. Implica educar a assertividade e a resiliência, trabalhando competências de comunicação interpessoal, de identificação e gestão de emoções, de

identificação e resolução de problemas, de procura de métodos alternativos de “lidar com” as situações problema, reforçando os *mecanismos de coping*.

e) A capacidade de proteção face a todas as formas de exploração e de abuso sexuais.

Também neste aspeto da sexualidade o trabalho a operar é no sentido de desenvolver as competências de “dizer NÃO”;

f) O respeito pela diferença entre as pessoas e pelas diferentes orientações sexuais.

Desenvolver, sobretudo, atitudes de aceitação mais do que de tolerância dos diferentes comportamentos e orientações sexuais. O verbo *aceitar* pressupõe: admitir, receber com agrado, reconhecer como verdadeiro ou possível, enquanto que o verbo *tolerar* significa sofrer o que não deveríamos permitir ou o que não nos atrevemos a impedir.

g) A valorização de uma sexualidade responsável e informada.

A educação Sexual é uma questão de educação para a saúde porque os ganhos beneficiam-na e é, também, educação para a cidadania. Por outro lado, não existe sexualidade responsável sem sexualidade informada. Informação é poder - para viver o sexo, o afeto, a reprodução com mais saúde e prazer.

h) A promoção da igualdade entre os sexos.

Importa desenvolver atitudes de reflexão e crítica face aos papéis estereotipados atribuídos socialmente aos homens e às mulheres, resultando em comportamentos menos sexistas. Também o professor enquanto agente educativo veicula uma mensagem implícita e explícita, assim, deverá gerir os seus próprios valores, opiniões e atitudes perante os alunos.

i) O reconhecimento da importância da participação no processo educativo de

encarregados de educação, alunos, professores e técnicos de saúde. É importante consciencializar que se todos somos parte do problema, também teremos que ser “todos” parte da solução, sendo que a educação sexual não é só responsabilidade dos pais, é responsabilidade de todos enquanto educadores formais e informais.

j) A compreensão científica do funcionamento dos mecanismos biológicos

reprodutivos. A educação sexual nas nossas escolas tem sido sobretudo a *compreensão científica do funcionamento dos mecanismos biológicos reprodutivos*, quase só. Já o dissemos, a informação é poder, mas a informação só por si não chega, assim não trabalhar atitudes nem promover comportamentos, é apenas um terço da tarefa.

k) *A eliminação de comportamentos baseados na discriminação sexual ou na violência em função do sexo ou orientação sexual.* A violência na escola é uma realidade e também tem aumentado o número de ocorrências de violência nas relações de namoro.

Os supracitados normativos clarificam de forma muito equilibrada a intervenção que urge realizar pelos agentes educativos. Vem recolocar a temática da Educação Sexual em contexto escolar dentro e fora de aula, esclarecer e apontar para uma abordagem formal, explícita, intencional e pedagogicamente estruturada, salvaguardando orientações legais e tendo em conta as questões e os anseios dos alunos e as preocupações dos pais e encarregados de educação.

Tal como os Relatórios do G.T.E.S o dão a entender, depois de muitos estudos, reflexões e experiências chegou-se, neste momento, a um entendimento de que a Educação Sexual deve ser inserida no conceito abrangente intitulado da Educação para a Saúde. Assim, a um conceito de Educação Sexual quase só bio-fisiológico e preventivo das IST (infecções sexualmente transmissíveis), ser-lhe-ão acrescentadas outras dimensões: psicoafetivas, culturais e éticas. A Educação Sexual foi definida como um processo pelo qual se obtém informação e se formam atitudes e crenças acerca da sexualidade e do comportamento sexual. É importante estimular os alunos a compreenderem que a saúde se relaciona com o desenvolvimento integral do ser humano. A ação dos agentes deverá contribuir para uma vivência mais informada, mais autónoma e mais responsável da sexualidade na área dos conhecimentos, sentimentos, atitudes e competências.

Os jovens, na escola ou fora dela, no meio familiar, no grupo de pares ou imersos nos meios de comunicação, estão sujeitos a perceções estereotipadas, idealizadas e fragmentadas sobre a sexualidade. Frequentemente, face a um conjunto de mensagens e de condutas, sentem-se sexualmente estimulados e sem acesso aos recursos necessários para viver a sua sexualidade de uma forma responsável. É de realçar a importância de desenvolver habilidades para realizar ações reflexivas, individuais ou coletivas, apelando a decisões nos estilos e/ou condições de vida que promovam a saúde sexual. Por seu lado, terá que se atender os outros referenciais legais na escola: o Projeto Educativo de Escola, o Projeto Curricular de Escola, Projeto de Educação para a Saúde, bem como o Plano Anual de Atividades onde se projeta o desenvolvimento de um conjunto de ações tendo em vista uma escola que educa para a Saúde.

De acordo com a legislação supracitada, é determinado que as Escolas incluam no seu Projeto Educativo as temáticas da Promoção e Educação para a Saúde nas seguintes áreas prioritárias propostas pelo Ministério da Educação (ME):

- 1) Alimentação e atividade física, com o objetivo de desenvolver hábitos de educação alimentar saudável e competências de higiene e segurança alimentar na escola;
- 2) Consumo de substâncias psicoativas, com o objetivo de divulgar/promover cultura científica, fomentando estilos de vida saudável de forma preventiva;
- 3) Sexualidade e Infecções sexualmente transmissíveis, designadamente VIH-SIDA, com o objetivo de contribuir para a diminuição de risco e para o aumento de fatores de proteção em relação à sexualidade;
- 4) Violência em meio escolar, com o objetivo de diminuir comportamentos de violência interpares nas relações interpessoais no contexto escolar.

Os atores desta intervenção na escola têm que ser todos os que nessa comunidade vivem: assistentes operacionais, funcionários administrativos, pais e encarregados de educação e outros elementos da comunidade educativa, professores de “todos” os grupos disciplinares, e não só de alguns e específicos, como vulgarmente se pensa, deverão contribuir, ajudando a desenvolver nos nossos jovens, competências de tomada de decisão concordantes com estilos de vida saudável, atendendo a que os hábitos adquiridos durante a infância e a adolescência determinam a qualidade de vida de cada um e da comunidade em que se inserem. Promover e Educar para a Saúde é uma responsabilidade de todos aqueles que são a “Escola”.

Entender a saúde hoje remete-nos a um conceito muito mais amplo de desenvolvimento, posicionando-o no desenvolvimento das competências pessoais, mas também sociais que atuam preventivamente na autonomização e emancipação em vários domínios, também na saúde.

O Relatório Final do Grupo de Trabalho para a Educação Sexual veio reforçar que a Educação Sexual faz parte da componente da Educação para a Saúde, enquadrando-a como uma das quatro componentes prioritárias do Projeto de Educação para a Saúde (PES) que integra, para além da área da Sexualidade e Infecções Sexualmente Transmissíveis, as questões da Alimentação e Atividade Física, dos Consumos de Substâncias Psicoativas e da Violência em Meio Escolar (GTES, Relatório Final, 2007).

Sendo assim a Educação Sexual deve ser considerada obrigatória em todos os estabelecimentos de ensino e integrar o Projeto Educativo de Escola, sempre tendo em conta a especificidade da comunidade escolar (GTES, Relatório Final, 2007). É essencial que as escolas ajudem os seus alunos a desenvolverem um conjunto de competências que lhes permitam encontrar uma conduta sexual que contribua para a sua realização pessoal, ao longo da vida. Não obstante de

todo o enquadramento legal e institucional de que dispomos atualmente para a implementação da Educação Sexual, no momento em que está a ser elaborado este relatório, o Ministério da Educação prepara-se para fazer mais uma revisão curricular que prevê a eliminação da disciplina de Formação Cívica nos 2º e 3º ciclos do ensino básico e no 10.º ano, mantendo a relevância dos seus conteúdos de modo transversal, apesar das opiniões contrárias, debates, protestos e abaixo-assinados.

2.3. A sexualidade e a educação sexual

A sexualidade foi, durante muitos anos, um grande tabu, esta era simplesmente ignorada e até ao século XIX era reduzida ao sexo, à prática sexual propriamente dita. A sua conotação negativa, que a circunscrevia apenas à reprodução, foi muito influenciada pela Igreja que inculcava “ a ideia do sexo, enquanto fonte de pecado, justificada apenas tendo como finalidade a procriação” (Nodin, 2000: 607).

Ao longo da história, o conceito sofreu evoluções e transformações que originaram mudança de comportamento face a códigos e valores associados ao sexo. A educação sexual era encarada unicamente como a realização de atividades com caráter informativo, versando temas relacionados com a saúde reprodutiva: anatomia, fisiologia da reprodução humana e contraceção. Também a evolução dos saberes em todas as áreas do conhecimento permitiram desvincular o conceito da reprodução, pecado e impureza para relacioná-la com afetos, prazer, comunicação, parentalidade responsável. A abrangência do conceito sexualidade é, ainda hoje, pouco conhecida pelas pessoas que trabalham com crianças. Assim, para alguns, as crianças continuam a ser seres puros e inocentes e as manifestações da sexualidade aparecem como algo inaceitável, feio e pecaminoso disso é exemplo o embaraço e atitudes que os agentes de educação ainda têm com as crianças e jovens perante expressões e terminologias relacionadas com a sexualidade.

Assim, os atuais receios na implementação da educação sexual têm ainda a sua génese nas referidas perspetivas do passado, redutoras da sexualidade ao sexo e ao sistema reprodutor. Apesar de a reprodução ser uma componente indispensável nos programas de Educação Sexual, está longe de compreender a abrangência do conceito. Posto isto, o conceito sexualidade é ainda considerado pela maioria das pessoas, incluindo educadores, um assunto do foro íntimo, interiorizado por cada um muito pelo contributo da educação recebida, pares, escola à época e meios de comunicação social. Esta interiorização feita pelo que se diz e não se diz, do que não se pode dizer, dos gestos, dos silêncios – informal e intuitiva, originou concepções, preconceitos e pré-conceitos, ideias e mitos que se foram transmitindo de geração em geração e cria, ainda hoje, visões redutoras e, por conseguinte,

resistências relacionadas com ideologias pessoais, convicções morais, religiosas e políticas. Citando professoras na reflexão individual do curso de Educação Sexual no âmbito deste projeto:

“a nossa geração foi educada sexualmente para o silêncio e obediência, o que nos levou a ter imensos preconceitos e mitos e a encararmos a sexualidade de uma forma muito redutora. Eu encarava-a principalmente do ponto de vista biológico. Quando trabalhava com os meus alunos atitudes e valores, não tinha consciência que estava a abordar a sexualidade!”

e, ainda, outra argumenta

“ Sendo cada um de nós, herdeiros de um passado em que o sexo era tratado como algo proibido, ainda hoje muitos educadores não se conseguem libertar, nem se sentem seguros e preparados para falar da sexualidade na escola”.

Não obstante, vive-se hoje uma sociedade extremamente sensual, onde a sexualidade vem ocupando um domínio que se desenvolveu e ganhou peso considerável ao longo dos séculos, na esfera da intimidade e da afetividade. O reportório sexual alargou-se, as normas e trajetórias da vida sexual diversificaram-se, os saberes e as representações da sexualidade multiplicaram-se.

As nossas crianças e adolescentes crescem envolvidos e bombardeados por informação proveniente de vários ângulos. Os pares, segundo Vilar (2003) representam a principal fonte de informação, e, apesar disso, sabemos hoje que são também estes que manifestam grande (desin)formação.

Logo a seguir os meios de comunicação são os grandes modeladores sociais, uma principal via de (in)formação nesta matéria e, segundo Suplicy (1995), dos diferentes meios de comunicação, a televisão parece ser o que mais influência tem nos jovens. Nos últimos vinte anos o sexo tem sido intensamente explorado pelos meios de comunicação, tanto com a finalidade de alcançar picos de audiência, como para publicitar produtos variados.

A televisão é, segundo o autor, o principal e poderoso comunicador de massas da atualidade, assim, educa positiva e/ou negativamente, cria padrões e veicula informações muitas vezes deturpadas, repetindo padrões irreais, criando estereótipos que não ajudam a conjugar sexualidade com responsabilidade e com equidade.

Também Vaz face à televisão reforça o seu papel cultural, afetivo, lúdico e pedagógico que torna omnipresente o tema da sexualidade:

a televisão, nomeadamente, assume uma posição central como fonte de informação nos países referenciados como desenvolvidos e em vias de desenvolvimento, não só pelas características audiovisuais que facilitam a atração e a assimilação, como pelo facto de ver televisão constituir uma das atividades diárias em que a criança despende mais tempo (Vaz, 1996: 19).

Todos estes veículos de (in)formação são modelos poderosos no desenvolvimento das nossas crianças e jovens. Também a proliferação de redes sociais introduz uma nova “janela” de exposição a diversos conteúdos de cariz eminentemente sexual e ao qual os jovens aderem cada vez mais cedo. Essa adesão precoce, é na maior parte das vezes, desregrada, descuidada e, sobretudo, absolutamente não acompanhada, uma vez que os pais não dominam as novas tecnologias em geral ou estes meios em particular.

Segundo López Sánchez (1990, cit. in Vaz, 1996), a sexualidade aprende-se através de informações, instruções e reforços do comportamento que podem assumir a forma de reforços, prémios ou punições pelos agentes educativos e, ainda, pela observação de modelos, nomeadamente comportamentos e atitudes, sobretudo quando se assumem significativos para o indivíduo. Este autor refere que os comportamentos sexuais são aprendidos muito por imitação, estão presentes nos meios de comunicação e em todos os modelos. Estes exercem grande influência sobre as crianças.

Assim, a sexualidade é algo que se constrói e se aprende, fazendo parte integrante do desenvolvimento da personalidade do indivíduo, é uma atividade física e mental que se desenvolve por aprendizagens que podem ser intencionais – formais, ou não intencionais – informais, construindo-se ao longo da vida de forma lenta e progressiva, ligada à afetividade jogando muito com a personalidade de cada um. A sexualidade tem que ser olhada, compreendida e trabalhada com a comunidade como prazer e descoberta, ela está presente na comunicação - palavra e gesto, nas relações - amizade e afeto, satisfação e sofrimento. A sexualidade expressa-se no que se sabe, no que não se sabe, nos sentimentos, atitudes e comportamentos, ela mediatiza toda a existência, aparecendo como experiência pessoal, fundamental na construção do sujeito.

A Associação de Planeamento Familiar entende-a como uma realidade multidimensional muito além da dimensão biológico-reprodutiva, onde se inscrevem as dimensões psicoafetivas, relacional, sócio cultural e ética. Contribui para a construção do “Eu em relação”, pelo melhor conhecimento do

corpo, da compreensão da sua origem, da valorização dos afetos e da reflexão crítica dos papéis sociais – papéis de género (Ministérios da Educação e da Saúde, APF, 2000).

A Organização Mundial de Saúde define a sexualidade como:

uma energia que nos motiva para procurar o amor, contacto, ternura e intimidade; ela integra-se no modo como nos sentimos, nos movemos, tocamos e somos tocados; é ser-se sensual e, ao mesmo tempo, ser-se sexual; ela influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e por isso influencia também a nossa saúde física e mental (OMS, cit. por Frade, Marques, Alverca & Vilar, 2001: 16)

A definição apresenta uma sexualidade enquanto energia sempre presente na vida do indivíduo, é uma forma de expressão dos afetos, de conhecimento e descobrimento de si e dos outros. Faz naturalmente parte do ser humano desde que nasce e ao longo da sua vida. Esta perspetiva de entender a sexualidade, com a qual nos identificamos, tem na base o modelo de Desenvolvimento Pessoal, anos 80 e assenta numa perspetiva construtivista da pessoa, e a sexualidade tida como uma construção pessoal. O conceito de sexualidade é entendido integrando as vertentes biológica, psicológica e social.

A sexualidade é um processo contínuo de desenvolvimento que inclui a comunicação, o afeto a descoberta e o prazer, aspetos que nos remetem às várias dimensões: biológica (sabendo como é constituído o nosso corpo, as diferenças físicas, as mudanças desde o nascimento até à idade adulta), psicológica (entendendo as emoções, capacidade de expressão dos sentimentos, emoções e sensações) e sociológica (desenvolvimento e relacionamento interpessoal, relação escola-comunidade-família). Entende-se que a educação sexual deve, assim, ser abordada de forma global atendendo a estas dimensões, uma vez que o ser humano é produto da relação dialógica entre elas.

O seguinte esquema sistematiza as dimensões e aspetos basilares que lhes são transversais.

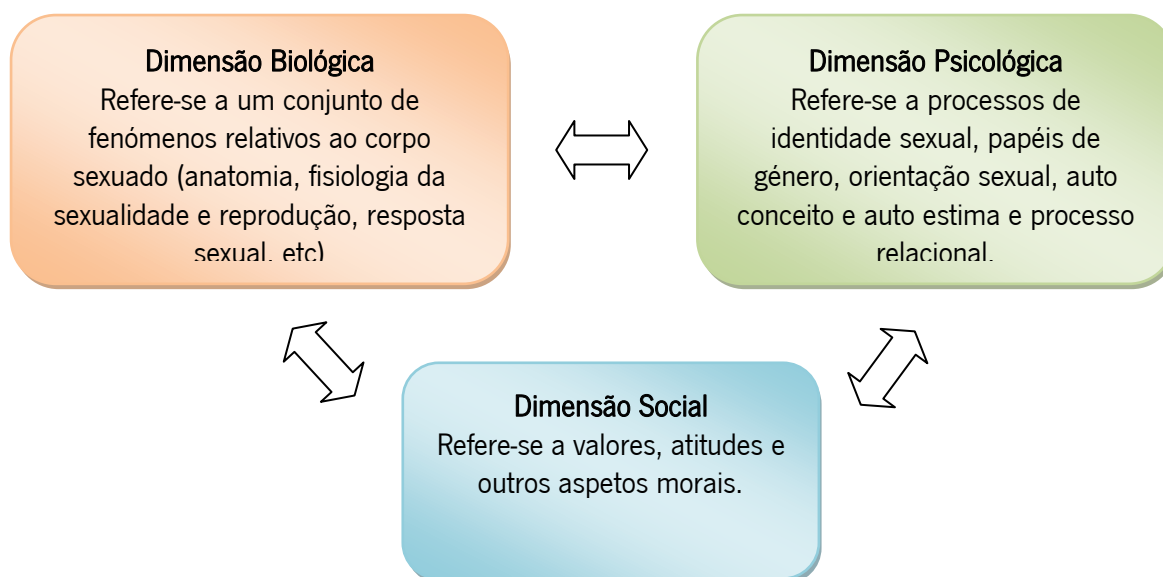


Ilustração n.º 1 - Esquema das dimensões do modelo de desenvolvimento pessoal (adaptado de Vaz et al., 1996)

Uma intervenção que atenda a esta visão holística de ver o ser humano pressupõe desenvolver conhecimentos científicos, atitudes democráticas de aceitação e de abertura e de responsabilidade e ética pelos valores. A importância de se educar para valores universais permite o desenvolvimento pessoal e integral dos alunos potenciando um estar mais assertivo na sociedade (Domingues *et al.*, 1996). A abordagem a valores na sexualidade (Kohlberg, 1987; Sampaio, 1987; Haydon, 1997) nomeadamente respeito por si e pelos outros, solidariedade e igualdade de direitos são fundamentais para um trabalho global neste âmbito.

Só o desenvolvimento global vivido de uma forma positiva e equilibrada pode contribuir para o equilíbrio integral, é um jogo relacional entre dimensões e, na sua dimensão mais elevada, falamos de expressão corporal e de capacidade de amar, de ser amado, pressupondo o “eu comigo e o eu com os outros em relação”. Tal como um jogo de construção, no qual se vão montando as peças, a identidade vai-se construindo de acordo com as experiências e os papéis sociais desempenhados ao longo da vida. Tendo em conta as ligações da sexualidade às outras dimensões da identidade pessoal, das relações interpessoais e a sua mediatização social, a educação sexual integra todo um conjunto de componentes de outras áreas de aprendizagem tais como os valores e os afetos, ou as questões do género, a estrutura de personalidade, as competências dos indivíduos para lidarem com a sua intimidade e com a dos outros. A sexualidade e afetividade constituem-se como elementos essenciais

na formação da identidade global, da autoestima, e de forma geral do bem-estar físico e emocional dos indivíduos. O atual desafio que os educadores (família e escola) têm nesta matéria é compreenderem esta relação integral que a sexualidade assume e reclama para uma educação sexual formal completa, e vista desta forma, a sexualidade entrecruza-se com outras questões: a alimentação, os comportamentos aditivos, a higiene, o corpo, as mudanças, a identidade, a personalidade, as relações (pares e namoro), a família, a violência/abuso, a autoestima e autoconceito, a gravidez e a contraceção, o aborto e as IST's, sendo que o seu tratamento deverá atender às suas múltiplas dimensões. A sexualidade é inerente à vida, aos pequenos hábitos de todos os dias e como a educação sexual se faz mesmo quando se nega fazer, é importante percebermos o que se transmite implicitamente e responsabilizarmo-nos, pelo construto conceptual de uma abordagem séria e explícita. Sabemos que muitos dos problemas ligados à vivência da sexualidade têm a sua origem na falta de informação e na ansiedade que gera. Da mesma forma, o não conhecimento destes assuntos poderá resultar numa baixa de autoestima, contribuir para um desenvolvimento não harmonioso, ou desencadear situações de culpa ou de medo.

A responsabilidade da educação sexual é, em primeira instância, competência da família, sendo a escola um agente que assume um papel complementar na educação sexual.

A família surge como o primeiro agente de socialização, ela é o “útero social” porque alimenta, protege e socializa a pessoa (Veiga, 1994). As primeiras aprendizagens são feitas na infância e são de extrema importância determinando a identidade do sujeito e a sua integração na vida adulta. Ela, na qualidade de primeiro agente socializador, desempenha um lugar inquestionável e insubstituível quanto à educação moral e social da criança e do jovem. É no seu seio que se experimenta as dimensões afetiva, amorosa e sexual, se percebem os modelos de ser homem ou ser mulher por via dos seus progenitores, que se constituem como agentes que educam os seus filhos para a sexualidade desde o seu nascimento.

Rocha entende que

a família, quando funciona adequadamente, é o lugar privilegiado da vivência/aprendizagem da identidade sexual, da coexistência ativa com os outros e da corresponsabilização social. Mais ainda: é aí que se pode fazer uma atuação/aprendizagem mais adequada de várias formas de educação (afetiva, erótica, social, e ética...) que têm reflexos importantes na educação da sexualidade” (Rocha, 1996: 134).

A abordagem familiar é um contributo impar e distinto, pela abrangência psicológica que implica, quer emocional quer afetiva, pelo que deverá envolvê-la enquanto parceiro nesta ação.

Não obstante a posição de educação privilegiada que a família ocupa e paralelamente verificarmos maior abertura para a discussão desta temática, muitos pais não se sentem à vontade, e muitas vezes são incapazes da abordagem com os filhos.

Na generalidade os pais estão conscientes que, de uma forma explícita, é sua responsabilidade informar/formar, mas sentem dificuldades e/ou insegurança. O facto de não terem tido este modelo na sua infância, fá-los sentir esta função parental como nova e, por isso, menos vivenciada. Para Gagnon e Simon, (1977) é compreensível que sejam os pais a educar sexualmente os seus filhos, no entanto estes são confrontados com certas limitações, quanto não seja pela exposição da sua sexualidade que é inibitório e constrangedor para os pais. Assim, ainda que a educação tenha na sua base a família, a realidade mostra-nos que estas têm transferido, mesmo que inconscientemente, esta tarefa para a escola por falta de segurança na sua abordagem. De qualquer forma, a educação sexual não poderia ser circunscrita só à ação educadora da família, uma vez que nem sempre os padrões de comunicação com as figuras parentais possibilitam a sua abordagem de uma forma assertiva, logo sem mitos, preconceitos e desinformação. Também nas famílias desestruturadas os modelos veiculados não preconizam uma educação sexual positiva. Este é um tema que, apesar da sua importância, suscita normalmente ironia mordaz, piadas, preconceitos e constrangimentos inibidores de conversas cientificamente sustentadas. Não poucas vezes a opção é, a via do silêncio, que é também uma outra forma de se abordar o tema, no entanto a educação sexual é feita mesmo quando se julga não o fazer.

Assim, é para nós claro que a educação sexual não tem que começar nem acabar na escola. Tem de continuar na escola e encontrar neste espaço especial de educação e aprendizagem as estratégias para o autoconhecimento, a promoção da autoestima, a assertividade, o respeito por si próprio e pelo outro e o sentimento do outro que promovam a vivência da sexualidade de cada um dos seus alunos.

As supracitadas razões são algumas das que “empurram” a educação sexual para a escola, no entanto se todos somos parte do problema, teremos necessariamente ser parte da solução, e cada um dos agentes família ou escola, deverão conhecer os seus papéis, procurando a escola atuar no complemento da família servindo, quando necessário, como modelo alternativo a esta, promovendo equidade.

Tal como refere Giddens,

As escolas são supostamente um meio pelo qual as crianças podem escapar aos aspetos restritivos dos meios sociais de onde provêm. Na média em que a educação está não só ao alcance de todos, mas também é por todos exigida, as crianças de origem pobre ou desprivilegiada tem hipóteses de se mover em sentido ascendente à escala económica e social, se obtiverem sucesso escolar. A educação de massas nas sociedades modernas está ligada a ideias de igualdade de oportunidades – as pessoas atingem posições adequadas aos seus talentos e capacidades (Giddens, 1997: 101).

Assim, a escola assume-se muitas vezes, pela ausência ou disfuncionalidade dos primeiros, como a “voz” alternativa a modelos de educação menos equitativos, responsabilizadores e promotores do necessário crescimento enquanto pessoa no mundo. Estando em causa o desenvolvimento e o bem-estar dos seus filhos e educandos, a família não deverá ser mantida em estado de dúvida ou desconfiança relativamente às iniciativas tomadas pelos professores ou pela escola no seu todo. A difusão da informação acerca das atividades escolares deverá ser entendida como uma premissa fundamental informando sobre objetivos e conteúdos da Educação Sexual, conforme normativos em vigor e proposta curricular aprovada em conselho de turma (artigo 11.º da Lei n.º 60/2009 de 6 de agosto; GTES, Relatório Final, 2007).

Parece consensual que a educação sexual deveria ser integrada nos conteúdos formais o mais cedo possível em simultâneo com a educação dada pelos pais/encarregados de educação e não “jogada” de forma irresponsável de uns para os outros. Deveria ser trabalhada sem temor ou constrangimentos entre as partes, não “sacudindo” responsabilidades, uma vez que todos são necessários numa Educação bem sucedida, onde é importante a coordenação de esforços numa tarefa que é de si longa e só assim poderá culminar num bom trabalho. Ao tabu e à fuga à responsabilidade de uns e outros subjaz o entendimento de uma sexualidade que se manifesta e interroga só em casa ou então, só na escola. Esta dicotomia corresponde a um paradigma que tem que ser ultrapassado.

Segundo Cortesão,

a sexualidade é uma dimensão da vida humana demasiado importante para que se deixe ao sabor do acaso ou da crença de que tudo o que diz respeito à sexualidade se faz por aprendizagem intuitiva. Os professores, quer queiram quer não, têm uma pesada responsabilidade à qual não se podem furtar: têm de refletir, de se preparar para criarem as condições necessárias a que as crianças cresçam em toda a sua plenitude e encarem de uma maneira sã tudo aquilo que diz respeito ao sexo para que se sintam bem consigo próprias, para que vão criando critérios e valores que lhes permitam viver uma vida com qualidade (Cortesão *et al*, 1989: 21).

Constatamos hoje um mundo em constante mudança e também a escola e a sua concepção alteram-se e parece difícil chegar a consenso sobre qual o seu papel e qual a sua função (Sampaio, 1987). Embora se confronte com limitações, a escola é um espaço com boas possibilidades de intervir já que estimula a literacia para a adaptação a uma sociedade competitiva e um mercado de trabalho sufocante, contribui também para o desenvolvimento social dos alunos numa perspetiva de participação ativa em processos democráticos (Harrison, 2000; Silva, 2002)

Assim, a escola constitui-se atualmente não só como espaço de aprendizagens e de convivência social, mas, essencialmente, como um lugar de interação, de relação, de cooperação, resolução de conflitos, de desenvolvimento global. Nela não só se adquirem as ferramentas de saber para enfrentar vida profissional, mas simultaneamente aprende-se a conviver, a compreender-se e a compreender o mundo. Promove a dinamização do conhecimento e da informação para a compreensão da realidade procurando, no limite, educar cidadãos participativos, interventores e responsáveis, através do questionamento constante de comportamentos, atitudes e valores capacitando os jovens para intervir na mudança, conduzindo ao exercício pleno da cidadania. A Escola afigura-se, assim, fundamental para a sustentabilidade e desenvolvimento da democracia pelo que deve ser sempre prioridade dos governos.

A escola tem um papel relevante na socialização das crianças e jovens e em conjunto com a família prepara os adultos de amanhã. Assim, no dia-a-dia da escola apercebemo-nos de atitudes e comportamentos dos nossos alunos, em matéria de sexualidade, que reforçam a necessidade de intervenção. Sendo a sexualidade transversal à vida, onde subjazem os rituais de descoberta, interagindo os domínios afetivos, comportamental e cognitivo, processos idênticos a outras aprendizagens que ocorrem ao longo da vida, a escola não pode ficar indiferente, e tal como noutros lugares as expressões de sexualidade surgem com naturalidade. Na escola - salas, corredores, intervalos e com a comunidade escolar, os nossos jovens se educam por currículos formais e também fora destes. Pereira e Freitas (2002: 34) refere “a escola é um lugar de extrema importância para o adolescente não só a nível dos colegas, como ao nível dos professores e funcionários. Estes são adultos, mas não são seus pais”.

A sociedade, por seu lado, espera também da escola um alargamento do domínio das suas funções, acrescentando ao seu domínio de ensino, outros como a educação e a proteção, transpondo da família para a escola competências anteriormente exclusivas da sua intervenção. A Escola tem hoje a responsabilidade da formação integral da pessoa nas suas múltiplas dimensões, não pode apenas

atuar num “acrescentar saber” mas potenciar o saber Ser e o saber Estar, que inclui as atitudes, os valores e os comportamentos (cf. Pérez Serrano, 1996).

Este quadro valorativo impõe uma nova atitude da escola face à adolescência, à família e ao trabalho necessário à educação para a cidadania. A Escola é um dos espaços privilegiados para a disseminação da Educação – Promoção da Saúde. O conceito atual de saúde preconiza a integração de intervenções preventivas globais, através da promoção de competências pessoais e sociais para a saúde, onde tem lugar a educação sexual, trabalhando-se a sexualidade de uma forma abrangente que mediatiza todo o ser humano, sendo transversal a todos os aspetos da vida humana.

Em Portugal, a Saúde Escolar, iniciada em 1901 e mantida durante todo o século XX, vem sendo sujeita a diversas reformas com o intuito de a adequar, por um lado, às necessidades da escola, e, por outro, às mais recentes preocupações de saúde.

Desde 2002, o Ministério da Saúde tem a tutela da Saúde Escolar, competindo a sua implementação, no território nacional, aos Centros de Saúde. A orientação técnico-normativa tem sido, até agora, o Programa-tipo de Saúde Escolar, aprovado em 1995 e vocacionado para a elevação do nível educacional e de saúde da população escolar. Entretanto, mudanças significativas ocorreram nos sistemas de saúde e de educação: novas estratégias, novas formas de gestão, novas orgânicas em ambos os Ministérios. Assim, a mudança na forma de operacionalizar a Saúde Escolar e de avaliar o seu impacto, foi uma necessidade, continuando a escola como espaço privilegiado para a sua promoção.

No contexto nacional, a legislação em vigor obriga à inclusão da Promoção e Educação para a Saúde no Projeto Educativo das escolas, considerando-a um espaço privilegiado de educação para os valores, e para promover a saúde, a formação e a participação cívica dos alunos. Este processo de aquisição de competências é passível de mobilizar aprendizagens e promover autonomia.

Tudo isto ganha significação na realidade da escola porque as sociedades evoluíram, criando novos cenários que impõem à escola atualização e modernização de estratégias, metodologias e conteúdos curriculares que vão muito além das competências da leitura, da escrita e do cálculo. Estes novos desafios que se colocam a par do trabalho de transmissão de conhecimentos organizados em disciplinas promovem também o desenvolvimento das potencialidades das crianças e jovens.

É o espaço de eleição para o estabelecimento de hábitos de vida saudáveis. A promoção e a educação para a saúde é um processo de capacitação, participação e responsabilização que inclui

como objetivos levar os jovens a sentirem-se competentes, felizes e valorizados, ao adotarem e manterem estilos de vida saudáveis.

A educação para a saúde não se pode limitar a adotar uma abordagem sanitária e específica da doença, nem privilegiar apenas a sua informação ou as suas características instrumentais. Implica também uma resposta organizada do sistema, no sentido de permitir que aquela tenha repercussões na vida das pessoas, no seu quotidiano.

Estamos perante um paradigma de educação para a saúde onde esta tem que ser vista e trabalhada como “um estado completo de bem-estar físico, social e mental e não apenas a ausência de doença e/ou enfermidade” (OMS, 1948). Este pressuposto sugere uma intervenção preferencialmente preventiva e que, mais do que informar, tem como objetivo o desenvolvimento de competências nos jovens de modo a torná-los agentes responsáveis e capazes de intervir ativamente e responsabilmente na vida comunitária.

A Educação Sexual, segundo o grupo de trabalho deverá ser:

um processo pelo qual se obtém informação e se formam atitudes e crenças acerca da sexualidade e do comportamento sexual. Tem como objetivo fundamental o desenvolvimento de competências nos jovens, de modo a possibilitar-lhes escolhas informadas nos seus comportamentos na área da sexualidade, permitindo que se sintam informados e seguros nas suas opções. A ES para os jovens tem como objetivo conseguir uma melhoria dos seus relacionamentos afetivo-sexuais, ao mesmo tempo que pretende reduzir as possíveis consequências negativas dos comportamentos sexuais, tais como a gravidez não planeada e as doenças sexualmente transmissíveis. Tem também como meta a necessidade de dotar os mais novos de capacidade de proteção face a todas as formas de abuso e exploração sexual. Numa perspetiva a longo prazo, a ES deve contribuir para a tomada de decisões na área da sexualidade durante toda a vida (Relatório Preliminar GTEs, 2005: 6).

As práticas de educação para a saúde devem, por isso, proporcionar situações conducentes à adoção e mudança de atitudes que vão de encontro a estilos de vida saudáveis.

Também a globalização social e o progressivo entendimento de uma cidadania mundial cria a necessidade de uma educação sexual que permita dotar os indivíduos de capacidades para uma correta gestão dos seus afetos de forma a garantirem o seu bom estado de saúde e bem-estar social. Trabalhar esta questão exige sempre uma tomada de posição relativamente aos valores éticos (Renaud, 2001). Ainda segundo o autor estes valores éticos assumidos são diferentes, variando do

ponto de vista do indivíduo face à sua própria sexualidade, do ponto de vista relacional, ou na tomada de posição pública, ou social.

Neste contexto de modernização, onde educar significa também educar para a cidadania/valores, a educação sexual surge como mais um desafio que exige respostas educativas eficazes à premência da sua implementação. A escola deve ser um espaço de diálogo sem juízo das concepções, valores e crenças pessoais, mas apesar de aberta e ouvinte, deverá ser orientadora e veiculadora dos valores universais básicos que são simultaneamente valores a trabalhar no âmbito da educação sexual, mas também valores que norteiam uma vivência plena e assertiva do ser cidadão.

Entendemos, assim, que educar globalmente e educar a sexualidade em particular, assenta no pressuposto de que haverá que dialogar a igualdade dos direitos e de oportunidades entre os sexos; o respeito pelo direito à diferença, quaisquer que sejam as suas características físicas e a sua orientação sexual; o direito a uma maternidade/paternidade livres e responsáveis; precisa de ter sentido crítico e compreensão do mundo para conseguir sair de si e compreender o outro. Por isso, é tão relevante que a família e a escola, enquanto agentes privilegiados de intervenção no âmbito da sexualidade, sejam capazes de transmitir uma visão positiva da sexualidade humana, centrada nestes valores humanistas: a igualdade de oportunidades de género, respeito pelos outros, pelas suas escolhas, pelo seu direito a dizer não e pelo seu direito a uma vivência saudável e feliz da sua orientação sexual.

É crucial compreender que a comunicação é basilar no envolvimento afetivo e amoroso, logo, na vivência da sexualidade e que a autonomia, a liberdade de escolha e a informação adequada são aspetos essenciais para a estruturação de atitudes responsáveis no relacionamento sexual, competência necessária para a recusa de expressões da sexualidade que envolvam violência e relações de dominação e de exploração.

Assim, a educação pode ser uma alavanca mobilizadora da ação tornando os nossos jovens em protagonistas e não apenas destinatários. Tal como refere Paulo Freire (2001: 53), "(...) a educação não é a alavanca para a transformação da sociedade porque poderia ser". Numa publicação posterior, o mesmo autor diz-nos que a educação pode ser norteadora de um processo contínuo de autoformação, mobilizadora de transformação individual, pela produção de saber refletido e não o consumo do saber por uma consciência bancária que "pensa que quanto mais se dá mais se sabe", não permitindo a autoconstrução da pessoa (Freire, 1979: 21).

Se a educação implicar mais os jovens produz-se desenvolvimento dos próprios e, conseqüentemente, da comunidade porque, segundo Adalberto Carvalho (2003: 108), a educação

“será, necessariamente, um processo de construção, ou seja, uma prática mediante a qual os homens estão construindo-se ao longo do tempo”.

É pela aprendizagem que se transforma o indivíduo, uma vez que “a participação garante que cada pessoa possa ocupar o seu lugar na sociedade e contribuir para o desenvolvimento da mesma” (O`Shea, 2003 cit. in Carvalho, 2003: 262).

Neste pressuposto,

a educação socializa não só reproduzindo, quando transmite conhecimentos, valores e normas de conduta, mas também produzindo laços com o mundo: na medida em que habilita o indivíduo para ser e para se rever como um membro deste (Gimeno Sacristán, 2001 cit. in Carvalho, 2003: 263).

A área agora em análise cruza e entrecruza com todos estes aspetos, expectáveis numa geração de futuro que se avizinha, e trabalhá-los é dotar os intervenientes de ferramentas fundamentais para a conceptualização que lhes permitirá reconhecer a sexualidade como fonte de prazer e de comunicação, como uma componente positiva e de realização do desenvolvimento pessoal e das relações interpessoais; de forma a valorizarem as diferentes expressões da sexualidade ao longo da vida, e como refere López Sánchez (1990) promovendo competências para adotarem comportamentos responsáveis e saudáveis.

Deve a escola, em prol de uma abordagem efetiva, com mudanças além do plano ideológico, estabelecer parcerias com a família, já o dissemos, e com a comunidade, valorizando os recursos do meio, permitindo uma interação positiva e diferenciada, sistematizando a intervenção interna e preservando e valorizando sempre os diferentes papéis que estão subjacentes a cada um. A intencionalidade educativa deve basear-se sempre no conhecimento da realidade: hábitos, costumes, limitações e contributos, no conhecimento prévio que as crianças já detêm (pré-requisitos), no conhecimento das características das crianças, individuais e do grupo, a idade, o nível de desenvolvimento, para intencionalmente definir os objetivos e selecionar as estratégias mais adequadas que privilegiem uma cultura de promoção e prevenção e não uma cultura de remediação.

Apesar do reconhecimento da pertinência da área na educação formal, apresenta-se como um desafio que, nem sempre, e nem todos os docentes estão predispostos a enfrentar, implicando repensar a sua forma de estar e de ser na e para a educação. A finalidade em educação sexual implica, inevitavelmente, promover nos alunos a capacidade de reflexão crítica e autocrítica, e envolvimento emocional moral, ético, social e cultural nas suas argumentações. Os professores distanciados de uma relação familiar com seus alunos detêm um posicionamento ideal, eles são

conhecedores das diversas metodologias ativas bem como o programa curricular. Apesar de que nos estudos de Sampaio (1987) e de Mendes (2002), os professores apresentam-se muito renitentes em assumir este papel, exatamente por considerarem não possuir formação adequada. Este facto sustenta a necessidade de proporcionar formação específica aos educadores para estarem preparados para lidarem com sentimentos e com o imprevisto e para eles próprios terem uma atitude aberta sobre a temática, sem crenças, mitos ou preconceitos sobre a sexualidade (Ribeiro, 1990).

O professor, enquanto educador e mediador da aprendizagem, fornece conhecimentos técnicos e estratégias, mas também problematiza situações quotidianas, questiona, desafia e incentiva o pensamento ético do aluno. O papel do professor enquanto agente de educação sexual é, em tudo, semelhante ao papel que desempenha diariamente na sala de aula, na medida em que o objetivo de ambas as situações se prende com a educação dos jovens. O professor é, inevitavelmente, modelo importante para os alunos, não só através do seu discurso, mas também através da sua prática e comportamentos. Na sua ação educativa, o educador deve ser o mais neutro possível, evitar juízos de valor, deve possuir conhecimentos específicos sobre o tema que está a abordar, intervir abordando as diferentes manifestações nas várias dimensões da sexualidade humana com verdade e rigor científico, adaptando os métodos e as técnicas aos objetivos e características do seu público.

A ação pedagógica intencionalizada contribui para o favorecimento de uma construção de sexualidade mais positiva, plena e consciente, na aquisição e estruturação dos conhecimentos, na interiorização pelo ensaio de valores e no desenvolvimento de práticas que vão constituir um suporte essencial para a cidadania. Atenderá a que o desenvolvimento da sexualidade é um processo contínuo ao longo da vida e que a expressão desta processa-se de forma diferente nos vários estádios de desenvolvimento e de acordo com as singularidades e características de cada um.

A sexualidade não pode deixar de ser feita horizontalmente, uma vez que pode ser aplicada em qualquer disciplina do currículo nacional. A abordagem pelo professor deverá ser formal, intencional e explicitamente a partir do projeto educativo, diagnosticando e planificando de forma a hierarquizar a sua intervenção segundo os seguintes indicadores:

- Identidade de género (masculino/feminino);
- Os afetos e a autoestima, isto é, os nossos sentimentos em relação a nós próprios e em relação aos outros, em relação a todas as mudanças do nosso corpo;
- As alterações físicas e psicológicas ao longo da nossa vida;
- Conhecimento da anatomia - fisiologia do sexo feminino e masculino;

- A higiene na puberdade;
- A gravidez, o parto, a maternidade e a paternidade;
- Os métodos contraceptivos;
- As infecções sexualmente transmissíveis.

Deverá consolidar conhecimentos acerca dos temas:

- A anatomia do corpo humano e sua evolução no desenvolvimento;
- A discriminação social baseada nos papéis de gênero;
- Os mecanismos básicos da reprodução humana, compreendendo os elementos essenciais da concepção, gravidez e parto;
- Os cuidados necessários com o recém-nascido e a criança;
- O significado afetivo e social da família, as diferentes relações de parentesco e os vários modelos familiares;
- A adequação dos diferentes contactos físicos face aos diversos contextos sociais;
- Os abusos sexuais e outros tipos de agressão.

(Ministérios da Educação e da Saúde, APF; 2000)

A abordagem da Educação Sexual é também uma forma preventiva de problemas sociais como o abuso sexual de crianças e jovens e a gravidez indesejada. Ela tem como objetivos segundo o relatório preliminar (GTES, Relatório Preliminar, 2005):

- Desenvolver competências nos jovens que permitam escolhas informadas e seguras no campo da sexualidade;
- Melhorar os relacionamentos afetivos – sexuais;
- Reduzir possíveis consequências negativas dos comportamentos sexuais, tais como a gravidez não planeada e as infecções sexualmente transmissíveis (IST);
- Desenvolver a capacidade de proteção face a todas as formas de exploração e de abuso sexuais.

Os professores têm reclamado formação contínua, no sentido de se sentirem mais preparados nesta área. A formação proporcionada desenvolveu ferramentas para o trabalho transdisciplinar, competências de conteúdo e de adequação às necessidades dos alunos, ao seu nível etário e de desenvolvimento, incidindo nas metodologias a aplicar.

Verificamos uma grande necessidade de consolidar e sistematizar as metodologias ativas, que, por serem mais significativas para os alunos, são aquelas que melhor se adequam à abordagem da educação sexual. A preparação dos docentes deverá proporcionar um conjunto de saberes que lhes permita intervir, promovendo junto dos alunos um trabalho de desenvolvimento de competências para o processo de tomada de decisão, para escolhas assertivas de forma a trabalhar a antecipação das consequências, resistência às pressões dos pares, a capacidade de identificar as situações de risco e formas de as ultrapassar, aceitação da diferença, o conhecimento e aceitação das mudanças e características do crescimento, a sua relação com a autoimagem e o autoconceito, a expressão dos sentimentos e enquadrar a sexualidade, relacionando-a com a afetividade.

Os professores, ao encetarem parceria com os pais, devem também ter capacidades de resiliência, uma vez que são bem conhecidas as dificuldades de implicação dos pais nas causas da escola. No entanto, não há dúvidas hoje que a promoção de um trabalho conjunto por uma cultura participativa pais/escola implicando o seu envolvimento nas aprendizagens dos alunos, apresenta ótimos resultados.

Por outro lado, a escola, ao tornar-se a promotora deste diálogo e ao enquadrá-lo pedagogicamente, cresce como instituição, alarga a sua área de influência, promovendo a educação pessoal e social das crianças e das suas famílias. Este é um desafio necessário, o de promover o diálogo no sentido de potencializar o envolvimento de todos neste processo.

É, por isso, fundamental esta consciencialização dos atores e particularmente dos educadores, da grandiosidade do seu papel enquanto formadores de uma sociedade de amanhã, e que se espera mais justa e mais equitativa. No processo educativo nem sempre se têm presentes todos os intervenientes. Todos sabemos que professores e alunos têm reivindicando o papel de atores principais, esquecendo-se, as mais das vezes, todos aqueles que trabalham nos bastidores e não são educadores neutros, porque dão o seu contributo ainda que não apareçam no palco. Falamos dos assistentes operacionais: aqueles profissionais que completam a escola. Aliás, são estes profissionais que acompanham o aluno durante a maior parte do tempo em que ele se encontra na escola; é sobre estes profissionais que quer o aluno quer o professor depositam esperanças e frustrações, expectativas e desilusões. São geralmente educadores informais, que devem merecer a nossa atenção e este projeto identificou essa necessidade e pretendeu intervir junto destes, no sentido de promover algumas competências que facilitem uma melhor compreensão das interações que se estabelecem no meio

escolar possibilitando, simultaneamente, uma melhor capacidade de resposta às solicitações do dia a dia, porque afinal a escola somos todos nós.

Entendemos que promover educação sexual hoje, com todos os avanços conseguidos, e de acordo com o estabelecido nos normativos, é “contribuir (ainda que parcialmente) para uma vivência mais informada, mais gratificante e mais autônoma, logo, mais responsável da sexualidade” (Frade et al, 2001: 19). É então promover a (in)formação das nossas crianças, jovens e futuros adultos, cidadãos e pais, dotá-los de maior capacidade assertiva para se sentirem bem consigo e com os outros, capazes de trabalhar melhor as dimensões da sexualidade com os seus filhos ou outros atores, de amar, de se aceitarem e aceitarem os outros e de se sentirem seres integrais e integrados.

CAPÍTULO 3 - ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO DO ESTÁGIO

3.1. Introdução

Neste capítulo pretende-se apresentar a metodologia utilizada no âmbito da intervenção no contexto de estágio. Iniciamos com a apresentação e estudo sobre o paradigma de intervenção adotado, identificando os métodos, técnicas de investigação e intervenção e pedagógicas a que recorreremos na realização das atividades. Apresentamos os modelos de avaliação aplicados na intervenção realizada e, por fim, identificamos os recursos e limitações de todo o processo de intervenção.

3.2. Paradigma de intervenção

A metodologia é central no sucesso de qualquer projeto, facto que sustenta a necessidade de uma criteriosa seleção de forma a garantir a adequação à intervenção que se pretende operar. Ela permite-nos “compreender em que é que os projetos tendem para o sonho, para o voto piedoso, para a quimera, ou, completamente ao contrário, para a planificação minuciosa, para o programa preestabelecido, ou ainda, para a sujeição” (Boutinet, 1996: 255).

A intervenção com adultos deve ser entendida como um processo formativo bilateral e dialógico, contínuo e participado, mobilizador de transformação individual, produção de saber, que permite adquirir competências. A intervenção a desenvolver com e para a comunidade escolar deve ter esta dimensão problematizadora e integradora da própria comunidade. Ela deve ser “uma atividade orientada no sentido da solução de problemas. É uma tentativa de averiguar, indagar, procurar respostas” e “a finalidade básica é a aquisição de novos conhecimentos” (Idem: 15). Estes pressupostos colocam-nos perante um paradigma construtivista da investigação, que privilegia métodos qualitativos em detrimento dos quantitativos.

Nesta esfera, o paradigma de investigação que orientou o nosso trabalho e de que procuramos aproximar-nos foi a *investigação-ação participativa*, por entendermos que melhor atendia ao campo de intervenção e à finalidade do projeto. Corroborando Ander-Egg (1990), é uma efetiva e viável metodologia de projeto, que tem como princípios a *investigação* como um procedimento sistemático de estudo da realidade para nela se intervir pela ação. Ela orienta os procedimentos metodológicos do projeto para uma prática que se pretende de indubitável intervenção educativa no sentido da “obtenção de melhores resultados naquilo que se faz e, por outro lado, para propiciar o aperfeiçoamento das

peças e dos grupos com quem se trabalha” (Pérez Serrano in Trilla, 2004: 111). Os trabalhos que pretendíamos operar reclamavam a implicação dos atores, levando-os a participar nos problemas e nas soluções. Este aspeto é fundamental para a mudança, como refere Erasmie & Lima (1989: 50) pela “ativação das pessoas de uma comunidade para objetivos comuns [...] com vista ao seu desenvolvimento”. Esta ação tem que necessariamente ser sustentada pelo conhecimento do contexto a intervir, permitindo a compreensão das necessidades no sentido de a transformar ou melhorar. Este processo dialético só ocorre pela *participação* ativa, consertada e implicada dos atores desse contexto. Esta implicação apresenta-se como uma finalidade da metodologia de projeto e não só como meio processual do próprio projeto, ou seja, a grande finalidade dos projetos, ao promoverem a participação, não passa somente por incluírem nas dinâmicas todos os atores mas, sobretudo, criarem as condições para fortalecerem e desenvolverem competências de cidadania democrática e participada, promotoras de autonomia e de emancipação. Assim, a metodologia é entendida enquanto processo de investigação de problemas sociais, consciencializadora dos seus públicos e promotora de desenvolvimento de ações para respostas/soluções conjuntas, consistindo num “processo de investigação de problemas sociais, através da participação ativa da comunidade em todas as fases do processo” (Erasmie & Lima, 1989: 44).

Esta perspetiva, neste projeto, apelaria ao desenvolvimento de competências transversais passíveis de serem transferíveis para as situações quotidianas, permitindo a construção de conhecimentos sobre a área da educação sexual, bem como repensar os contributos pedagógicos dos implicados com as crianças e jovens. O projeto de intervenção pretendia proporcionar tempos e espaços de reflexão sobre a ação, no sentido de melhorar as práticas pela “produção de conhecimentos ligada à modificação de uma realidade social dada, com a participação ativa dos interessados” (Ledoux, cit. por Simões, 1983: 623), desenvolvendo competências promotoras de autonomia para a operância da educação sexual no contexto escola.

Verificamos, tal como fundamenta Erasmie & Lima (1989: 51) que é “indispensável ministrar a educação aos participantes, e essa tarefa tem de ser atribuída ao investigador”, aqui entendido como a estagiária, que construiu e dinamizou espaços de conhecimento teórico-prático.

A metodologia *investigação-ação participativa* é de grande relevância neste projeto pela forma como permite atuar no campo de intervenção, pela possibilidade que grupos e indivíduos têm de se “exprimirem, estruturarem e dinamizarem as suas experiências” (Pérez Serrano in Trilla, 2004: 113). Ander-Egg (1990:33) apresenta-nos uma visão tripartida da metodologia, sendo a *investigação* um

processo de conhecimento e reflexividade no percurso de intervenção para resolver problemas e suprir necessidades, a *ação* como o conjunto dos procedimentos que conferem significação à investigação, e a *participação* como a prática que envolve todos os protagonistas na planificação e na intervenção. O investigador “entra” na realidade de estudo, envolve a comunidade na definição e resolução dos problemas que são comumente apontados. Estamos perante um investigador coletivo, mobilização de grande interação com os atores na resposta conjunta à transformação ou melhoria da realidade a intervir. Assim também as técnicas utilizadas e os instrumentos de avaliação contínua são potenciadores de conhecimento, e de melhoria das próprias práticas. Não obstante às críticas e limitações da própria metodologia, entendemos que surge, como diz Simões citando Ardoino (1990: 48), a “alternativa metodológica” que melhor serve o projeto que aqui tratamos.

3.3. Métodos e técnicas de investigação e intervenção

Os métodos de intervenção são um conjunto de procedimentos no sentido da concretização dos objetivos propostos.

Uma das técnicas inicialmente utilizadas foi o diário de bordo, serviu para registar/analisar algumas dinâmicas instaladas na organização na área da educação sexual e, por outro lado, possibilitou a regulação das ações e registo das ocorrências no âmbito da sua implementação.

A pesquisa bibliográfica e documental foi uma efetiva técnica de trabalho, assumiu relevância por permitir a apropriação de um quadro conceptual teórico sobre a instituição, o meio, o público-alvo e da temática de intervenção, basilar na sustentabilidade das ações. Para uma sucedida intervenção conflui também a “reunião e a seleção criteriosa da documentação bibliográfica sobre o problema de uma pesquisa permitem conhecer o seu estado atual, as investigações já realizadas, seus resultados, as explicações dadas, as questões controversas e os dados a serem pesquisados” (Chizzotti, 1991:122). No seguimento desta técnica, chamamos necessariamente outra, a análise de conteúdo. É uma das técnicas “mais comuns na investigação empírica” (Vala, J. in Silva, A. S & Pinto, J. M., 1986: 101) que permite sistematizar os dados recolhidos. Permite interpretar criticamente e reflexivamente as significações explícitas e implícitas da literatura, sobre “mensagens tão variáveis como obras literárias, artigos de jornais, documentos oficiais, programas audiovisuais” (Quivy & Campenhoudt, 1998: 226). Aplica-se assim, à “análise de textos escritos ou de qualquer outra informação (oral, visual, gestual) reduzida a um texto ou documento” (Chizzotti, 1991: 98).

A análise documental consistiu numa técnica “de recolha e de verificação dos dados: visa o acesso às fontes pertinentes, escritas ou não” (Albarelo, L., Digneffe, F., Hiernaux, J. P., Maroy, C., Ruquoy, D. & Saint-Georges, P., 1997: 30) permitindo, por seu lado, corroborar os mais variados documentos relevantes para o campo de intervenção com outras fontes. Outra técnica que mereceu a nossa atenção em todo o processo de intervenção foram as reuniões, umas de carácter mais formal, mas grande parte de índole informal. Foram realizadas com direcções de escolas e de centros de formação contínua de professores, com a acompanhante de estágio, com responsáveis de organismos ligado à escola, como é exemplo o NAE – Núcleo de Apoio Educativo, professores, assistentes operacionais, demais colegas de trabalho e pais. Foi um instrumento importante para a nossa prática e resulta da escuta ativa de todos os intervenientes. Ela revestiu-se de grande utilidade no momento de diagnóstico, permitindo apropriar das dinâmicas institucionais, auscultar, desocultar as necessidades, interesses e potencialidades a desenvolver na área de intervenção, atividades anteriormente desenvolvidas, recursos humanos e matérias, e perfis do público-alvo. Foi também decisiva ao longo do processo de intervenção porque foi sustentadora da programação das várias ações levadas a efeito na escola acolhedora e sobretudo fora desta. Posteriormente numa fase de avaliação de acompanhamento do projeto, esta técnica teve particular utilidade, porque com base numa relação empática com os intervenientes do projeto e acompanhante do estágio, acedeu-se a evidências acerca dos impactos conseguidos do processo de intervenção.

Outra técnica utilizada foi o inquérito por questionário – semiestruturado que consiste “em colocar a um conjunto de inquiridos [...] uma série de perguntas relativas à sua situação social, profissional, ou familiar, às suas opiniões, [...] expectativas [...] ou ainda sobre outro ponto que interessa aos investigadores” (Quivy & Campenhoudt, 1998: 188). Usamos esta técnica em diferentes momentos e com intenções distintas. No momento de diagnóstico para interpretar a realidade e despistar interesses e necessidades e posteriormente como técnica de avaliação das atividades desenvolvidas no decurso do estágio. Recorremos também à observação participante, sendo uma técnica que permite ter “um olhar ativo e sustentado por uma questão” (Laville & Dione, 1999: 176). Esta técnica de recolha de dados implica a presença do observador, estabelecendo uma relação com o público-alvo que possibilitou, como nos refere Chizzotti (1991: 90), “recolher as ações dos atores no seu contexto natural, a partir da sua perspectiva e seus pontos de vista”. Este envolvimento direto possibilita um conhecimento muito sustentado da realidade a intervir.

Como refere Iturra

Ninguém duvida que observar, participando estrutura da cultura que se estuda é uma maneira de apreender para elaborar o documento, seja um método científico, uma vez que permite abstrair os fatores constantes da conduta, e compará-los com outras variáveis. Mas tal procedimento é também uma forma de construir o objeto de pesquisa por meio da aculturação progressiva e da endoculturação permanente do investigador, na aprendizagem do conhecimento do grupo que estuda como se fosse membro do grupo em questão (Iturra, R. in Silva, A. S & Pinto, J. M. 2007: 157).

Ao longo do projeto, as várias atividades programadas e todas as extraplano que se vieram a realizar, reclamavam, sobretudo, técnicas pedagógicas. Para definirmos as utilizadas, apoiamo-nos na conceptualização de Ander-Egg (2002), que nos apresenta quatro técnicas diferenciadas que podem ser usadas em conjunto ou separadamente: as *técnicas de grupo*; as *técnicas de informação e comunicação*; as *técnicas para o desenvolvimento de atividades artísticas* e as *técnicas para o fomento de atividades de caráter lúdico*. As duas primeiras foram sustentadoras da nossa ação/intervenção uma vez que preparar pedagogicamente os agentes da comunidade escola para a implementação adequada da Educação Sexual junto das crianças e jovens, pressupõe trabalhar uma dimensão de conhecimentos e outra mais operativa de comportamentos/competências.

Passamos a analisar aquelas que melhor serviriam os objetivos das atividades formativas e que se viriam a revelar estruturantes de toda a intervenção. Mobilizamos as *técnicas de grupo* (Ander-Egg, 2002) e, dentro destas, usamos as *técnicas de iniciação*, enquanto instrumento de iniciação do trabalho em grupo permitindo construir e trabalhar a integração dos elementos, usamos ainda as *técnicas de coesão*, que permitem quebrar as barreiras naturais aos processos de comunicação aquando das atividades e criar as sinergias necessárias para a ocorrência da participação necessária ao cumprimento dos objetivos da atividade.

Ao longo das atividades recorreremos, sobretudo, às *técnicas de produção grupal* que permitiram ao grupo cumprir com as múltiplas tarefas que fomos propondo ao longo das atividades, usando-a como veículo mobilizador e sistematizador dos saberes. Fomentou a participação; a discussão/debate; o diálogo; o trabalho em grupo como facilitador da aprendizagem; facilitou a motivação e ajudou a dar significação aos saberes teóricos e práticos.

O projeto teve necessariamente em conta a participação ativa, dinâmica e estimuladora dos participantes procurando desenvolver uma maior autonomia e responsabilização pelo uso de estratégias participativas, ajustadas e adequadas. Na verdade, o modo como a Educação Sexual é

posta em prática pode estabelecer toda a diferença. Barragán & Domínguez e Harrison apontam as metodologias participativas as que melhor possibilitam o desenvolvimento de saberes e competências tão complexas, uma vez que são essas que promovem o aluno como principal agente da sua própria aprendizagem (Barragán & Domínguez 1996; Harrison, 2000)

Apresenta-se, de seguida, algumas técnicas pedagógicas da formação mobilizadas nas atividades:

- ***Brainstorming***

Consiste em listar, sem a preocupação de discutir num primeiro momento, todas as sugestões que o grupo faz sobre determinada questão ou problema. A lista deve ser constituída por palavras ou frases simples. Após sugestões deve-se aprofundar a discussão e esclarecer as dúvidas e ideias erradas.

- ***Role play***

Consiste na simulação de pequenos casos ou histórias em que intervém o número de personagens desejadas. Serve para analisar uma situação ou provocar um debate - a teatralização - permite ao grupo representar novos papéis e funciona melhor quando são os formandos a elaborarem o texto dramático. As dramatizações não devem ser longas (cerca de 10 minutos) e devem ser complementadas com debate em pequeno ou em grande grupo. É uma forma particularmente dinâmica de analisar uma situação ou provocar um debate. O *role play* pode ser eficazmente aproveitado no treino de determinadas competências, tais como saber escutar o outro, desenvolver o relacionamento interpessoal ou saber expressar sentimentos.

- **Jogos Pedagógicos**

Permitem a participação e envolvimento dos participantes, a nível cognitivo, motor (gestual e corporal) e afetivo.

- **Trabalho de pesquisa**

É um estímulo muito interessante para as atividades académicas, podendo esclarecer algumas ideias ou levantar novas questões, constituindo ótimos momentos de reflexão e divulgação de informação. O trabalho de pesquisa ajuda a clarificar ideias, levando à formulação de interrogações

sobre os diferentes aspetos do tema em estudo. A pesquisa de informação pode ser feita com base em inúmeras e diversificadas fontes (livros, revistas, jornais, Internet, entre outros).

Deve-se ter em conta que, depois de definir um plano de trabalho e definir as informações que são necessárias, deve-se orientar os formandos a reorganizarem as informações para apresentação final, sob a forma de um texto escrito ou uma apresentação oral.

- **Resolução de problemas**

Utilizando histórias e/ou casos inventados ou reais, incentiva-se a discussão para a resolução de problemas comuns com os quais podem ser confrontados. Os jornais, as revistas ou as histórias populares podem ser utilizados de formas diferentes:

- Pode ser utilizada uma história sem final e, nesse caso, pedir-se-á aos grupos que criem um ou vários finais possíveis;
- Pode ser utilizada uma história pedindo aos participantes para atribuírem diferentes valores às várias personagens;
- Pode-se pedir ao grupo que identifique uma ou várias soluções para cada caso.

- **Jogos de clarificação de valores**

Poder-se-á promover o debate entre posições diferentes utilizando pequenas frases opinativas e polémicas (podendo ou não chegar-se a consenso). Pode-se pedir a um dos participantes para assumir a defesa da opinião expressa na frase, a um segundo para a atacar (ainda que essas não sejam as suas posições na realidade) e a um terceiro ainda que observe o debate, para depois o descrever ao grande grupo. Podem utilizar-se escalas do tipo «concordo totalmente», «concordo em parte», «é-me indiferente» «discordo em parte» e «discordo totalmente», fazendo mover as pessoas na sala para cada uma das posições (que são afixadas nas paredes), ou utilizando as opiniões individuais para o debate em pequenos grupos e, numa fase posterior, em grande grupo.

- **Utilização de questionários**

Em geral, os questionários são utilizados para recolher conhecimentos e opiniões existentes. No entanto, também podem ser utilizados para transmitir (e não apenas para avaliar) conhecimentos.

- **Produção de cartazes**

É uma forma de organizar a informação recolhida (textos, fotografia, gráficos, esquemas). Pode ser apresentada ao grande grupo, ou pode ser uma forma de fomentar a discussão à volta de um tema. Pede-se com antecedência aos participantes que tragam revistas, jornais, textos retirados da internet ou de livros, relacionados com um dado tema que se vai debater.

- **Visita externa**

Pode aproveitar-se de forma bastante mais eficaz a visita de alguém especialista num determinado assunto se houver uma apresentação anterior à visita e uma preparação das perguntas e questões que se desejaria colocar. A visita deve ser preparada e trabalhada no final, de forma a sistematizar a informação. Uma forma de o fazer é o trabalho em grupo, em que são pedidas opiniões, sínteses ou dúvidas que tenham ficado após a visita.

- **Caixa de perguntas**

Consiste na recolha prévia e anónima de perguntas sobre temas de interesse ou de levantamento de necessidades. Pede-se a cada formando para formular duas ou três perguntas por escrito, numa folha de papel que posteriormente é dobrada em quatro e colocada numa caixa. É muito importante que o moderador responda a todas as perguntas de forma clara e com correção científica.

- **Fichas de trabalho**

Têm a vantagem de serem um ótimo recurso, quando o tempo para a atividade é curto e facilitam o desenvolvimento dos trabalhos.

- **Exploração de vídeos e outros meios audiovisuais**

Estes materiais podem ser um auxiliar muito importante para o desenvolvimento das atividades. Deverão ser diferenciados os momentos «antes da projeção» e «após projeção».

Os formandos tiveram ainda a possibilidade de reconstrução dos saberes por via do projeto de educação sexual a desenvolver no decurso da formação, passível de ser aplicado futuramente aos seus alunos. Este é centrado nas necessidades da população a quem é dirigido, atendendo sempre às

características e vivências da faixa etária, em articulação com o seu nível desenvolvimental e subjetividades dos sujeitos.

Para além das *técnicas de grupo*, as *técnicas de informação e comunicação* foram fundamentais na intervenção e, ao longo desta, recorremos a dois dos grupos: as *técnicas de comunicação oral* - permitiu a transmissão oral de conhecimentos fundamentais na área da educação sexual e motivar os formandos para a reflexão e para o esclarecimento de conceitos e sistematizar (in)formação acerca dos vários assuntos tratados. Por outro lado, usamos ainda as *técnicas de comunicação social*, através da escrita, da oralidade e de material audiovisual pela sua grande potencialidade operativa nas atividades (in)formativas a que nos propusemos.

A intervenção por via das duas técnicas referidas permitiram mobilizar atividades cientificamente sustentadas e no que respeita à componente mais prática, recorremos à pedagogia participativa, que alia o saber, ao fazer e ao ser/estar. O projeto pretendia assumir-se como um foco incubador de formação, reflexão, desenvolvimento de competências, partilha, desconstrução para a construção de novas formas de atuar junto das nossas crianças e jovens.

3.4. Avaliação da intervenção

Para avaliação deste projeto recorremos à avaliação diagnóstica, avaliação de acompanhamento e avaliação final.

A *avaliação diagnóstica* visa uma análise da realidade antes da intervenção, para que se verifiquem, segundo Guerra (2002: 95), “elementos que permitam decidir se o projeto deve ou não ser implementado”. Com este fim utilizamos as seguintes técnicas: inquérito por questionário, a observação, as conversas formais e informais, a pesquisa e leituras bibliográficas e análise documental.

A *avaliação de acompanhamento* “avalia a forma de concretização do projeto e dá elementos para o seu afinamento ou a sua correção” (Idem: 195). Por outras palavras, aponta orientações para o aperfeiçoamento da ação e visa determinar se o projeto está a caminhar no sentido traçado e desejado constituindo, deste modo, um dispositivo de autorregulação da prática de intervenção.

O acompanhamento das atividades realizadas foi concretizado através dos seguintes instrumentos de avaliação contínua, nomeadamente *Inquérito de avaliação*, *Diário de Bordo* e *Conversas Informais*. Estas técnicas permitiram perceber o impacto das ações nos protagonistas.

Devido às suas especificidades, as atividades exigiram dispositivos de avaliação sob a forma de “Inquéritos de Avaliação”. A avaliação contínua foi reguladora das atividades do projeto pelo que foi possível admitir novas atividades que não estavam previstas. A elaboração de um diário de bordo é “um relato escrito daquilo que o observador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados [...] ajuda o investigador a acompanhar o desenvolvimento do projeto, a visualizar como é que o plano de investigação foi afetado pelos dados recolhidos, e a tornar-se consciente de como ele ou ela foram influenciados pelos dados” (Bogdan & Biklen, 1994: 150-151). Assim, o diário de Bordo, permitiu sistematizar um registo dos percursos diários e respetivas reflexões, o qual alicerçou um instrumento de orientação e reflexão da dinâmica do projeto. Igualmente significativas neste âmbito foram as reuniões de avaliação com o Acompanhante de Estágio, visto que permitiram uma reflexão conjunta, no sentido de detetar os pontos fortes e as limitações e constrangimentos. Não podemos, no entanto, desatender da importância das conversas informais com os restantes professores, que tiveram a mais-valia do retorno constante da operacionalização do projeto.

A *avaliação final* visa aferir os resultados do projeto, através da consecução dos objetivos previstos, procurando-se uma confrontação entre a avaliação inicial e a análise dos resultados obtidos, de forma a verificar se os efeitos esperados foram atingidos ou não. A avaliação final é uma avaliação dos objetivos e dos resultados, analisará os efeitos e eficácia do projeto averiguando “em que medida o projeto produziu as mudanças que se tinha desejado e quais os resultados não esperados (benéficos ou perversos)” (Guerra, 2002: 197). Ela baliza o trabalho delineado pelos objetivos previstos, e os resultados esperados e obtidos confrontando a eficiência e eficácia da intervenção pelo projeto.

O contexto de estágio, pela sua singularidade, envolveu um público bastante específico e muito exigente, e foi este o público implicado na avaliação das ações, optando-se por usar a modalidade de autoavaliação por Inquérito de avaliação. A avaliação final do Projeto focou-se nos dados recolhidos mediante a aplicação, num momento final, do Inquérito de Avaliação Qualitativa aos mais diretos colaboradores e técnicos que se envolveram e participaram ativamente na organização das ações, nomeadamente: a Acompanhante do estágio; Diretor da Escola Profissional; Professores responsáveis da parceria E, B 2.3; Professora responsável pela parceria CFAE AB e Professora responsável pela parceria CFAE MC. Os resultados da avaliação final a que nos reportamos estão tratados no capítulo da avaliação.

3.5. Recursos mobilizados e limitações do projeto

Consideramos o projeto inovador pelas atividades que possibilitou, só de si possível pelo recente enquadramento normativo português. Por outro lado, é uma área há muito reclamada pelos agentes da escola, alunos, pais e professores e para a qual não existiam respostas sustentadas de educação/formação como resposta ao “desafio” que legalmente se institucionalizou.

O projeto norteou-se por responder a necessidades reais e atuais emergentes que soubemos ler aquando do diagnóstico de necessidades planeando atividades exequíveis, importantes e úteis à prática letiva diária.

As limitações circunscreveram-se à dinamização do eixo de intervenção - Grupo A: Gabinete de Apoio ao Aluno - Centro de Recursos/Mediateca), decorreram do facto da escola estar em obras – “escola estaleiro”, comprometendo por um lado a atribuição e manutenção do espaço, e por outro, o seu reconhecimento pelos alunos. Sem este constrangimento, a atividade poderia ter maior impacto na comunidade. Assim procuramos transformar as limitações em suficiências e, depois de resolvidas as questões de organização de espaços, trabalhámos no sentido de podermos estruturar os materiais de consulta devidamente identificados em categorias e subcategorias. Futuramente reforçar a colaboração com outras entidades e instituições de prevenção e de saúde para, por um lado, obtermos mais e atualizada informação/documentação para o reforço da mediateca, e por outro, definir ações conjuntas. Continuar a colaboração com a equipa PES na definição de ações prioritárias para a escola no âmbito da formação para docentes, pais e Assistentes Operacionais.

Os recursos mobilizados para o projeto foram:

- **Recursos consumíveis:** computador portátil, Internet, livros, CD's RW, DVS's, impressões, fotocópias, jornais, revistas, capas de arquivo A4, micas plásticas A4, envelopes plásticos A4, mala de arquivo, entre outros;
- **Recursos Humanos:** estagiária e acompanhante do estágio e demais equipa do Programa de Saúde escolar, todos os participantes e intervenientes no projeto;
- **Recursos Económicos:** computador portátil, livros, CD's RW, DVS's, impressões, fotocópias.

CAPÍTULO 4 - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DO PROCESSO DE INTERVENÇÃO

4.1. Introdução

A planificação foi fundamental para traçar o caminho a percorrer sob a forma de um programa de ação com as respetivas atividades, independentemente dos ajustamentos resultantes da operacionalização do trabalho in loco que foram introduzidos no decurso do projeto.

Guerra (2002: 170) diz-nos que a planificação “descreve, de forma detalhada e sistemática, o que se pretende fazer, quando se pretende fazer, quem será encarregado das diferentes tarefas e quais os recursos necessários para as concretizar”. Ela norteou um trabalho, inicialmente ainda ideológico, criando metas e desafios para a sua concretização.

Este capítulo pretende materializar o processo de intervenção realizado e enunciado anteriormente. Começa por apresentar uma síntese de todo o projeto, explicita os quatro eixos da intervenção, onde são tratadas as atividades desenvolvidas, os recursos mobilizados e o público-alvo. Apresentam-se os dados de avaliação de cada atividade, evidenciando-se os resultados obtidos.

Quadro n.º 5 - Síntese das atividades

Fases do Projeto	Atividades planeadas e realizadas	Atividades Extra-Plano
Fase I: Diagnóstico e Sensibilização	Observação participante; Pesquisa bibliográfica e documental; Conversas informais com Diretores de Turma, professores, funcionários da Escola; Reuniões com a Coordenadora da Educação para a Saúde; Inquérito aos Pais; Inquérito aos Assistentes Operacionais; Reuniões com entidades parceiras	
Fase II: Implementação	Eixo 1: Criação do Gabinete de Apoio ao Aluno / Centro de Recursos / mediateca <ul style="list-style-type: none"> • Criação Centro de Recursos • Consultoria a Pais, professores e alunos • Dois dedos de Conversa – atividades para alunos 	
	Eixo 2: Atividades informativas/formativas para pais <ul style="list-style-type: none"> • Sessão Informação “A EDUCAÇÃO SEXUAL: qual a abordagem da Escola” 	
	Eixo 3: Atividades formativas para Professores e Educadores <ul style="list-style-type: none"> • Ação de Formação: “A EDUCAÇÃO SEXUAL: desafios e realidades” - Docentes da parceria Escola Profissional • Cursos de Formação : <ul style="list-style-type: none"> – “Educação Sexual em contexto escolar no 2º ciclo” - 25h, Professores 2º ciclo – “Educação Sexual em contexto escolar no 3º ciclo” - 25h, Professores 3º ciclo – “Educação Sexual em contexto escolar no Pré-escolar e 1º ciclo – 25h”, Professores 1º ciclo e Educadores de Infância – “Educação Sexual em contexto escolar no 1º ciclo – 25h”, Professores 1º ciclo 	Eixo 3: Atividades formativas para Professores e Educadores <ul style="list-style-type: none"> • Seminário “A EDUCAÇÃO SEXUAL: desafios e realidades” - Docentes da parceria CFAE MC • Cursos de Formação: <ul style="list-style-type: none"> – “Educação Sexual em contexto escolar no Pré-escolar e 1º ciclo – 25h”, Professores 1º ciclo • Módulos – Oficinas de formação: <ul style="list-style-type: none"> – “Educação para a saúde sexual para crianças em meio pré-escolar e escolar” – 4h; – “Educação para a saúde sexual para crianças em meio pré-escolar e escolar” – 4h; – “Educação para a saúde sexual para jovens e adolescentes em meio escolar” 6h; – Formação PRESSE - Educação Sexual – 4h
	Eixo 4: Atividades informativas/formativas para Assistentes Operacionais Diagnóstico realizado	
Fase III: Avaliação	Avaliação de Acompanhamento	Inquéritos de Avaliação; Conversas Informais Diário de Bordo
	Avaliação Final	Inquérito de Avaliação Final aos parceiros

4.2. Exposição da intervenção

O Projeto de Intervenção Comunitária foca-se em quatro eixos de atividades:

Eixo 1: Gabinete de Apoio ao Aluno - Centro de Recursos/Mediateca

Houve um compromisso de cooperação e colaboração na implementação do GAA – Gabinete de Apoio ao Aluno legislado nos normativos - Lei 60/2009, de 6 de agosto e Portaria 196 A/2010, de 9 de abril. Para além da sua divulgação e conceção, procurou-se criar um espaço com recursos pedagógicos disponíveis à comunidade a que chamamos de Mediateca. Pretende ser agregador de informação sobre problemáticas relacionadas com as questões da Saúde, nomeadamente comportamentos de risco e condutas desviantes, infeções sexualmente transmissíveis (IST's) e doenças infetocontagiosas, sexualidade, bem como outras temáticas similarmente significativas.

O conceito pensado para este espaço pressupõe abertura e colaboração à comunidade, fazendo consultadoria a professores, a pais e encarregados de educação, a assistentes operacionais e a alunos, planificando e levando regularmente a efeito diferentes ações. Este espaço contou com a colaboração do centro de saúde local.

Quadro n.º 6: Descrição das Atividades - " Criação do Gabinete de Apoio ao Aluno / Centro de Recursos e Mediateca"

Criação do Gabinete de Apoio ao Aluno / Centro de Recursos e Mediateca	Data: outubro a junho de 2011
Colaborações: Entidades e parceiros Revistas: Revista Sexualidade & Planeamento Familiar, publicada pela Associação para o Planeamento da Família (A.P.F). Instituições: Associação para o Planeamento da Família (A.P.F), Centro de Saúde, Instituto Português da Juventude (IPJ)	
Recursos materiais: Todos os recursos da Mediateca - computador portátil, Internet, livros, CD's RW, DVS's, impressões, fotocópias, revistas, capas de arquivo A4, micas plásticas A4; Humanos: Estagiária, Acompanhante de Estágio e outros professores envolvidos no projeto.	
Público: Alunos, Professores, Pais e Encarregados de Educação e Assistentes Operacionais	

Descrição das Atividades:

1. Divulgação do Gabinete

Esta atividade exigiu a colaboração dos elementos da equipa de apoio ao gabinete e dos diretores de turma.

- Foi criada uma carta de apresentação do gabinete e trabalhada por estes junto da população discente (1452 alunos);
- Foram impressos vários horários³ com o funcionamento do GAA e afixados em vários pontos da escola;
- Foi criada uma brochura de divulgação⁴ do GAA e distribuída aos alunos no polivalente da escola;
- Foi criado um marcador⁵ de livro para os alunos fornecidos na biblioteca, reprografia e bar;
- Foi criado um toalhete⁶ com informação de divulgação do GAA e que será usado no tabuleiro da cantina.
- Foi produzida uma curta-metragem⁷ de divulgação no Programa “Windows Movie Maker”, que esteve exposta aos alunos acompanhada pela estagiária para necessários esclarecimentos, foi ainda usada a caixa de perguntas.

2. Centro de Recursos/mediateca

Pesquisa bibliográfica e documental: Procedeu-se a consulta e recolha de recursos pedagógicos (jornais, revistas, manuais, atividades, imagens, pensamentos, revistas, filmes, poemas, letras de músicas, videoclips, atividades dos projetos práticos dos grupos nas várias ações de formação realizadas).

A informação obtida foi alvo de análise e arquivo documental constituindo um importante acervo de informação/pistas de trabalho disponível para utilização pedagógica no gabinete para a atividade – Consultadoria pedagógica.

Atualmente o material está um pouco disperso pelo facto de a escola estar a ser intervencionada pela “Parque Escolar”. Os grandes constrangimentos da falta de espaço limitam a sua gestão. A sala destacada não era definitiva, o que condicionou sobremaneira a organização em formato mediateca.

Produção de Informação: Foram criados instrumentos de trabalho: *Sexualidade – Dinâmicas⁸ para trabalho com alunos*: Conceito de sexualidade; Mudanças biofisiológicas na

³ Consultar Horário de Funcionamento do Gabinete de Apoio ao Aluno (GAA) em Apêndice III.

⁴ Consultar Brochura de Divulgação do Gabinete de Apoio ao Aluno (GAA) em Apêndice IV.

⁵ Consultar Marcador de Livro em Apêndice V.

⁶ Consultar Toalhete de Divulgação do Gabinete de Apoio ao Aluno (GAA) em Apêndice VI.

⁷ Visualizar Curta-metragem de Divulgação do Gabinete de Apoio ao Aluno (GAA) em Apêndice VII (em formato digital).

⁸ Consultar Dinâmicas para Trabalho com Alunos em Apêndice VIII.

adolescência; Papéis de género; Gravidez na adolescência; O que são Infecções Sexualmente Transmissíveis?

Colaboração do centro de Saúde: As colaborações de outras entidades no projeto são sempre fundamentais para uma resposta integrada. O Centro de Saúde fazia-se representar semanalmente e estava disponível para o atendimento no gabinete conforme articulado em equipa.

3. Consultoria a Pais, professores e alunos

O formato consultadoria a toda a comunidade escolar parece-nos um conceito fundamental. Assim, se conseguirmos futuramente reforçar a cultura de procura e, num mesmo espaço, possibilitar esclarecimentos a professores, pais, assistentes operacionais e alunos, é certamente um passo de gigante nas ações implementadas na comunidade.

Dois dedos de Conversa - momento de consultadoria organizado pela estagiária para alunos.

A avaliação deste eixo de intervenção – Criação do Gabinete de Apoio ao Aluno / Centro de Recursos e Mediateca não é explícita. Esta terá que atender aos materiais produzidos, sendo que os documentos constituem uma mais-valia para o projeto.

Foram planificadas atividades para intervenção com grupos turma no âmbito da atividade - **Dois dedos de Conversa**.

Eixo 2: Realização de Dinâmicas Formativas e Informativas para Pais

A realização de Dinâmicas Formativas e Informativas para Pais teve por base o inquérito realizado, onde se constatou que estes necessitam, sobretudo, saber em que consiste a intervenção da escola na área da Educação sexual.

Quadro n.º 7: Descrição de Atividade - Sessão de Informação "A Educação Sexual: qual a abordagem da Escola"

Sessão Informação "A EDUCAÇÃO SEXUAL: qual a abordagem da Escola" Atividade de Informação para Pais e Encarregados de Educação	Data de realização: 5 de janeiro de 2011 – 10h às 13h
Recursos materiais: computador portátil, Internet, livros, CD's RW, DVS's, impressões, fotocópias. Humanos: estagiária.	
Descrição das Atividades: Sessão de informação para os pais dos alunos da escola A presente atividade foi organizada em colaboração com a equipa de Promoção para a saúde Educação sexual, submetida a aprovação pela direção da escola, planificada e agendada. O inquérito anteriormente realizado evidenciava que a maioria dos pais tinham manifestado interesse em participar na atividade e foram, para o efeito, contactados por uma circular ⁹ informativa através do Diretor de Turma e mensagem via SMS. A ação teve início com a entrega de um dossier a cada participante com o programa ¹⁰ e a ficha de avaliação da atividade. Seguidamente, foi feita a abertura pelo Diretor da escola e apresentados os intervenientes, a coordenadora da equipa de promoção para a saúde/educação sexual e a estagiária. Esta última planificou e orientou a atividade com recurso a acetatos realizados para o efeito, orientadores da abordagem. A sessão foi organizada em três momentos. Primeiro deu-se prioridade a um momento mais introdutório e de desconstrução de conceitos, seguiu-se uma parte de contextualização e exploração das áreas e temas que os professores abordariam com os alunos e respetivas formas de intervenção. Uma terceira parte estava reservada a dúvidas e eventuais esclarecimentos, no entanto, ao longo da atividade, foram-se proporcionando momentos de debate. Objetivos da ação: <ul style="list-style-type: none">▪ Conhecer os normativos legais de enquadramento da educação sexual em meio escolar;▪ Refletir sobre a sexualidade e educação sexual;▪ Compreender o papel das atitudes e valores na sexualidade;▪ Refletir a adolescência, analisando o desenvolvimento Psicosexual (o que trabalhar e como trabalhar). Conteúdos da ação:	

⁹ Consultar Circular Informativa em Apêndice IX.

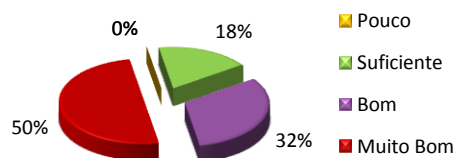
¹⁰ Consultar Programa da Sessão Informação "A Educação Sexual: qual a abordagem da Escola" em Apêndice X.

- Normativos legais mais recentes (Lei 60/2009, 6 de agosto e Portaria 196 A/2010 de 9 de abril);
- A organização da Educação Sexual na Escola;
- O conceito de Sexualidade;
- Suas dimensões, contributos e objetivos;
- Qual a abordagem;
- Os valores e atitudes;
- O papel da família e da escola;
- O corpo;
- Expressões de sexualidade;
- Relações interpessoais;
- Saúde sexual e reprodutiva.

Esta atividade foi avaliada por inquérito de avaliação¹¹ fornecido aos pais e encarregados de educação e dos presentes responderam 22 pessoas. Evidenciamos seguidamente os resultados aferidos que decorrem desta técnica.

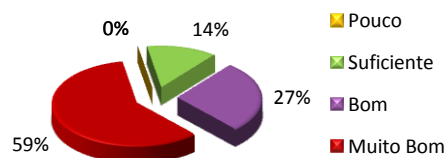
Perante a questão da pertinência dos conteúdos trabalhados constatamos que 50% dos pais avaliaram com MUITO BOM, 32% com BOM e 18% avaliaram com SUFICIENTE (ver gráfico n.º 1).

Gráfico n.º 1: Pertinência dos conteúdos trabalhados



Inquiridos sobre os recursos utilizados 59% dos pais avaliaram com MUITO BOM, 27% com BOM e 14% com SUFICIENTE (ver gráfico n.º 2).

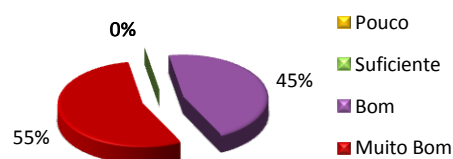
Gráfico n.º 2: Recursos utilizados



¹¹ Consultar Modelo de Inquérito de Avaliação aplicado aos Pais e Encarregados de Educação na Sessão de Informação “A Educação Sexual: qual a abordagem da Escola” em Apêndice XI.

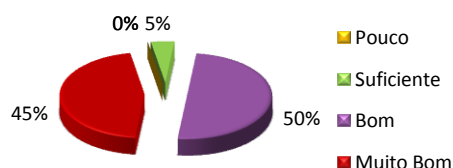
Perante o questionamento sobre a clareza das intervenções pelo formador, 55% dos pais avaliaram com MUITO BOM e 45% com BOM (ver gráfico n.º 3).

Gráfico n.º 3: Clareza das intervenções pelo formador



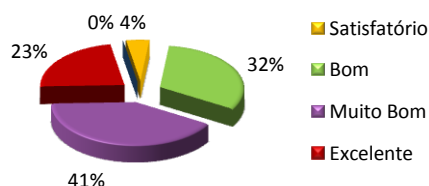
Já quanto à adaptação do discurso aos destinatários, no sentido de atingir as finalidades a que nos propúnhamos, 45% dos pais avaliaram com MUITO BOM, 50% consideraram BOM e 5% consideraram SUFICIENTE (ver gráfico n.º 4)

Gráfico n.º 4: Adaptação do discurso aos destinatários /finalidades conseguidas



A última questão pretendia aferir o nível de satisfação em relação à atividade, à qual 23% dos pais responderam que a atividade foi EXCELENTE, 41% entenderam que foi MUITO BOM, 32% BOM e apenas 4% a acharam SATISFATÓRIA, conforme podemos verificar no gráfico n.º 5.

Gráfico n.º 5: Apreciação global



A avaliação da atividade pelos pais e encarregados de educação, atendendo aos parâmetros inquiridos, nomeadamente quanto à pertinência dos conteúdos trabalhados, aos recursos utilizados, à clareza das intervenções pelo formador, à pertinência dos conteúdos trabalhados, à adaptação do discurso aos destinatários e finalidades conseguidas e a apreciação global da atividade, podemos fazer uma apreciação muito positiva.

Eixo 3: Atividades Formativas para Professores e Educadores - Atividades planejadas e realizadas

Quadro n.º 8: Descrição de Atividade - Ação de Formação "A Educação Sexual: desafios e realidades"

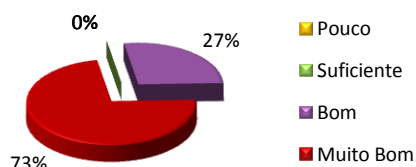
Ação de Formação "A EDUCAÇÃO SEXUAL: desafios e realidades"	Local: Escola Profissional Data: 28 e 30 junho de 2011
Recursos materiais: computador portátil, Internet, livros, impressões, fotocópias. Humanos: estagiária.	
Público: Docentes da Parceria Escola Profissional	
Descrição das Atividades: Ação de Formação "A EDUCAÇÃO SEXUAL: desafios e realidades" A ação foi apresentada em reunião ao Diretor da Escola no dia 24 de novembro e, posteriormente, ao Diretor Pedagógico. A formação iniciou com a entrega de um Dossier a cada participante com alguns documentos de apoio, o programa e a ficha de avaliação da ação e folhas brancas. A ação iniciou com a apresentação dos objetivos e posteriormente explorou-se a temática. Objetivos da ação: <ul style="list-style-type: none">▪ Explorar os normativos legais de enquadramento da educação sexual em meio escolar▪ Refletir sobre a sexualidade e educação sexual;▪ Compreender o papel das atitudes e valores na sexualidade▪ Compreender os papéis dos intervenientes: escola, educadores e família.▪ Contextualizar o desenvolvimento global: cognitivo, social e psicosssexual na adolescência - o que trabalhar, a que atender na abordagem e como trabalhar atendendo ao nível secundário. Conteúdos da ação: <ul style="list-style-type: none">▪ História normativa da Educação Sexual/os normativos legais mais recentes (Lei 60/2009, 6 de agosto e Portaria 196 A/2010 de 9 de abril);▪ Organizar a Educação Sexual na Escola - finalidades e modalidades;▪ O conceito de Sexualidade: dimensões, contributos e objetivos;▪ Quais as abordagens / mitos;▪ Como abordar a Educação sexual de forma assertiva;▪ Trabalhar valores e atitudes;▪ Compreender o papel: da escola – desafios, do educador – perfis, da família – parceiros.▪ O corpo;▪ Expressões de sexualidade;▪ Relações interpessoais;▪ Saúde sexual e reprodutiva. <p>Ao longo da ação foram-se criando momentos de debate, não obstante o momento formalmente previsto para esse efeito. No final da ação, foi entregue a todos os presentes o certificado¹² de participação.</p>	

¹² Consultar Modelo de Certificado de Participação da Ação de Formação "A EDUCAÇÃO SEXUAL: desafios e realidades" em Apêndice XII.

Esta atividade dirigiu-se a 22 docentes e foi avaliada por inquérito de avaliação¹³ fornecido, ao qual responderam 11 docentes. Podemos verificar as apreciações resultantes desta técnica.

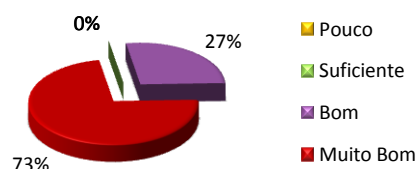
Aferidos os resultados e perante a questão sobre o cumprimento dos objetivos propostos, 73% dos formandos consideraram MUITO BOM, 27% BOM (ver gráfico n.º 6)

Gráfico n.º 6: Cumprimentos dos objetivos propostos



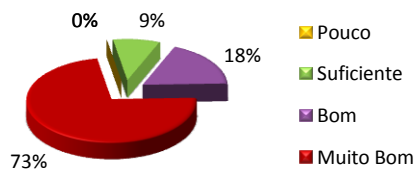
Pretendeu-se verificar a pertinência dos conteúdos trabalhados para a prática letiva, aos quais 73% dos formandos avaliaram com MUITO BOM e 27% com BOM (ver gráfico n.º 7)

Gráfico n.º 7: Pertinência dos conteúdos trabalhados



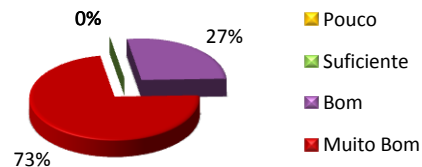
Inquiridos sobre os recursos utilizados 73% dos formandos avaliaram os recursos com MUITO BOM, 18% com BOM e 9% com SUFICIENTE (ver gráfico n.º 8).

Gráfico n.º 8: Recursos utilizados



Procurou-se perceber se a atividade permitiu clarificar o trabalho pedagógico a desenvolver com os seus alunos, sendo que 73% dos formandos atribuíram MUITO BOM para este indicador e 27% responderam BOM (ver gráfico n.º 9)

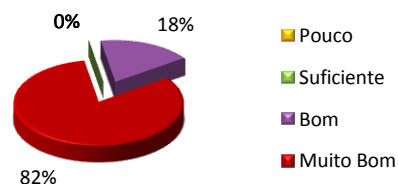
Gráfico n.º 9: Clarificação do trabalho a desenvolver



¹³ Consultar Modelo de Inquérito de Avaliação aplicado na Ação de Formação “A EDUCAÇÃO SEXUAL: desafios e realidades” em Apêndice XIII.

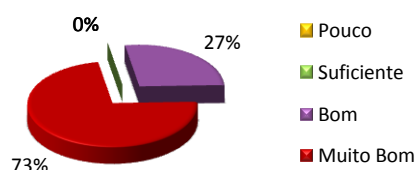
Perante o questionamento sobre a clareza das intervenções pelo formador, 82% dos formandos consideraram MUITO BOM e 18% BOM (ver gráfico n.º 10).

Gráfico n.º 10: Clareza das intervenções pelo formador



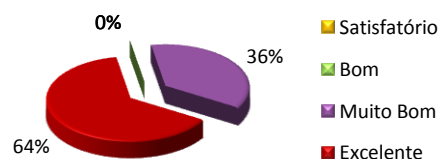
Já quanto à adaptação do discurso aos destinatários no sentido de atingir as finalidades a que nos propúnhamos, 73% dos formandos consideraram este aspeto MUITO BOM e 27% consideraram BOM (ver gráfico n.º 11).

Gráfico n.º 11: Adaptação do discurso aos destinatários/finalidades foi conseguida



A última questão pretendia aferir o nível de satisfação em relação à atividade, 64% dos formandos consideraram uma avaliação de EXCELENTE e 36% avaliaram a atividade com MUITO BOM (ver gráfico n.º 12)

Gráfico n.º 12: Apreciação global



Face à supracitada avaliação da atividade, podemos concluir que teve um impacto significativamente positivo, evidencia ter sido muito profícua pelo seu caráter teórico-prático, apontando temáticas a trabalhar no nível secundário e as metodologias pedagógicas mais adequadas.

Quadro n.º 9: Descrição de Atividades - Cursos de Formação - "Educação Sexual em contexto escolar"

Cursos de Formação – “Educação Sexual em contexto escolar” <ul style="list-style-type: none">▪ Professores 2º ciclo▪ Professores 1º ciclo e Educadores de Infância▪ Professores 3º ciclo	Data: novembro e dezembro de 2010, janeiro e fevereiro de 2011
Recursos materiais: computador portátil, livros, CD's RW, DVS's, fotocópias. Humanos: estagiária.	
Descrição das Atividades: Formação a docentes e educadores <p>As ações Cursos promovidas foram:</p> <ul style="list-style-type: none">▪ O curso de formação – “<i>Educação Sexual em contexto escolar no 2º ciclo</i>” - 25h, decorreu entre o dia 8 de novembro e o dia 2 de dezembro de 2010;▪ O curso de formação – “<i>Educação Sexual em contexto escolar no 1º ciclo</i>” - 25h, decorreu entre o dia 6 e o dia 22 de dezembro de 2010;▪ O curso de formação – “<i>Educação Sexual em contexto escolar no 3º ciclo</i>” - 25h, decorreu entre o dia 3 e 31 de janeiro de 2011;▪ O curso de formação – “<i>Educação Sexual em contexto escolar no Pré-escolar e 1º ciclo – 25h</i>”, decorreu entre o dia 3 e o dia 28 de fevereiro de 2011. <p>Estas ações resultaram da parceria com o CFAE - Centro de Formação de Associação de Escolas de dois concelhos sediado e a funcionar nesta escola, servindo os públicos da comunidade escolar desses dois concelhos. As ações levadas a efeito foram creditadas pelo Conselho Científico da Formação Contínua de Professores – Braga, com o Registo: CCPF/ACC-63865/10. Esta estratégia constituiu-se imprescindível para a necessária adesão do público docente.</p>	

Seguidamente, apresenta-se em pormenor o 1.º curso realizado – “*Educação Sexual em contexto escolar no 2º ciclo*”. A este respeito, importa sublinhar que os restantes cursos foram estruturados segundo a mesma organização, no entanto, adaptados em conteúdo e estratégias/dinâmicas práticas ao nível de ensino lecionado pelos docentes implicados em cada ação. Nas fichas de avaliação¹⁴ fornecidas em todos os cursos de formação, os participantes fizeram constar a avaliação, sendo que a ação do pré-escolar e 1.º ciclo e do 3.º ciclo se apresenta em anexo¹⁵.

¹⁴ Consultar Modelo de Inquérito de Avaliação aplicado nos Cursos de Formação “Educação sexual em contexto escolar” em Apêndice XIV.

¹⁵ Consultar a Avaliação do Curso de Formação “Educação Sexual em contexto escolar no pré-escolar e 1.º ciclo” e do Curso de Formação “Educação Sexual em contexto escolar no 3.º ciclo” em Apêndice XV.

Curso de formação – “*Educação Sexual em contexto escolar no 2º ciclo*” (25h). O curso de formação decorreu entre o dia 8 de novembro e o dia 2 de dezembro de 2010.

Objetivos da Formação

- Conhecer os normativos legais de enquadramento da educação sexual em meio escolar;
- Atualizar os conhecimentos na área da sexualidade e educação sexual;
- Desenvolver atitudes e valores face à sexualidade;
- Adquirir competências para responder às necessidades de crianças e jovens;
- Desenvolver atividades adequadas ao público usando metodologias ativas, escolhendo, implementando e construindo atividades de Educação Sexual.

Estes objetivos vão no sentido de possibilitar que os alunos lidem com a sexualidade de forma saudável, rentabilizem os cuidados de saúde e um futuro com mais saúde sexual e reprodutiva.

Programa da Ação¹⁶

- 1.ª Sessão: 8 novembro (9h30-12h30) - **Enquadramento da educação sexual em meio escolar e os normativos legais.**
- 2.ª Sessão: 12 novembro (18h-21h) - **Contributos e perfil do formador**
- 3.ª Sessão: 15 novembro (18h-21h) - **Desenvolvimento psicosssexual I**
- 4.ª Sessão: 20 novembro (18h-21h) - **Desenvolvimento psicosssexual II**
- 5.ª Sessão: 20 novembro (14h-17h) - **Prevenção e promoção da saúde sexual – Infecções Sexualmente Transmissíveis**
- 6.ª Sessão: 22 novembro (18h-21h) – **Os processos de Comunicação, tomada de decisão e abusos**
- 7.ª Sessão: 29 novembro (18h-21h) - **Intervenientes e parcerias – a escola e a comunidade**
- 8.ª Sessão: 2 dezembro (17h-21h) - **Metodologias de Intervenção em Educação Sexual**

¹⁶ Consultar os Diapositivos de Apresentação relativos às oito sessões que integraram o Programa do Curso de Formação “Educação Sexual em contexto escolar no 2º ciclo” em Apêndice XVI.

Planificação 1.ª Sessão - Enquadramento da educação sexual em meio escolar e os normativos legais

Quadro n.º 10: Planificação da 1.ª Sessão – “Enquadramento da educação sexual em meio escolar e os normativos legais

Curso	“Educação Sexual em Contexto Escolar no 2º ciclo” – 25h	Ação: 2º ciclo
Módulo	1.ª Sessão – Enquadramento da educação sexual em meio escolar e os normativos legais	
Data	08 nov a 2 dez –2010	Sessão: 1 Duração: 3H
Público-alvo	Docentes do 2º ciclo, ativos, com experiência relevante na área da educação e que pretendem introduzir a educação sexual nas suas práticas.	
Formador:	Emília Gomes Alves	
Objetivos Gerais	Conhecer os normativos legais de enquadramento da educação sexual em meio escolar; Atualizar os conhecimentos na área da sexualidade e educação sexual; Desenvolver atitudes e valores face à sexualidade.	

Objetivos específicos da sessão	Fases	Conteúdos	Técnicas de Formação/Educação
Motivar os formandos para a sessão	Introdução	Apresentação dos objetivos	Técnica de Iniciação / Técnica de Coesão "O que fazem os outros aqui!"
		Mensuração das expectativas	
		Motivação para o tema	
Analisar as competências da escola e da família	Desenvolvimento	Saber que: <input type="checkbox"/> A sexualidade faz parte da vida <input type="checkbox"/> É uma vertente do relacionamento <input type="checkbox"/> Papel importante na formação das crianças <input type="checkbox"/> A educação sexual ajuda a crescer <input type="checkbox"/> Prevenir riscos associados à vivência da sexualidade <input type="checkbox"/> É um direito	Técnica de Grupo: Técnica de Produção grupal Chuva de ideias: "O que é a sexualidade"
Conhecer os normativos legais de enquadramento da educação sexual		Legislação: Lei nº 3/84 de 24 de março Normativos mais recentes: <input type="checkbox"/> Lei nº 60/2009 de 6 de agosto <input type="checkbox"/> Portaria n.º 196-A/2010 de 9 de abril	Técnica de Informação e Comunicação: Técnica de Comunicação Oral
		Finalidades da educação sexual;	Técnica de Informação e Comunicação: Técnica de Comunicação Oral
		Modalidades no ensino básico e secundário e a necessária transversalidade nas disciplinas;	
		Carga horária no 1º e 2º ciclos.	
Definir a Sexualidade (OMS) – e consequente reflexão		A transversalidade da sexualidade ao processo de vida	Técnica de Grupo: Técnica de Produção grupal Jogo de clarificação de valores: "O carrocel"
		Os objetivos da educação sexual	
		Educação sexual informal e formal - agentes de influência	
Conhecer os desafios da escola		Mitos antigos / mitos modernos	Técnica de Informação e Comunicação: Técnica de Comunicação Oral
		• Na formação; • Abordagem pedagógica da sexualidade; • Promoção de atividades com as famílias; • Ativar mecanismos de parceria	
Compreender a abordagem dos valores e atitudes – razões e estratégias para trabalhar com os alunos;	Valores essenciais na ES – valores universais a trabalhar: <input type="checkbox"/> Autonomia e liberdade <input type="checkbox"/> Sexualidade como fonte de prazer <input type="checkbox"/> Expressões da sexualidade ao longo da vida <input type="checkbox"/> Importância da comunicação <input type="checkbox"/> Promover direitos e oportunidades <input type="checkbox"/> Recusar formas de violência ou coação <input type="checkbox"/> Respeitar o direito à diferença <input type="checkbox"/> Promover a saúde do indivíduo	Técnica de Grupo: Técnica de Produção grupal "Bingo humano"	
Desvalorizar os quadros valorativos individuais.			
Concluir pelos formandos e sistematizar pelo formador Reflexão sobre os tópicos apresentados e sobre o tópico definido.	Conclusão	Síntese dos conteúdos "Não podemos ter uma sexualidade humana limitada à resposta sexual e aos riscos". Diálogo / esclarecimento sobre dúvidas que possam surgir	Técnica de Informação e Comunicação: Técnica de Comunicação Oral

Planificação 2.ª Sessão - Contributos da Educação Sexual

Quadro n.º 11: Planificação da 2.ª Sessão – “Contributos da Educação Sexual”

Curso	"Educação Sexual em Contexto Escolar no 2º ciclo" - 25h		Ação: 2º ciclo
Módulo	2ª Sessão - Contributos da Educação Sexual		
Data	08 nov a 2 dez -2010	Sessão: 2	Duração: 3H
Público-alvo	Docentes do 2º ciclo, ativos, com experiência relevante na área da educação e que pretendem introduzir a educação sexual nas suas práticas.		
Formador:	Emília Gomes Alves		
Objetivos Gerais	Identificar o perfil do educador na educação sexual; Definir os fatores de sucesso para a educação sexual; Caracterizar as diferentes teorias do desenvolvimento humano.		
Objetivos específicos da sessão	Fases	Conteúdos	Técnicas de Formação/Educação
Recordar a informação anteriormente trabalhada.	Introdução	Breve síntese dos conteúdos abordados na sessão anterior	Técnica de Informação e Comunicação: Técnica de Comunicação Oral
Conhecer os principais contributos da educação sexual	Desenvolvimento	<input type="checkbox"/> Conhecimentos: Anatomia, Anatomo-fisiologia e psicologia da resposta sexual humana, Diversidade de expressões do comportamento sexual humano, Fisiologia da reprodução humana e mecanismos de contraceção <input type="checkbox"/> Atitudes: aceitação positiva do corpo, atitude não sexista, atitude de aceitação dos outros; atitude de prevenção no domínio da saúde sexual e reprodutiva <input type="checkbox"/> Competências: tomada de decisão; comunicação, vocabulário adequado, capacidade de pedir ajuda A sua abordagem estará sempre em conformidade com o nível desenvolvimental dos alunos.	Técnica de Grupo: Técnica de Produção Grupal Jogo de clarificação de valores: "Os meus valores"
Refletir que existem várias abordagens possíveis:		<input type="checkbox"/> Via do silêncio <input type="checkbox"/> Via da ação educativa A importância da informação adaptada à idade e características das crianças e jovens.	Técnica de Grupo: Técnica de Produção Grupal Jogo de clarificação de Valores: "Barómetro"
Identificar os perfis dos educadores na abordagem da educação sexual:		Perfil do Formador: Competências e capacidades Trocista Moralista Inseguro Atento Coerente Afetivo	Técnica de Informação e Comunicação: Técnica de Comunicação Oral
Descrever as funções que cabem ao formador e as preocupações enquanto educador		O papel do formador no contexto da Educação Sexual <input type="checkbox"/> Preocupação com o bem-estar físico e psicológico <input type="checkbox"/> Aceitar a sua sexualidade e a dos outros <input type="checkbox"/> Respeitar as opiniões <input type="checkbox"/> Aceitar o envolvimento dos pais <input type="checkbox"/> Manter a confidencialidade <input type="checkbox"/> Reconhecer a necessidade de parcerias Os fatores de sucesso na abordagem.	Técnica de Informação e Comunicação: Técnica de Comunicação Oral
Explorar e identificar os contributos das principais teorias explicativas do desenvolvimento humano		Modelos do desenvolvimento cognitivo, psicossocial e psicosexual	Técnica de Grupo: Técnica de Produção Grupal Caracterização das teorias de desenvolvimento relacionando com a educação sexual.
	Conclusão	Preparação das apresentações. Síntese integradora dos conhecimentos. Refletir e sistematizar.	Técnica de Grupo: Técnica de Produção Grupal Brainstorming

Planificação 3.ª Sessão - Desenvolvimento Psicossexual I

Quadro n.º 12: Planificação da 3.ª Sessão - Desenvolvimento Psicossexual I

Curso	"Educação Sexual em Contexto Escolar no 2º ciclo" - 25h		Ação: 2º ciclo
Módulo	3ª sessão - Desenvolvimento Psicossexual I		
Data	08 nov a 2 dez - 2010	Sessão: 3	Duração: 3H
Público-alvo	Docentes do 2º ciclo, ativos, com experiência relevante na área da educação e que pretendem introduzir a educação sexual nas suas práticas.		
Formador:	Emília Gomes Alves		
Objetivos Gerais	<input type="checkbox"/> Identificar a anatomia e fisiologia sexual <input type="checkbox"/> Reconhecer as mudanças da puberdade <input type="checkbox"/> Reconhecer a identidade sexual e os papéis de género <input type="checkbox"/> Distinguir as expressões da sexualidade humana		
Objetivos específicos da sessão	Fases	Conteúdos	Técnicas de Formação/Educação
Motivar os formandos para a sessão	Introdução	Apresentação dos objetivos	Técnica de Informação e Comunicação: Técnica de Comunicação Oral
		Mensuração das expetativas	
		Motivação para o tema	
Apresentar os trabalhos de grupo	Desenvolvimento	Refletir e sistematizar.	Técnica de Grupo: Técnica de Produção Grupal Apresentação dos trabalho de Grupo
Analisar os tópicos de abordagem do desenvolvimento Psicossexual nas idades coincidentes com o 2º ciclo Explorar o eixo: <input type="checkbox"/> B - EXPRESSÕES DA SEXUALIDADE		1 - COMPORTAMENTOS SEXUAIS: <input type="checkbox"/> Reconhecer diferentes comportamentos sexuais: carícias, beijos, masturbação; <input type="checkbox"/> Reconhecer a associação entre o afeto, compromisso e sexualidade; <input type="checkbox"/> Reconhecer que todos temos necessidades e interesses diferentes.	Técnica de Informação e Comunicação: Técnica de Comunicação Oral
		2 - LINGUAGEM: <input type="checkbox"/> Conhecer e usar de forma apropriada os principais nomes técnicos em relação à sexualidade; <input type="checkbox"/> Conhecer a linguagem vulgar sobre a sexualidade. <input type="checkbox"/> Distinguir os termos de linguagem vulgar com valor negativo e positivo.	Técnica de Grupo: Técnica de Produção Grupal Jogo Pedagógico: "Que outro nome tem..."
		3 - IDENTIDADE SEXUAL E PAPEL DE GÉNERO: <input type="checkbox"/> Aceitar positivamente as diferentes partes do corpo e a figura corporal; <input type="checkbox"/> Adquirir a constância da identidade sexual; <input type="checkbox"/> Distinguir entre identidade sexual e papéis de género; <input type="checkbox"/> Aquisição de papéis de género flexíveis, igualitários e não discriminatórios; <input type="checkbox"/> Reconhecer alguns aspetos de discriminação social em função do papel de género.	Técnica de Grupo: Técnica de Produção Grupal Jogo Pedagógico: " O nosso Corpo" Jogo Pedagógico: "Cuidar bem /cuidar mal do corpo" Jogo Pedagógico: "Masculino ou feminino"
Aplicar os conhecimentos	4 - AFETOS: <input type="checkbox"/> Mudanças fisiológicas, expressivas, subjetivas e sociais <input type="checkbox"/> Categorização <input type="checkbox"/> Sexo-afetivos: desejo, atração, enamoramento, rejeição, culpa <input type="checkbox"/> Sócio-afetivos: empatia, apego, amizade, hostilidade <input type="checkbox"/> Desejo sexual <input type="checkbox"/> Atração <input type="checkbox"/> Enamoramento <input type="checkbox"/> Tipo de processos amorosos		
	Conclusão	Iniciar um projeto de intervenção para uma turma de 2º ciclo: Missão, propósito geral - Estamos aqui para quê? Onde queremos chegar? - Finalidades: Mudanças e melhorias Como podemos lá chegar? - Estratégia Objetivos: resultados e benefícios - O que se atinge com cada estratégia? Atividades necessárias para atingir os objetivos - Que atividades deve prever para cada estratégia? Plano de recursos - De que recursos necessitamos? Estruturar um exercício para uma turma de acordo com os conteúdos abordados na sessão.	Técnica de Grupo: Técnica de Produção Grupal "Aplicando..."
		Diálogo reflexivo / esclarecimento sobre dúvidas que possam surgir	Técnica de Informação e Comunicação: Técnica de Comunicação Oral

Planificação 4.ª Sessão – Desenvolvimento Psicossexual II

Quadro n.º 13: Planificação da 4.ª Sessão - "Desenvolvimento Psicossexual II

Curso	"Educação Sexual em Contexto Escolar no 2º ciclo" - 25h	Ação: 2º ciclo
Módulo	4ª sessão – Desenvolvimento Psicossexual II	
Data	08 nov a 2 dez -2010	Sessão: 4
Público-alvo	Docentes do 2º ciclo, ativos, com experiência relevante na área da educação e que pretendem introduzir a educação sexual nas suas práticas.	
Formador:	Emília Gomes Alves	
Objetivos Gerais	<input type="checkbox"/> Reconhecer o papel das relações interpessoais na formação da identidade <input type="checkbox"/> Compreender a saúde sexual e reprodutiva <input type="checkbox"/> Identificar os métodos contracetivos	

Objetivos específicos da sessão	Fases	Conteúdos	Técnicas de Formação/Educação
Motivar os formandos para a sessão.	Introdução	Apresentação dos objetivos	Técnica de Informação e Comunicação: Técnica de Comunicação Oral
		Mensuração das expectativas	
Analisar os tópicos de abordagem do desenvolvimento Psicossexual nas idades coincidentes com o 2º ciclo Explorar o eixo: C – RELAÇÕES INTERPESSOAIS	Desenvolvimento	Motivação para o tema	Técnica de Grupo: Técnica de Produção Grupal Jogo Pedagógico: "Se não existisse família?"
		1 – RELAÇÕES NA FAMÍLIA: <input type="checkbox"/> Compreender o papel da família, diferentes tipos de família e de parentesco; <input type="checkbox"/> Sentir-se membros de uma família; <input type="checkbox"/> Reconhecer o significado afetivo e social da família; <input type="checkbox"/> Valorizar relações afetivas adequadas com a família.	
		2 – ATIVIDADES DOMÉSTICAS: <input type="checkbox"/> Conhecer as diferentes tarefas domésticas; <input type="checkbox"/> Colaborar de forma não sexista nas tarefas domésticas.	Técnica de Grupo: Técnica de Produção Grupal Jogo pedagógico: "Quem faz o que?"
		3 – OS AMIGOS: <input type="checkbox"/> Distinguir entre desconhecidos, conhecidos, companheiros e amigos; <input type="checkbox"/> Conhecer as características essenciais da amizade; <input type="checkbox"/> Distinguir e valorizar a cooperação e ajuda – ser capaz de colaborar e ajudar os outros; <input type="checkbox"/> Participar em atividades escolares e lúdicas com rapazes e raparigas; <input type="checkbox"/> Não discriminar ninguém pelo facto de ser diferente.	Técnica de Informação e Comunicação: Técnica de Comunicação Oral
		4 – ABUSOS SEXUAIS: <input type="checkbox"/> Compreender o que é um abuso sexual; <input type="checkbox"/> Saber reagir adequadamente em caso de ser alvo de tentativa de abuso – trabalhar a comunicação.	Técnica de Informação e Comunicação: Técnica de Comunicação Social Exploração de Vídeos
		1 – CUIDADOS BÁSICOS DO CORPO: <input type="checkbox"/> Adquirir os hábitos saudáveis de limpeza e de alimentação.	Técnica de Informação e Comunicação: Técnica de Comunicação Oral
2 – FECUNDAÇÃO, GRAVIDEZ E PARTO: <input type="checkbox"/> Conhecer o processo de fecundação; <input type="checkbox"/> Conhecer alguns aspectos essenciais do desenvolvimento fetal e processo de parto; <input type="checkbox"/> Conhecer os cuidados fundamentais que necessita uma criança recém-nascida.			
3 – RESPOSTA SEXUAL 4 – CONTRACEÇÃO	Técnica de Grupo: Técnica de Produção Grupal <i>Role Play:</i> "Prós e contras"		
5 – INTERRUPTÃO VOLUNTÁRIA DA GRAVIDEZ: Mitos da pílula	Técnica de Informação e Comunicação: Técnica de Comunicação Oral		
Analisar os tópicos de abordagem do desenvolvimento Psicossexual nas idades coincidentes com o 2º ciclo Explorar o eixo: D – SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA	Desenvolvimento	6 – O CORPO QUE SE CONSTRÓI: <input type="checkbox"/> O novo corpo sexuado <input type="checkbox"/> Alterações da imagem corporal <input type="checkbox"/> Pressão interna e externa Métodos contracetivos	Técnica de Grupo: Técnica de Produção Grupal Jogo Pedagógico: "A árvore do prazer"
		Dar continuidade ao trabalho de projeto: Estruturar uma atividade de acordo com os conteúdos abordados na sessão.	Técnica de Grupo: Técnica de Produção Grupal "Aplicando..."
Aplicar os conhecimentos	Conclusão	Diálogo reflexivo / esclarecimento sobre dúvidas que possam surgir	Técnica de Informação e Comunicação: Técnica de Comunicação Oral

Planificação 5.ª Sessão – Prevenção e Promoção da Saúde Sexual

Quadro n.º 14: Planificação da 5.ª Sessão - "Prevenção e Promoção da Saúde Sexual"

Curso	"Educação Sexual em Contexto Escolar no 2º ciclo" - 25h	Ação: 2º ciclo
Módulo	5ª sessão : Prevenção e Promoção da Saúde Sexual	
Data	08 nov a 2 dez -2010	Sessão: 5
Público-alvo	Docentes do 2º ciclo, ativos, com experiência relevante na área da educação e que pretendem introduzir a educação sexual nas suas práticas.	
Formador:	Emília Gomes Alves	
Objetivos Gerais	<input type="checkbox"/> Conhecer as Infecções Sexualmente Transmissíveis – IST´S <input type="checkbox"/> Consciencializar sobre: Modos de transmissão; Sinais de alerta; Comportamentos de Prevenção; Importância do tratamento. <input type="checkbox"/> Refletir os efeitos da discriminação. <input type="checkbox"/> Encorajar a lidar com a temática de forma assertiva e sem ansiedade.	

Objetivos específicos da sessão	Fases	Conteúdos	Técnicas de Formação/Educação
Motivar os formandos para a sessão	Introdução	Apresentação dos objetivos Mensuração das expectativas Motivação para o tema	Técnica de Informação e Comunicação: Técnica de Comunicação Oral
Explorar as IST e VIH Sida e a sua abordagem no 2º ciclo do ensino Básico	Desenvolvimento	Os vários tipos de Infecções Sexualmente Transmissíveis com destaque para: <input type="checkbox"/> VÍRUS DO PAPILOMA HUMANO – HPV <input type="checkbox"/> VIH/SIDA	Técnica de Grupo: Técnica de Produção Grupal Jogo Pedagógico: "O Jogo do contágio"
		VIH/SIDA - Discriminação	Técnica de Grupo: Técnica de Produção Grupal Jogo Pedagógico: "Não se contrai SIDA por ..." Jogo Pedagógico: "Porquê ser solidário?"
		VIH/SIDA – Formas de Transmissão – Comportamentos de Prevenção	Técnica de Informação e Comunicação: Técnica de Comunicação Oral
Aplicar os conhecimentos		Dar continuidade ao trabalho de projeto: Estruturar uma atividade de acordo com os conteúdos abordados na sessão.	Técnica de Grupo: Técnica de Produção Grupal "Aplicando..."
	Conclusão	Diálogo reflexivo / esclarecimento sobre dúvidas que possam surgir	Técnica de Informação e Comunicação: Técnica de Comunicação Oral

Planificação 6.ª Sessão – Os Processos de Comunicação e de Tomada de Decisão

Quadro n.º 15: Planificação da 6.ª Sessão – “Os processos de comunicação e de tomada de decisão”

Curso	“Educação Sexual em Contexto Escolar no 2º ciclo” - 25h	Ação: 2º ciclo
Módulo	6ª sessão: Os processos de Comunicação e de Tomada de Decisão	
Data	08 nov a 2 dez -2010	Sessão: 6 Duração: 3H
Público-alvo	Docentes do 2º ciclo, ativos, com experiência relevante na área da educação e que pretendem introduzir a educação sexual nas suas práticas.	
Formador:	Emília Gomes Alves	
Objetivos Gerais	<input type="checkbox"/> Identificar os processos de comunicação interpessoal; <input type="checkbox"/> Reconhecer as atitudes individuais facilitadoras da comunicação na educação sexual; <input type="checkbox"/> Valorizar o processo de tomada de decisão; <input type="checkbox"/> Refletir sobre o abuso sexual; <input type="checkbox"/> Trabalhar assertivamente a capacidade de dizer não e de pedir ajuda.	

Objetivos específicos da sessão	Fases	Conteúdos	Técnicas de Formação/Educação
Motivar os formandos para a sessão	Introdução	Apresentação dos objetivos Mensuração das expectativas Motivação para o tema	Técnica de Informação e Comunicação: Técnica de Comunicação Oral
Reconhecer a importância da comunicação e compreender o seu papel na educação sexual	Desenvolvimento	A comunicação e os seus elementos	Técnica de Informação e Comunicação: Técnica de Comunicação Oral
Distinguir linguagem verbal e não verbal		Linguagem Verbal e não verbal	Técnica de Grupo: Técnica de Produção Grupal Jogo Pedagógico: "A comunicação"
Conhecer as deficiências no processo de comunicação		Barreiras à comunicação	Técnica de Grupo: Técnica de Produção Grupal Jogo Pedagógico: "Descrever uma figura"
Identificar os vários estilos de comunicar		Estilos de comunicação	Técnica de Informação e Comunicação: Técnica de Comunicação Oral
Reconhecer comportamentos assertivos e atuar em conformidade		Atitudes comunicacionais	Técnica de Informação e Comunicação: Técnica de Comunicação Oral
Reconhecer as atitudes facilitadoras da comunicação		O papel e a atitude adequada do formador	Técnica de Informação e Comunicação: Técnica de Comunicação Oral
Conhecer o papel e a atitude adequada do formador		As interações sociais salientando o respeito pelos direitos do próprio e dos outros Treino comportamental – melhorar competências: • expressão dos sentimentos, afetos, desejos, intenções e decisões em relação aos outros; • respeito, aceitação ou recusa de sentimentos, afetos, desejos, intenções e decisões dos outros em relação a si.	Técnica de Grupo: Técnica de Produção Grupal Jogo Pedagógico: "O jogo das cartas".
Refletir a importância de trabalhar a assertividade:		ABUSOS SEXUAIS – Como prevenir: <input type="checkbox"/> O que é um abuso sexual; <input type="checkbox"/> Como reagir adequadamente em caso de ser alvo de tentativa de abuso <input type="checkbox"/> Ensinar a dizer não a propostas sexuais de adultos <input type="checkbox"/> Como e a quem pedir auxílio Mitos <input type="checkbox"/> Contribuem para manter silenciado um grande número de casos. As consequências do abuso sexual	Técnica de Informação e Comunicação: Técnica de Comunicação Social Exploração de Vídeos: "Procura na internet ..."
Identificar os fenómenos de violência sexual	Conclusão	Sistematização dos conhecimentos Diálogo reflexivo / esclarecimento sobre dúvidas que possam surgir	Técnica de Informação e Comunicação: Técnica de Comunicação Oral

Planificação 7.ª Sessão – A Escola e a Comunidade

Quadro n.º 16: Planificação da 7.ª Sessão – “A escola e a Comunidade”

Curso	“Educação Sexual em Contexto Escolar no 2º ciclo” - 25h	Ação: 2º ciclo
Módulo	7º sessão – A escola e a comunidade	
Data	08 nov a 2 dez -2010	Sessão: 7
Público-alvo	Docentes do 2º ciclo, ativos, com experiência relevante na área da educação e que pretendem introduzir a educação sexual nas suas práticas.	
Formador:	Emília Gomes Alves	
Objetivos Gerais	<input type="checkbox"/> Identificar a necessidade de uma abordagem ecológica <input type="checkbox"/> Reconhecer a importância da família na educação sexual <input type="checkbox"/> Valorizar os recursos da comunidade enquanto parceiros neste âmbito	

Objetivos específicos da sessão	Fases	Conteúdos	Técnicas de Formação/Educação
Motivar os formandos para a sessão	Introdução	Apresentação dos objetivos Mensuração das expectativas Motivação para o tema	Técnica de Informação e Comunicação: Técnica de Comunicação Oral
Compreender a relação sexualidade e a Escola	Desenvolvimento	<input type="checkbox"/> A importância da Escola na construção da identidade <input type="checkbox"/> As limitações <input type="checkbox"/> O que pode ser feito	Técnica de Informação e Comunicação: Técnica de Comunicação Oral
Refletir sobre o papel da Família		<input type="checkbox"/> Visão sincrónica (a família, a escola, os amigos) <input type="checkbox"/> O papel da família, da escola e do grupo de amigos no desenvolvimento da criança/adolescente <input type="checkbox"/> “Crenças” que se instalaram como verdades absolutas sem qualquer fundamento científico	
Aplicar os conhecimentos		Dar continuidade ao trabalho de projeto: Estruturar uma atividade para aplicar a pais e encarregados de educação de acordo com os conteúdos abordados na sessão.	Técnica de Grupo: Técnica de Produção Grupal “Aplicando...”
	Conclusão	Sistematização dos conhecimentos Diálogo reflexivo / esclarecimento sobre dúvidas que possam surgir	Técnica de Informação e Comunicação: Técnica de Comunicação Oral

Planificação 8.ª Sessão – Metodologias de Intervenção em Educação sexual

Quadro n.º 17: Planificação da 8.ª Sessão – “Metodologias de Intervenção em Educação Sexual”

Curso	“Educação Sexual em Contexto Escolar no 2º ciclo” - 25h	Ação: 2º ciclo
Módulo	8ª Sessão - Metodologias de Intervenção em Educação Sexual	
Data	08 Nov a 2 Dez -2010	Sessão: 8
Público-alvo	Docentes do 2º ciclo, ativos, com experiência relevante na área da educação e que pretendem introduzir a educação sexual nas suas práticas.	
Formador:	Emília Gomes Alves	
Objetivos Gerais	<input type="checkbox"/> Distinguir método de técnica pedagógica; <input type="checkbox"/> Refletir os fatores que condicionam a escolha dos métodos pedagógicos na educação sexual; <input type="checkbox"/> Relacionar a escolha dos métodos e técnicas com os conteúdos a transmitir, de acordo com diferentes desenvolvimentos e diferentes alunos.	

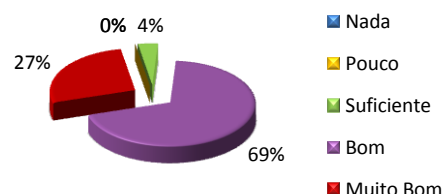
Objetivos específicos da sessão	Fases	Conteúdos	Técnicas de Formação/Educação
Motivar os formandos para a sessão.	Introdução	Apresentação dos objetivos	Técnica de Informação e Comunicação: Técnica de Comunicação Oral
		Mensuração das expectativas	
		Motivação para o tema	
Reconhecer a importância dos métodos pedagógicos abordagem da educação sexual	Desenvolvimento	Importância dos métodos pedagógicos na educação sexual	Técnica de Informação e Comunicação: Técnica de Comunicação Oral
Definir método pedagógico e técnica pedagógica.		Conceito de método e técnica	
Conhecer os métodos pedagógicos utilizados em educação		Classificação dos métodos pedagógicos	
Identificar as vantagens e inconvenientes dos métodos pedagógicos: expositivo; demonstrativo; interrogativo e ativo.		Tipos e características dos métodos pedagógicos A importância da escolha do método pedagógico em educação sexual	
Reconhecer os fatores que determinam a escolha do método		Vantagens e limites a considerar na seleção do método	
Conhecer as técnicas pedagógicas utilizadas em formação		Técnicas pedagógicas: <i>Brainstorming</i> ; <i>Role-playing</i> ; Jogos Pedagógicos; Estudo de Caso, entre outras.	
Distinguir as diferentes técnicas pedagógicas			
Selecionar o método e técnicas em função do conteúdo a transmitir, público e contexto de formação.		Escolha de diferentes métodos e técnicas de acordo com o conteúdo a transmitir, público e contexto de formação.	
Verificar os conhecimentos adquiridos durante o módulo pela sistematização		Técnica de Informação e Comunicação: Técnica de Comunicação Oral	
Aplicar os conhecimentos adquiridos durante a formação e no módulo pela estruturação da última dinâmica.		Técnica de Grupo: Técnica de Produção Grupal "Aplicando..."	
	Conclusão	Diálogo integrador e reflexivo / esclarecimento sobre dúvidas que possam surgir. Conclusão e síntese dos conteúdos	Técnica de Informação e Comunicação: Técnica de Comunicação Oral

Avaliação do Curso de Formação “Educação Sexual em contexto escolar no 2º ciclo” - 25h

Esta atividade foi desenvolvida para 26 formandos e avaliada por estes através de um Inquérito de avaliação¹⁷, cujas conclusões se apresentam de seguida:

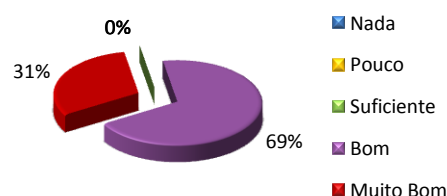
Na questão que aferia o cumprimento e adequação das expectativas face à atividade, 27% dos formandos avaliaram com MUITO BOM, 69% com BOM e 4% com SUFICIENTE (ver gráfico n.º 13).

Gráfico n.º 13: Adequação às expectativas dos formandos



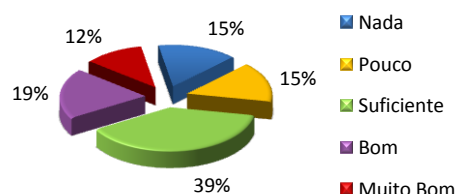
Inquirimos acerca da execução dos objetivos pela ação, tendo 31% dos formandos avaliado com MUITO BOM e 69% atribuíram BOM (ver gráfico n.º 14).

Gráfico n.º 14: Execução dos objetivos



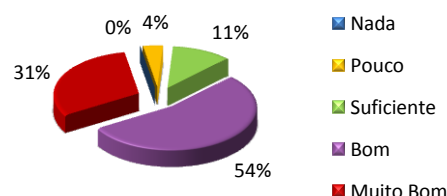
Foram também ouvidos em relação às condições logísticas em que decorreu a atividade, nomeadamente o espaço físico. Neste aspeto 12% dos formandos consideraram o espaço MUITO BOM, 19% BOM, 39% SUFICIENTE, 15% POUCO e 15% NADA bom (ver gráfico n.º 15).

Gráfico n.º 15: Condições físicas



Em relação à duração da atividade, 31% dos formandos avaliaram com MUITO BOM, 54% consideraram BOM, 11% SUFICIENTE e 4% POUCO (ver gráfico n.º 16).

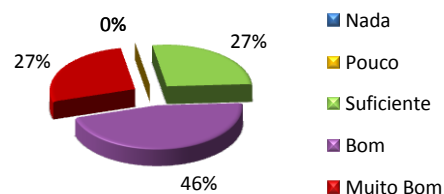
Gráfico n.º 16: Duração da ação



¹⁷ Consultar Modelo de Inquérito de Avaliação aplicado no Curso de Formação “Educação Sexual em contexto escolar no 2.º ciclo” em Apêndice XIV.

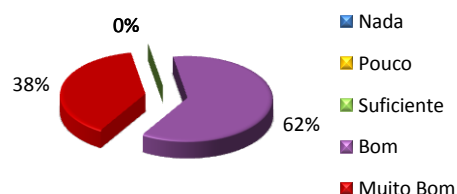
Relativamente à distribuição da componente teórica/prática, 27% dos formandos avaliaram com MUITO BOM, 46% com BOM e 27% com SUFICIENTE (ver gráfico n.º 17).

Gráfico n.º 17: Organização da ação / distribuição da componente teórica e prática



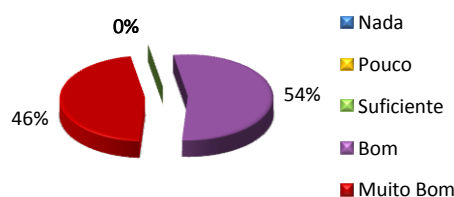
Consideraram o material MUITO BOM 38% dos formandos e 62% consideraram BOM (ver gráfico n.º 18).

Gráfico n.º 18: Material de apoio



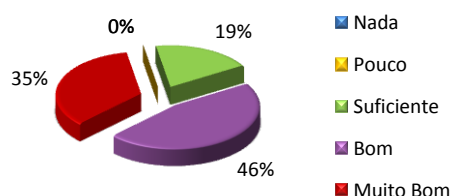
A metodologia usada na atividade foi avaliada por 46% dos formandos com MUITO BOM e 54% consideraram BOM (ver gráfico n.º 19).

Gráfico n.º 19: Metodologia da ação



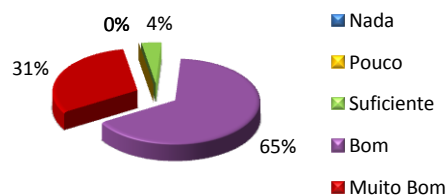
Questionados sobre a possibilidade de articular as competências desenvolvidas com a sua prática letiva, 35% formandos avaliaram com MUITO BOM, 46% com BOM e 19% com SUFICIENTE (ver gráfico n.º 20).

Gráfico n.º 20: Articulação com a prática letiva



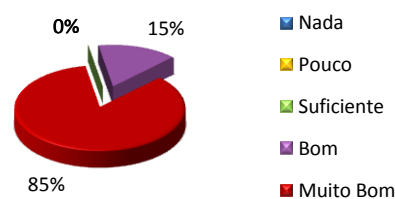
Aferimos acerca do processo de avaliação, sendo que 31% dos formandos consideraram MUITO BOM, 65% BOM e 4% SUFICIENTE (ver gráfico n.º 21).

Gráfico n.º 21: Avaliação da ação



Um indicador particularmente importante para a avaliação desta atividade e globalmente para este projeto é a preparação científica, empenhamento e competência pedagógica do formador, sendo que foi avaliado por 85% dos formandos com MUITO BOM e 15% avaliaram com BOM (ver gráfico n.º 22).

Gráfico n.º 22: Empenhamento e qualidade do Formador



Atendendo à avaliação dos parâmetros inquiridos, nomeadamente quanto à adequação às expectativas dos formandos, à execução dos objetivos, à duração da atividade, quanto à sua organização e distribuição da componente teórica e prática, o material de apoio que sustentou a componente teórica e prática, a metodologia usada, a possibilidade de articulação com a prática letiva, a avaliação da atividade e dos formandos e por fim o empenhamento e qualidade do formador, podemos globalmente fazer uma apreciação muito positiva. O único aspeto menos positivo referido relaciona-se com as condições físicas de trabalho.

Atividades formativas para Professores e Educadores - Atividades Extra Plano

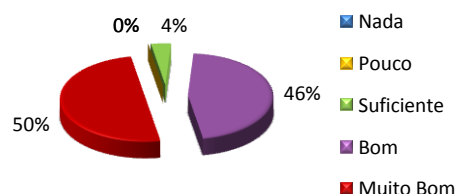
Quadro n.º 18: Descrição de Atividades - Curso de Formação Educação Sexual em contexto escolar no 1.º Ciclo"

<p>Curso de Formação – “<i>Educação Sexual em contexto escolar no 1º ciclo</i>”</p> <ul style="list-style-type: none"> Professores 1º ciclo 	<p>Data: dezembro de 2010</p>
<p>Recursos materiais: computador portátil, livros, CD's RW, DVS's, fotocópias, Humanos: estagiária.</p>	
<p>Descrição das Atividades: Formação a docentes e educadores</p> <p>Após validação das ações que anteriormente foram referidas, os docentes do 1º ciclo pressionaram no sentido de se organizar mais um grupo em exclusividade para este nível de ensino. Pela utilidade de que se revestia foi agendada.</p> <p>O curso de formação – “<i>Educação Sexual em contexto escolar no 1º ciclo</i>” - 25h, decorreu entre o dia 6 e o dia 22 de dezembro de 2010.</p>	

Esta atividade foi desenvolvida para 26 formandos e avaliada por estes através de um Inquérito de avaliação¹⁸, aferindo-se as seguintes conclusões:

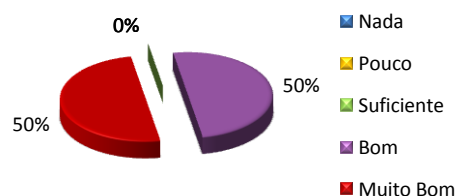
Na questão que aferia o cumprimento e adequação às expectativas em relação à atividade e aos seus objetivos, 50% dos formandos responderam MUITO BOM, 46% BOM e 4% SUFICIENTE (ver gráfico n.º 23)

Gráfico n.º 23: Adequação às expectativas dos formandos



Inquirimos se a atividade cumpriu os objetivos a que se propunha, tendo 50% dos formandos avaliaram com MUITO BOM, 50% com BOM (ver gráfico n.º 24).

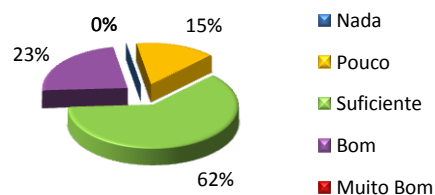
Gráfico n.º 24: Execução dos objetivos



¹⁸ Consultar Modelo de Inquérito de Avaliação aplicado no Curso de Formação “Educação Sexual em contexto escolar” em Apêndice XIV.

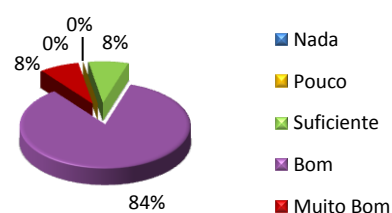
Relativamente aos processos de organização da atividade, inquirimos sobre o espaço físico, obtendo os seguintes resultados: 23% dos formandos avaliaram com BOM, 62% com SUFICIENTE e 15% com POUCO (ver gráfico n.º 25).

Gráfico n.º 25: Condições físicas



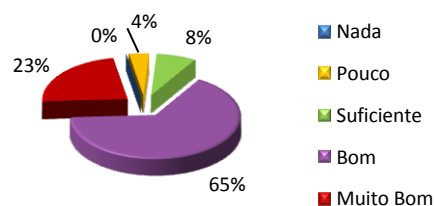
Em relação à duração da atividade, 8% dos formandos avaliaram a duração da atividade com MUITO BOM, 84% consideraram BOM e 8% SUFICIENTE (ver gráfico n.º 26).

Gráfico n.º 26: Duração da ação



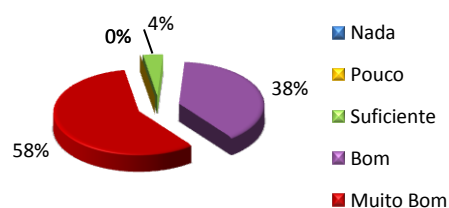
Relativamente à distribuição da componente teórica/prática, 23% dos formandos avaliaram com MUITO BOM, 65% BOM, 8% com SUFICIENTE e 4% com POUCO (ver gráfico n.º 27).

Gráfico n.º 27: Organização da ação / distribuição da componente teórica e prática



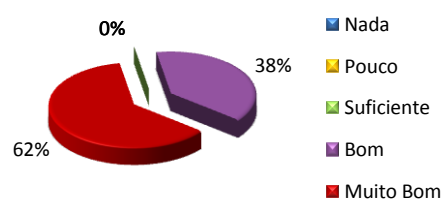
Consideraram o material MUITO BOM 58% dos formandos, 38% consideraram BOM e 4% com SUFICIENTE (ver gráfico n.º 28).

Gráfico n.º 28: Material de apoio



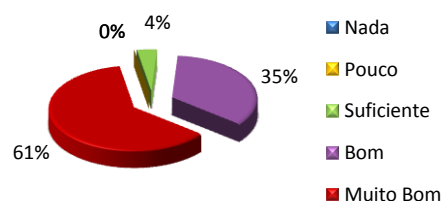
A metodologia usada na atividade foi avaliada por 62% dos formandos com MUITO BOM e 38% consideraram BOM (ver gráfico n.º 29).

Gráfico n.º 29: Metodologia da ação



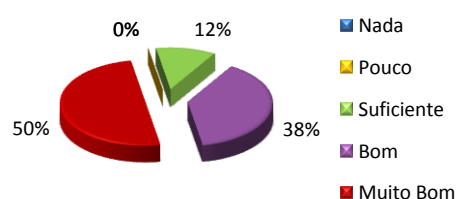
Questionados sobre a possibilidade de articular as competências desenvolvidas com a sua prática letiva e com o trabalho transdisciplinar, 61% dos formandos avaliaram com MUITO BOM, 35% com BOM e 4% com SUFICIENTE (ver gráfico n.º 30).

Gráfico n.º 30: Articulação com a prática letiva



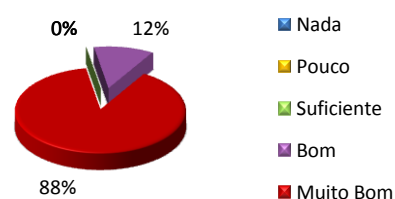
Tentamos aferir acerca do processo de avaliação, sendo que 50% dos formandos consideraram MUITO BOM, 38% consideraram BOM e 12% SUFICIENTE (ver gráfico n.º 31).

Gráfico n.º 31: Avaliação da ação



Inquiridos sobre o empenhamento e competência pedagógica do formador, 88% dos formandos consideraram MUITO BOM e 12% avaliaram com BOM (ver gráfico n.º 32).

Gráfico n.º 32: Empenhamento e qualidade do formador



Atendendo à avaliação dos parâmetros inquiridos, nomeadamente quanto à duração da atividade, quanto à sua organização e distribuição da componente teórica e prática, o material de apoio, a metodologia usada, a possibilidade de articulação com a prática letiva, a avaliação da atividade e por fim o empenhamento e qualidade do formador, podemos globalmente fazer uma apreciação muito positiva. O único aspeto menos positivo referido relaciona-se, também nesta ação, com as condições físicas de trabalho.

Quadro n.º 19: Descrição de Atividade - Seminário "A Educação Sexual: desafios e realidades"

Seminário "A EDUCAÇÃO SEXUAL: desafios e realidades"	Data: 17 novembro 2010 - CFAE MC
Recursos materiais: computador portátil, Internet, livros. Humanos: estagiária.	
Público: Docentes das parcerias: Escola Secundária de MC, do Agrupamento de Escolas de MC e Agrupamento de Escolas de S e ainda Diretores de escolas, Coordenadores das equipas de promoção para a saúde/educação sexual, Psicólogos em exercício, Assistentes Sociais.	
Descrição das Atividades: TÍTULO DA AÇÃO: Seminário "A EDUCAÇÃO SEXUAL: desafios e realidades" DURAÇÃO: 4 horas LOCAL: Escola Secundária de MC DATA: 17 de novembro de 2010 (14.30h – 18.30h) <p>Tendo em conta a Lei n.º60/2009 de 6 de agosto, que reforça a necessidade de trabalhar a temática da Educação Sexual no Ensino Básico e Secundário, obrigando a uma carga horária mínima, impõe-se a necessidade de formar os docentes nesta área transdisciplinar.</p> <p>Urge, por isso, que se desenvolvam as competências de saber adequar os conteúdos a trabalhar, por um lado às necessidades próprias da comunidade educativa, por outro ao nível etário dos alunos. Essas competências devem incluir as de utilização de metodologias que induzam à reflexão conjunta, que desenvolvem a capacidade de fazer escolhas reflexivas e assertivas, a antecipação de consequências, resistência às pressões, identificação de situações de risco, a aceitação das diferenças individuais, convivência com as mudanças características do crescimento, capacidade de comunicar os sentimentos e viver a sua sexualidade em contextos afetivos, entre outros.</p> <p>Atendendo ao supracitado, pretendeu-se:</p> <ul style="list-style-type: none">▪ Enquadrar a problemática na vida e na escola;▪ Correlacionar o desenvolvimento psicosexual com as etapas do desenvolvimento do indivíduo;▪ Propor uma abordagem da Educação Sexual formal numa perspetiva desenvolvimental, nos vários níveis etários. <p>O presente seminário procurou sensibilizar os participantes para a pertinência e a abrangência do tema e para a importância de os assuntos serem trabalhados com segurança, uma vez que são temáticas socialmente e moralmente sensíveis.</p> <p>A ação teve início com a entrega de um dossier a cada participante com alguns documentos de apoio, o programa e a ficha de avaliação da ação e folhas brancas.</p> <p>De seguida foi feita a abertura pela Diretora do CFAE MC e o enquadramento pela Dra. Manuela Carmona da DREN - Direção Regional de Educação do Norte (Ministério da Educação), coordenadora e responsável pela implementação e supervisão do programa PRESSE em conjunto com o Ministério da Saúde nas escolas preponentes.</p> <p>Feito o enquadramento, recaiu sobre a estagiária o desenvolvimento de toda a ação, projetando os objetivos e explorando a temática.</p>	

Objetivos da ação:

- Explorar os normativos legais de enquadramento da educação sexual em meio escolar;
- Analisar a sexualidade e educação sexual;
- Refletir o papel das atitudes e valores na sexualidade;
- Compreender os papéis dos intervenientes: escola, educadores e família.
- Contextualizar o desenvolvimento Global: cognitivo, social e Desenvolvimento Psicossexual: o que trabalhar, a que atender na abordagem e como trabalhar, desde o pré – escolar até ao nível secundário.

Conteúdos da ação:

- História normativa da Educação sexual;
- Normativos legais mais recentes (Lei 60/2009, 6 de agosto e Portaria 196 A/2010 de 9 de abril);
- Organizar a Educação Sexual na Escola - finalidades e modalidades;
- O conceito de Sexualidade;
- Suas dimensões, contributos e objetivos;
- Quais as abordagens / mitos;
- Como abordar a Educação sexual de forma assertiva;
- Trabalhar valores e atitudes;
- Compreender o papel: da escola – desafios; do educador – perfis; da família – parceiros.
- O corpo;
- Expressões de sexualidade;
- Relações interpessoais;
- Saúde sexual e reprodutiva.

Ao longo da ação foram-se criando momentos de debate, valorizando-a sobremaneira, não obstante o momento formalmente previsto para esse efeito. A ação foi muito promovida/divulgada, bem planificada e muito participada – cerca de 60 pessoas.

A avaliação informal da atividade indica que foi muito profícua pelo seu carácter teórico-prático exploratória de assuntos específicos nos vários níveis de ensino e para as metodologias pedagógicas mais adequadas. Tinha sido realizada pela estagiária uma ação similar em abril de 2010, muito útil a este estágio, uma vez que a participação com comunicação pública permitiu a observação de indicadores importantes permitindo um melhor diagnóstico das necessidades.

Quadro n.º 20: Descrição de Atividades - Oficinas de Formação

Módulos – Oficina de Formação	Data: janeiro e fevereiro de 2011
Recursos materiais: computador portátil, livros, CD's RW, DVS's, fotocópias. Humanos: estagiária.	
Descrição das Atividades: Formação a docentes e educadores <p>O funcionamento dos cursos de formação para educadores rapidamente criou novas necessidades noutras escolas. As oficinas de formação resultaram deste conhecimento por outro CFAE de um concelho vizinho formalizando convite para participar na constituição da equipa de formadores em várias oficinas:</p> <ul style="list-style-type: none">▪ “Educação para a saúde sexual para crianças em meio pré-escolar e escolar” EB 2,3 S – 4h¹⁹▪ “Educação para a saúde sexual para crianças em meio pré-escolar e escolar” EB 2,3 MC – 4h²⁰▪ “Educação para a saúde sexual para jovens e adolescentes em meio escolar” – ES MC - 6h²¹▪ <p>A intervenção partiu da desconstrução dos conceitos, reconhecendo os contributos da educação sexual no e para o meio escolar. Posicionamos a sexualidade num plano holístico do desenvolvimento humano relacionando-o com as dimensões: biológica (diferenciação corporal, resposta sexual, reprodução); psicológica (identidade sexual, emoções, sentimentos, valores e atitudes, papéis sexuais, orientação sexual) e social (normas de conduta, modelos sexuais, moral sexual, capacidade de mudança, valores, costumes, ética, lei).</p> <p>Procuramos desenvolver atitudes e valores face à sexualidade (aceitação positiva do corpo, atitude não sexista, atitude de aceitação dos outros, atitude de prevenção no domínio da saúde sexual e reprodutiva).</p> <p>Analizamos a ética na educação sexual uma vez que as características deste tema cruzam-se com valores, abordagens e juízos morais, assim, foi importante trabalhar o perfil do educador.</p> <p>Exploramos os conceitos - identidade de género e orientação sexual; a comunicação, suas formas e importância; a assertividade como factor fundamental nas relações e na tomada de decisão, a antecipação de consequências, a pressões dos pares, a capacidade de identificar as situações de risco, a aceitação da diferença, o conhecimento e aceitação das mudanças e características de crescimento a sua relação com a estima e o conceito e seus impactos na construção da personalidade. Enfatizamos a expressão dos sentimentos relacionando a sexualidade com a afetividade.</p>	

¹⁹ Consultar o Modelo de Inquérito de Avaliação dos Módulos da Oficina de Formação “Educação para a saúde sexual para crianças em meio pré-escolar e escolar” EB 2,3 S em Apêndice XVII.

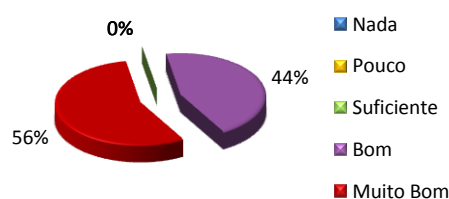
²⁰ Consultar o Modelo de Inquérito de Avaliação dos Módulos da Oficina de Formação “Educação para a saúde sexual para crianças em meio pré-escolar e escolar” - EB 2,3 MC em Apêndice XVIII.

²¹ Consultar o Modelo de Inquérito de Avaliação dos Módulos da Oficina de Formação “Educação para a saúde sexual para jovens e adolescentes em meio escolar” – ES MC em Apêndice XIX.

A atividade - **Módulos – Oficina** “Educação para a Saúde Sexual para crianças em Meio Pré – escolar e Escolar” que decorreu na escola Básica de 2º e 3º Ciclos de S foi desenvolvida para 20 formandos e avaliada por 18 através de um Inquérito de avaliação²², cuja avaliação se apresenta seguidamente:

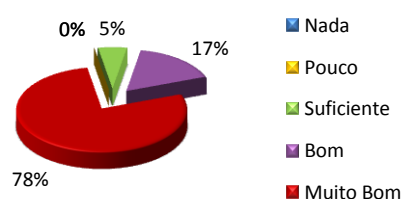
Relativamente aos objetivos da atividade, 56% dos formandos avaliaram com MUITO BOM, 44% com BOM (ver gráfico n.º 33).

Gráfico n.º 33: Execução dos objetivos



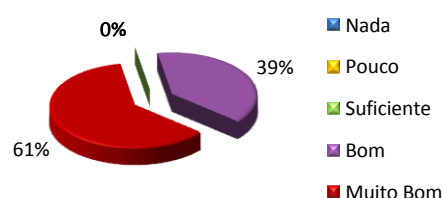
Os conteúdos da atividade foram avaliados por 78% dos formandos com MUITO BOM, 17% com BOM e 5% com SUFICIENTE (ver gráfico n.º 34).

Gráfico n.º 34: Pertinência dos conteúdos trabalhados



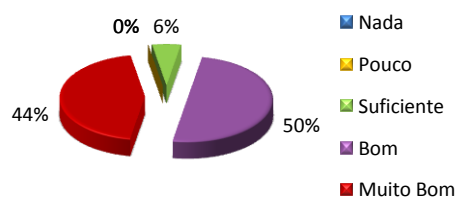
Se atendermos aos recursos que a atividade mobilizou, nomeadamente se estes foram elucidativos para a prática pedagógica, 61% dos formandos avaliaram com MUITO BOM e 39% com BOM (ver gráfico n.º 35).

Gráfico n.º 35: Os recursos utilizados



Inquirimos ainda se a atividade permitiu clarificar o trabalho a desenvolver junto dos alunos, sendo que 44% dos formandos consideraram MUITO BOM, 50% BOM e 6% SUFICIENTE (ver gráfico n.º 36).

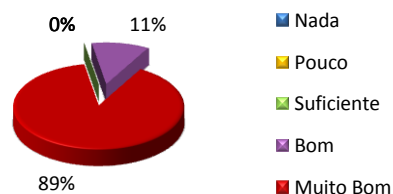
Gráfico n.º 36: Clarificação do trabalho a desenvolver com os alunos



²² Consultar o Modelo de Inquérito de Avaliação dos Módulos da Oficina de Formação “Educação para a saúde sexual para crianças em meio pré-escolar e escolar” EB 2,3 S em Apêndice XVII.

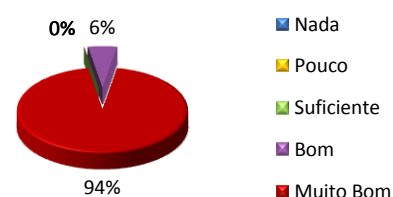
Era fundamental aferir a avaliação face à clareza das intervenções pelo formador, sendo de registar que 89% dos formandos consideraram MUITO BOM e 11% consideraram BOM (ver gráfico n.º 37).

Gráfico n.º 37: Clareza das intervenções realizadas pelo formador



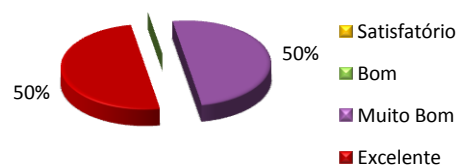
Por outro lado da adaptação do discurso aos destinatários e finalidades da atividade, 94% dos formandos consideraram MUITO BOM e 6% consideraram BOM (ver gráfico n.º 38).

Gráfico n.º 38: Adaptação do discurso aos destinatários /finalidades conseguidas



Avaliada a atividade relativamente aos diferentes indicadores, a última questão pressupõe realizar um balanço global, sendo que 50% dos formandos consideraram a atividade EXCELENTE e 50% consideraram MUITO BOM (ver gráfico n.º 39).

Gráfico n.º 39: Apreciação global da atividade

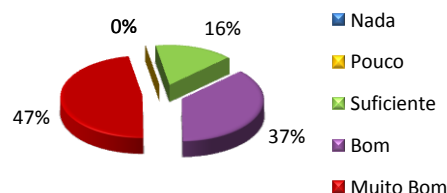


Atendendo à avaliação dos parâmetros inquiridos, nomeadamente quanto à execução dos objetivos, à pertinência dos conteúdos trabalhados, aos recursos utilizados, à clarificação do trabalho a desenvolver com os alunos, à clareza das intervenções realizadas pelo formador, necessária adaptação do discurso aos destinatários/finalidades conseguidas e a apreciação global da atividade pelos formandos, podemos fazer uma apreciação muito positiva.

A atividade - **Módulos – Oficina** “Educação para a Saúde Sexual para crianças em Meio Pré – escolar e Escolar”, que decorreu na escola Básica de 2º e 3º Ciclos de MC, foi desenvolvida para 20 formandos e avaliada por 19 através de um Inquérito de avaliação²³, aferindo-se as conclusões que se apresentam:

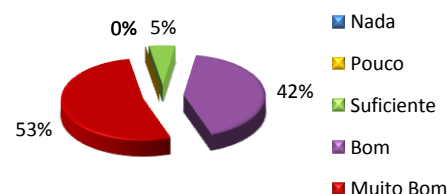
Relativamente aos objetivos da atividade, 47% dos formandos avaliaram com MUITO BOM, 37% com BOM e 16% com SUFICIENTE (ver gráfico n.º 40).

Gráfico n.º 40: Execução dos objetivos



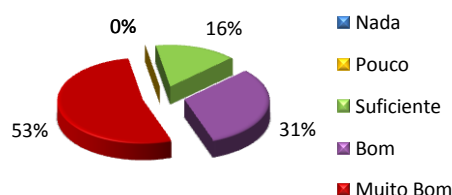
Os conteúdos da atividade foram avaliados por 53% dos formandos com MUITO BOM, 42% com BOM e 5% com SUFICIENTE (ver gráfico n.º 41).

Gráfico n.º 41: Pertinência dos conteúdos trabalhados



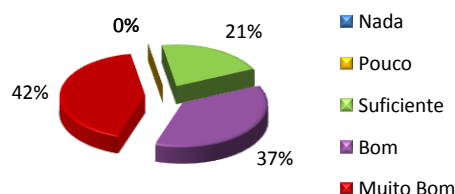
Os recursos mobilizados pela atividade, foram avaliados por 53% dos formandos com MUITO BOM, 31% com BOM e 16% com SUFICIENTE (ver gráfico n.º 42).

Gráfico n.º 42: Os recursos utilizados



Inquirimos ainda se a atividade permitiu clarificar o trabalho a desenvolver junto dos alunos, sendo que 42% dos formandos consideraram MUITO BOM, 37% BOM e 21% SUFICIENTE (ver gráfico n.º 43).

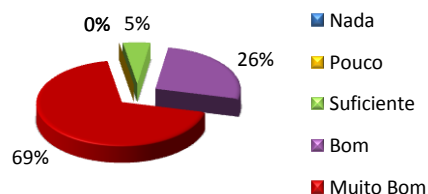
Gráfico n.º 43: Clarificação do trabalho a desenvolver pelos agentes implicados



²³ Consultar o Modelo de Inquérito de Avaliação dos Módulos da Oficina de Formação “Educação para a saúde sexual para crianças em meio pré-escolar e escolar” - EB 2,3 MC em Apêndice XVIII.

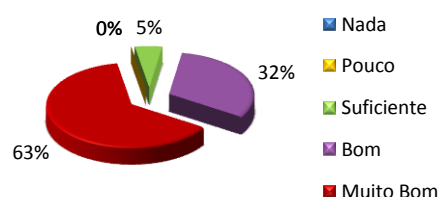
Quanto à clareza das intervenções pelo formador, a avaliação revelou que 69% dos formandos consideraram MUITO BOM, 26% BOM e 5% SUFICIENTE (ver gráfico n.º 44).

Gráfico n.º 44: Clareza das intervenções realizadas pelo formador



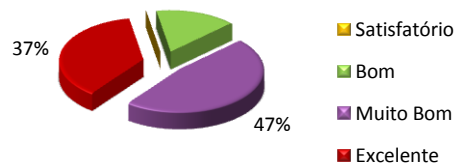
Por outro lado da adaptação do discurso aos destinatários e finalidades da atividade, 63% dos formandos consideraram MUITO BOM, 32% consideraram BOM e 5% SUFICIENTE. (ver gráfico n.º 45).

Gráfico n.º 45: Adaptação do discurso aos destinatários/finalidades conseguidas



A última questão pressupõe realizar um balanço global da atividade, sendo que 37% dos formandos consideraram a avaliação como EXCELENTE, 47% MUITO BOM e 16% BOM (ver gráfico n.º 46).

Gráfico n.º 46: Avaliação global



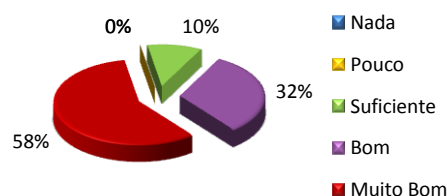
Atendendo à avaliação dos parâmetros inquiridos, nomeadamente quanto à execução dos objetivos, à pertinência dos conteúdos trabalhados, aos recursos utilizados, à clarificação do trabalho a desenvolver com os alunos, à clareza das intervenções realizadas pelo formador, necessária adaptação do discurso aos destinatários/finalidades conseguidas e a apreciação global da atividade pelos formandos, podemos fazer uma apreciação muito positiva.

A atividade - **Módulos** – Oficina de formação “Educação para a saúde sexual para jovens e adolescentes em meio escolar” 6h - que decorreu na Escola Secundária MC, foi desenvolvida para 19 formandos e avaliada por estes através de um Inquérito de avaliação²⁴, cujos resultados se apresentam de seguida.

²⁴ Consultar o Modelo de Inquérito de Avaliação dos Módulos da Oficina de Formação “Educação para a saúde sexual para jovens e adolescentes em meio escolar” – ES MC em Apêndice XIX.

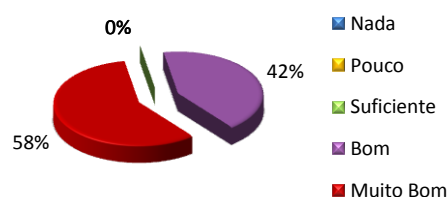
Relativamente aos objetivos da atividade, 58% dos formandos avaliaram com MUITO BOM, 32% com BOM e 10% com SUFICIENTE (ver gráfico n.º 47).

Gráfico n.º 47: Execução dos objetivos



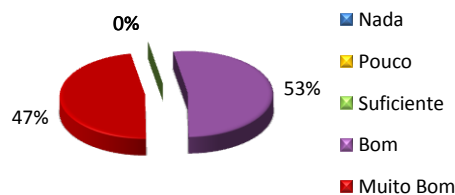
Os conteúdos da atividade foram avaliados por 58% dos formandos com MUITO BOM e por 42% com BOM (ver gráfico n.º 48).

Gráfico n.º 48: Pertinência dos conteúdos trabalhados



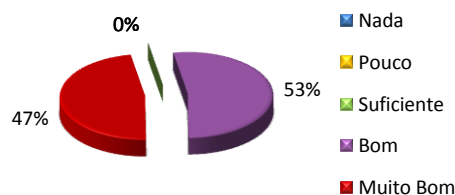
Os recursos mobilizados pela atividade, foram avaliados por 47% dos formandos com MUITO BOM e 53% com BOM (ver gráfico n.º 49).

Gráfico n.º 49: Os recursos utilizados



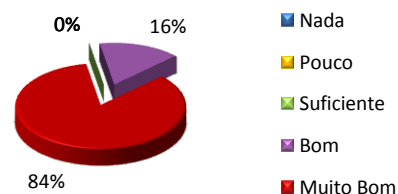
Inquirimos se a atividade permitiu clarificar o trabalho a desenvolver junto dos alunos, sendo que 47% dos formandos consideraram MUITO BOM e 53% consideraram BOM (ver gráfico n.º 50).

Gráfico n.º 50: Clarificação do trabalho a desenvolver pelos agentes implicados



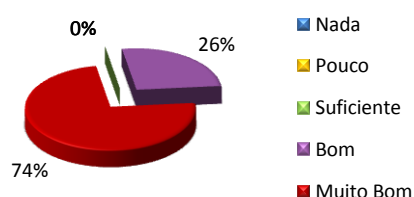
Quanto à clareza das intervenções pelo formador, a avaliação revelou que 84% dos formandos consideraram MUITO BOM e 16% BOM (ver gráfico n.º 51).

Gráfico n.º 51: Clareza das intervenções realizadas pelo formador



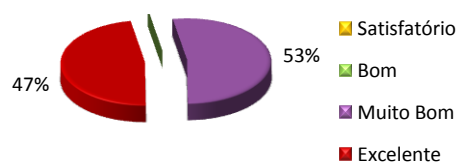
Por outro lado da adaptação do discurso aos destinatários e finalidades da atividade, 74% dos formandos consideraram MUITO BOM e 26% consideraram BOM (ver gráfico n.º 52).

Gráfico n.º 52: Adaptação do discurso aos destinatários/finalidades conseguidas



A última questão pressupõe realizar um balanço global da atividade, sendo que 47% dos formandos consideraram a avaliação como EXCELENTE e 53% MUITO BOM (ver gráfico n.º 53).

Gráfico n.º 53: Avaliação global



Atendendo à avaliação dos parâmetros inquiridos, nomeadamente quanto à execução dos objetivos, à pertinência dos conteúdos trabalhados, aos recursos utilizados, à clarificação do trabalho a desenvolver com os alunos, à clareza das intervenções realizadas pelo formador, necessária adaptação do discurso aos destinatários/finalidades conseguidas e a apreciação global da atividade pelos formandos, a apreciação é muito positiva.

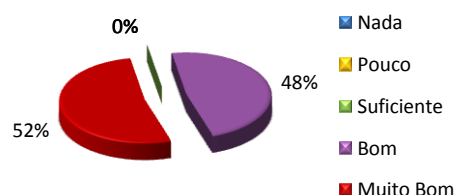
Quadro n.º 21: Descrição de Atividade - Módulos na Formação PRESSE - Educação Sexual

Módulos na Formação PRESSE - Programa Regional de Educação Sexual em Saúde Escolar – 4h	Data: janeiro e fevereiro de 2011
Recursos materiais: computador portátil, livros, CD's RW, DVS's, fotocópias. Humanos: estagiária.	
Descrição das Atividades: Formação a docentes e educadores <p>No âmbito do mesmo CFAE, foi formalizado convite para participar na constituição da equipa de formadores para a ação - PRESSE - Programa Regional de Educação Sexual em Saúde Escolar - promovido pela Administração Regional de Saúde do Norte, I.P. (ARSN) através do seu Departamento de Saúde Pública (DSP) em parceria com a Direção Regional de Educação do Norte (DREN).</p> <p>À semelhança dos módulos da atividade anterior, também nesta atividade procuramos posicionar a sexualidade de forma holística relacionando-a com as dimensões: biológica (diferenciação corporal, resposta sexual, reprodução); psicológica (identidade sexual, emoções, sentimentos, valores e atitudes, papéis sexuais, orientação sexual) e social (normas de conduta, modelos sexuais, moral sexual, capacidade de mudança, valores, costumes, ética, lei).</p> <p>Trabalhámos a ética na educação sexual, as atitudes, valores face à sexualidade (aceitação positiva do corpo, atitude não sexista, atitude de aceitação dos outros, atitude de prevenção no domínio da saúde sexual e reprodutiva).</p> <p>Demos significação aos conceitos - identidade de género e orientação sexual. Nas relações interpessoais refletimos os conceitos: autoestima e autoconceito e seus impactos na construção da personalidade; a comunicação, suas formas e importância; a assertividade como factor fundamental nas relações e na tomada de decisão, a antecipação de consequências, a resistência às pressões dos pares, e capacidade de identificar as situações de risco, a aceitação da diferença, o conhecimento e aceitação das mudanças e características de crescimento a sua relação com a autoimagem e o autoconceito. Relacionamos a sexualidade com a afetividade.</p>	

A atividade - **Módulos na Formação PRESSE - Programa Regional de Educação Sexual em Saúde Escolar – 4h** que decorreu na Escola Básica 2,3 de S, foi desenvolvida para 23 formandos e avaliada por estes através de um Inquérito de avaliação²⁵, com os resultados que se apresentam:

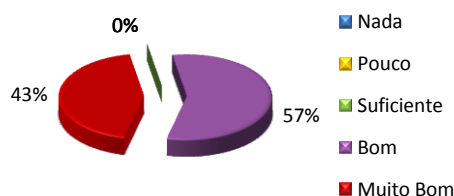
Relativamente aos objetivos da atividade, 52% dos formandos avaliaram com MUITO BOM e 48% com BOM (ver gráfico n.º 54).

Gráfico n.º 54: Execução dos objetivos



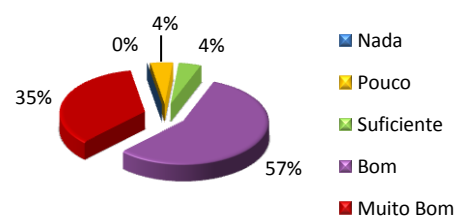
Os conteúdos da atividade foram avaliados por 43% dos formandos com MUITO BOM e por 57% com BOM (ver gráfico n.º 55).

Gráfico n.º 55: Pertinência dos conteúdos trabalhados



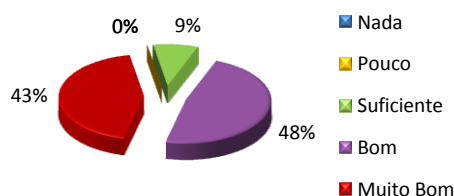
Os recursos mobilizados pela atividade foram avaliados por 35% dos formandos com MUITO BOM e 57% com BOM, 4% com SUFICIENTE e os restantes 4% avaliaram os recursos com POUCO. (ver gráfico n.º 56).

Gráfico n.º 56: Os recursos utilizados



Inquirimos se a atividade permitiu clarificar o trabalho a desenvolver junto dos alunos, sendo que 43% dos formandos consideraram MUITO BOM e 48% consideraram BOM, e 9% consideraram SUFICIENTE (ver gráfico n.º 57).

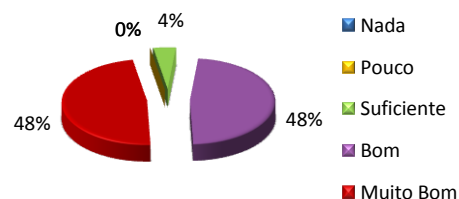
Gráfico n.º 57: Clarificação do trabalho a desenvolver pelos agentes implicados



²⁵ Consultar Modelo de Inquérito de Avaliação dos Módulos inerentes à Formação PRESSE em Apêndice XX.

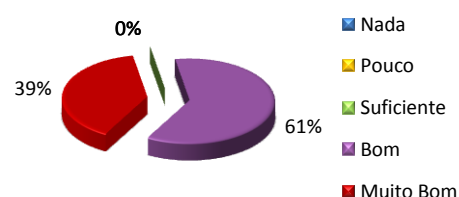
Quanto à clareza das intervenções pelo formador, a avaliação revelou que 48% dos formandos consideraram MUITO BOM e 48% BOM e 4% SUFICIENTE (ver gráfico n.º 58).

Gráfico n.º 58: Clareza das intervenções realizadas pelo formador



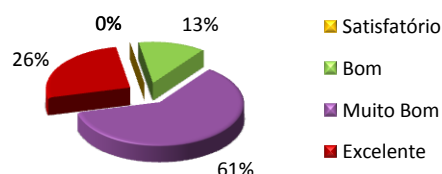
Por outro lado da adaptação do discurso aos destinatários e finalidades da atividade, 39% dos formandos consideraram MUITO BOM e 61% consideraram BOM (ver gráfico n.º 59).

Gráfico n.º 59: Adaptação do discurso aos destinatários/finalidades conseguidas



A última questão pressupõe realizar um balanço global da atividade, sendo que 26% dos formandos consideraram a avaliação como EXCELENTE, 61% MUITO BOM e 13% BOM (ver gráfico n.º 60).

Gráfico n.º 60: Avaliação global



Atendendo à avaliação dos parâmetros inquiridos, nomeadamente quanto à execução dos objetivos, à pertinência dos conteúdos trabalhados, aos recursos utilizados, à clarificação do trabalho a desenvolver com os alunos, à clareza das intervenções realizadas pelo formador, necessária adaptação do discurso aos destinatários/finalidades conseguidas e a apreciação global da atividade pelos formandos, a apreciação é muito positiva.

Eixo 4: Atividades informativas/formativas para Assistentes Operacionais

Quadro n.º 22: Descrição de Atividade – Ação de Formação “A sexualidade na criança e no jovem”

Ação de Formação - “A sexualidade na criança e no jovem”	Data: janeiro de 2011
Recursos materiais: computador portátil, livros. Humanos: estagiária.	
Descrição das Atividades: Formação para funcionários da escola Entendeu-se mais viável preparar a candidatura para ser submetida a aprovação pelo conselho científico e, assim, possibilitar aos Assistentes Operacionais uma ação creditada que é uma mais-valia no seu currículo. A logística e os tempos necessários protelaram a candidatura, extrapolando o fim deste estágio. No entanto, e apesar de esse facto inviabilizar a realização da ação, segundo a calendarização estabelecida, entendeu-se mais adequado pela dificuldade de mobilizar este público para uma ação não creditada.	

4.3. Avaliação final: objetivos, processos e resultados

A avaliação é a fase que marca pela diferença os atuais projetos uma vez que temos uma cultura muito incipiente no que respeita a avaliar o nosso trabalho, tendo dificuldade em obter retorno dos impactos das ações levadas a efeito. O desenho de um Projeto de Intervenção Comunitária terá que necessariamente prever esta fase, uma vez que só assim se aferem resultados, no sentido de continuar ou melhorar, ao longo do projeto a intervenção no sentido transformador que deverá ser uma prática verdadeiramente interventiva. Assim, “Avaliar é apreciar e ajuizar de forma rigorosa, lógica e coerente, o estado, a evolução e os efeitos de problemas, ações, dispositivos e organizações sobre os quais estamos a intervir” (Guerra, 2002: 206).

A avaliação que se quer contínua, sistemática e transversal a todo o processo de intervenção, pela qual “se obtém e se fornece informações úteis, permitindo ajuizar sobre as decisões futuras e é um aviso sobre a eficácia de uma intervenção ou de um plano que está a ser implementado” (Idem: 2002). A avaliação é reguladora ajuizando “ (...) se os objetivos do programa são concordantes com as necessidades e recursos disponíveis (...) [e] se os resultados são concordantes com os objetivos fixados” (Erasmie & Lima, 1989: 105).

O projeto passa inevitavelmente por várias fases de avaliação como nos lembra Guerra (2002). A avaliação, quanto à temporalidade, concretiza-se em diversos momentos.

A **avaliação diagnóstica** corresponde à análise de necessidades, momento a partir do qual se decide as diretrizes do projeto. Esta etapa pressupõe uma recolha exaustiva de informações sobre as motivações, aspirações, necessidades, problemas e interesses do seu público-alvo, bem como uma análise das possibilidades, oportunidades e recursos do meio ambiente, no sentido de conceber estratégias de ação. Esta foi uma fase decisiva no desenho do projeto, pois o contacto com a realidade permite uma perspetiva real das necessidades e os obstáculos a superar. Como afirma Guerra (2002: 196), “consiste essencialmente em estimar a amplitude e a gravidade dos problemas que necessitam de uma intervenção e elaborar programas em função desses problemas”.

A avaliação diagnóstica do Projeto ocorreu durante os meses de setembro, outubro e primeira semana de novembro. A observação participante e as conversas informais demonstraram-se metodologias significativas, pois permitiram uma maior aproximação com o público. A pesquisa bibliográfica e documental favoreceu um conhecimento mais aprofundado da temática e das especificidades da intervenção.

A **avaliação de acompanhamento** determina se o projeto está a evoluir no sentido traçado pelos objetivos resultando num dispositivo de autorregulação da prática.

O acompanhamento das atividades realizadas foi concretizado através da elaboração de um diário de bordo, sistematizando um registo dos percursos diários e respetivas reflexões, resultando num instrumento de orientação e reflexão das ações do projeto.

Foram importantes as reuniões de avaliação com o Acompanhante de Estágio para reflexão conjunta e operacionalização das atividades, análise dos pontos fortes e constrangimentos. Foram igualmente importantes as conversas informais com os restantes professores auscultando perceções para sucessivas melhorias. O contexto de estágio mobilizou várias atividades para diferentes públicos (pais, professores, assistentes operacionais e alunos), pelo que a avaliação foi realizada pelos implicados por via de um “Inquérito de Avaliação”, sendo este um instrumento muito importante na regulação das ações, uma vez que permitiu uma melhoria progressiva da intervenção.

A **avaliação final** confronta os objetivos previstos, e os resultados esperados e obtidos pelo balanço da eficiência e eficácia da intervenção.

A avaliação final do projeto considerou os dados recolhidos mediante a aplicação, num momento final do estágio, de um Inquérito²⁶ de Avaliação aos mais diretos colaboradores e técnicos que se envolveram e participaram ativamente na organização das ações, nomeadamente: acompanhante do estágio; diretor da escola profissional; professores responsáveis da parceria E,B 2.3; professora responsável pela parceria CFAE AB e professora responsável pela parceria CFAE MC, totalizando 6 intervenientes. Da aplicação dos seis inquéritos de avaliação final do projeto seguiu-se o tratamento quantitativo das questões fechadas e a análise qualitativa das questões abertas.

A análise das questões abertas permitiu-nos elencar um conjunto de categorias que evidenciam, por um lado, as potencialidades da nossa intervenção e, por outro, as sugestões e possibilidades de transformação.

Todos os inquiridos valorizaram as ações enquanto precursoras de uma *maior consciencialização acerca da necessidade de intervenção* e da *importância da Educação Sexual na formação dos alunos*. Também reforçaram que as ações contribuíram para a libertação de preconceitos face à temática da sexualidade humana.

Três dos sujeitos intervenientes apontaram a *implementação de projetos de Educação Sexual em contexto escolar partindo de uma avaliação diagnóstica* como sendo um aspeto positivo e motivador para os alunos e professores, sendo que estes últimos adquiriram conhecimentos sobre a

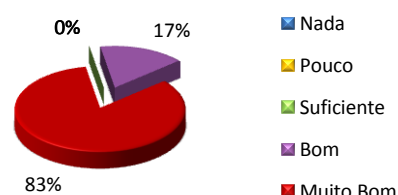
²⁶ Consultar Inquérito de Avaliação Final do Projeto em Apêndice XXI.

metodologia de projeto. Os seis inquiridos valorizaram as ações pelo seu carácter organizativo e estruturante, assim como os seus conteúdos por serem atuais e abrangentes que colocam a educação sexual vista segundo um paradigma biopsicossocial. Três dos inquiridos destacaram como ponto forte da nossa intervenção a *valorização da partilha de experiências* e, quatro dos inquiridos mencionaram a *valorização da educação para os afetos* como condição essencial à educação das crianças/jovens em meio escolar. Três dos seis inquiridos alertaram para a *impossibilidade de apresentar os projetos realizados no âmbito das atividades*. A modalidade “curso” não prevê essa possibilidade sendo, por isso, esta característica encarada com uma limitação da própria modalidade. Sem dúvida, estamos perante uma consideração importante e a ter em conta em futuras ações devendo-se, portanto, optar pela modalidade “oficina” ao invés da modalidade “curso”.

Da análise quantitativa às questões fechadas resultaram as seguintes apreciações:

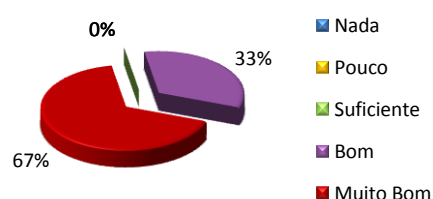
Perante o questionamento acerca da importância das atividades na escola, 83% dos intervenientes avaliaram com MUITO BOM e 17% avaliaram com BOM (ver gráfico n.º 61).

Gráfico n.º 61: Importância das ações na escola



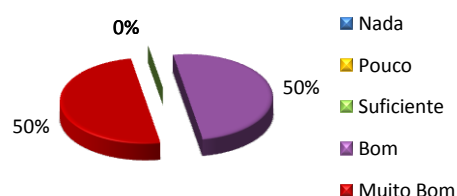
Relativamente aos objetivos das atividades, 67% dos intervenientes avaliaram com MUITO BOM e 33% com BOM (ver gráfico n.º 62).

Gráfico n.º 62: Execução dos objetivos



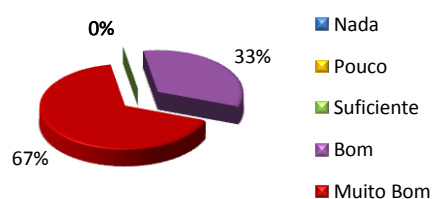
A pertinência dos conteúdos das atividades foi avaliada por 50% dos intervenientes com MUITO BOM e por 50% com BOM (ver gráfico n.º 63).

Gráfico n.º 63: Pertinência dos conteúdos trabalhados



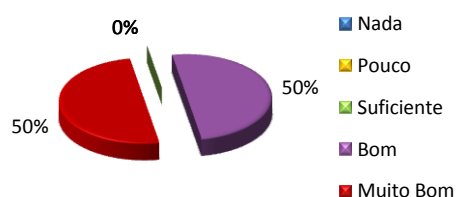
Inquirimos se a atividade permitiu clarificar o trabalho a desenvolver junto dos alunos, sendo que 67% consideraram MUITO BOM e 33% consideraram BOM (ver gráfico n.º 64).

Gráfico n.º 64: Clarificação do trabalho a desenvolver



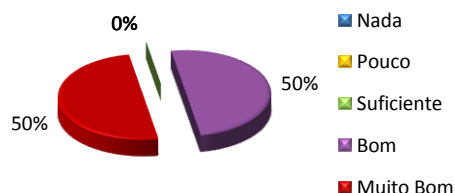
Tentamos perceber se as atividades permitiram a Implementação da ES de forma refletida e sustentada, sendo que 50% consideraram MUITO BOM e 50% consideraram BOM (ver gráfico n.º 65).

Gráfico n.º 65: A(s) ação(s) permitiram a Implementação da ES de forma refletida e sustentada



A última questão pressupõe realizar um balanço global da atividade, sendo que 50% dos inquiridos avaliaram globalmente a atividade com EXCELENTE e 50% com MUITO BOM (ver gráfico n.º 66).

Gráfico n.º 66: Avaliação global



O projeto tinha como finalidade a sensibilização e informação/formação dos agentes educativos da comunidade escolar da Escola Secundária e outras escolas parceiras em matéria de saúde, especificamente focada no desenvolvimento de competências na área da Educação Sexual.

Pretendíamos implementar um projeto de investigação-ação participativa como contributo à melhoria das práticas pela participação ativa dos atores. Para o cumprimento deste pressuposto definimos objetivos gerais e específicos que operacionalizavam esta finalidade, nomeadamente implicando um trabalho com a equipa de Promoção da Saúde Escolar/Educação Sexual, implementando e dinamizando o Gabinete de Apoio ao Aluno (GAA); um trabalho de sensibilização dos pais, pela dinamização de ações de informação/formação e um trabalho de formação de professores e de assistentes operacionais pela realização de ações formativas.

Entendemos que os objetivos definidos respondiam às necessidades elencadas pelo diagnóstico, estabelecendo uma relação inequívoca com as possibilidades de intervenção e privilegiando a comunidade escolar de forma sistêmica.

As atividades privilegiaram o diálogo, o convívio, a troca de experiências e a reflexão sobre conhecimentos específicos, comportamentos, relações e valores.

Os intervenientes chamados a realizar a avaliação final das atividades reforçaram um trabalho marcadamente positivo, por indicadores que posicionam quanto à importância das ações na escola, pela pertinência dos conteúdos trabalhados e clarificação do trabalho a desenvolver pelos agentes na sua intervenção futura com os alunos, o que evidencia o cumprimento dos objetivos a que nos propusemos e constata que os resultados obtidos foram excelentes ou muito bons.

Assim, a avaliação final do trabalho desenvolvido, que apresentamos, é sustentadora da eficácia da nossa intervenção em meio escolar e viria a estar na base de convites para ações posteriores ao estágio. Este indicador, em conjunto com a avaliação de acompanhamento e final, trazem satisfação pelo trabalho realizado dando-lhe sentido, transforma a percepção em constatação de que foi um projeto de intervenção bem-sucedido.

CAPÍTULO 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

No final do estágio foi manifestada disponibilidade à coordenadora da equipa PES para continuar a colaborar no projeto no próximo ano letivo, colaboração que viria a ser apresentada e aprovada pelo Diretor da Escola.

O Projeto de Estágio constituiu-se um desafio estimulante com o público-alvo muito exigente com grande expectativa face às atividades e pretendia intervir numa realidade inovadora, extremamente complexa, delicada pela sua natureza multidimensional e valorativa.

Os resultados esperados foram muito positivos atendendo ao acolhimento do projeto por parte dos atores, público objeto de intervenção. O projeto trabalhou todas as dimensões inerentes ao ser humano (física, emocional, comportamental, psicológica, familiar, social, espiritual, relacional, etc), a objetividade da informação com a subjetividade do ser humano, no sentido de este se recolocar entre uma e outra acrescentando mais-valias, ajudando a fazer o melhor possível com os alunos que são os destinatários últimos da ação e, não podemos esquecer, cidadãos de um amanhã que “está quase ali ao virar a esquina”.

Creemos que a principal repercussão deste estágio será na atitude dos professores. Pensamos que todos estarão mais atentos aos comportamentos dos nossos alunos, mais predispostos para tentar descobrir nas suas atitudes e até nos silêncios, indícios ou evidências de necessidades que urgem abordar, responder ou resolver e, também, mais propensos e tranquilos para procurar ajuda (pedindo ou partilhando informação) junto de outros colegas e de profissionais de saúde.

Iniciar pela formação de educadores é começar pelo princípio, um grande passo, um importante passo para que a educação sexual seja, realmente, uma realidade transversal na nossa escola e não mais o jogo do “gato e do rato”, a desresponsabilização que ainda constatamos nas nossas escolas nesta matéria, por órgãos de gestão e nossos colegas educadores.

De qualquer forma, a escola não pode tudo, como diz Freire, “ (...) a educação não pode tudo, mas pode alguma coisa. Sua força reside exatamente na sua fraqueza. Cabe a nós pôr sua força ao serviço dos nossos sonhos” (Freire, 2001: 126), Para Freire não nos podemos, com base nestes dados, escamotear e desresponsabilizar pelas coisas não acontecerem – “não pode tudo, mas pode alguma coisa” (idem, 2001: 126). Também nós trabalhámos com o possível, com os pais que se manifestaram e estiveram presentes, com os professores que se interessaram em obter mais formação, com os funcionários que responderam ao desafio para futura formação, e com os alunos

que timidamente foram vendo a possibilidade da ajuda disponibilizada. Sabemos que, com esses, faremos a diferença.

A Educação deve ser uma força transformadora – logo transformação interior nas atitudes e na visão do mundo, dos outros e de si próprios. Se enquanto educadores conseguirmos isto, então vale a pena, mesmo que não sejam muitos, serão sempre alguns e, neste caso, até foram bastantes!

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia referenciada

- Albarello, L., Digneffe, F., Hiernaux, J. P., Maroy, C., Ruquoy, D. & Saint-Georges, P. (1997). *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Ander-Egg, E. (2002). *Metodología y práctica de la animación sociocultural*. Editorial CCS. Madrid.
- Ander-Egg, E. (1990). *Repensando la investigación-acción participativa*. México: Editorial El Ateneo.
- Amaro, C. (2003). *Educação sexual nas escolas em 2004*. Entrevista a Meliço-Silvestre. *Jornal de Notícias* de 23 de novembro, Porto.
- Barragán, F. & Domínguez, C. (1996). *Niñas, niños, maestros, maestras: una propuesta de educación sexual*. Sevilha: Diada Editora.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Boutinet, J. P. (1996). *Antropologia do projeto*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Carvalho, A. (2003). *Dicionário de filosofia da educação*. Lisboa: Porto Editora.
- Chizzotti, A. (1991). *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez Editora.
- Cortesão, I., Silva, M. A. & Torres, M. A (1989). *Educação para uma sexualidade humanizada: Guia para professores e pais*. Porto: Edições Afrontamento.
- Erasmie, T. & Lima, L. (1989). *Investigação e projetos de desenvolvimento em educação*. Braga: Unidade de Educação de Adultos, Universidade do Minho.
- Frade, A., Marques, A. M., Alverca, C. & Vilar, D. (1999). *Educação sexual na escola. Guia para professores, formadores e educadores*. Lisboa: Texto Editora.
- Freire, P. (1979). *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra,
- Freire, P. (2001). *A educação na cidade*. Brasil: Editora Cortez.
- Gagnon, J. & Simon, W. (1977). *Sexual conduct: The social sources of human sexuality*. Chicago: Aldine Publishing Company.
- Giddens, A. (1997). *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Guerra, I. C. (2002). *Fundamentos e processos de uma sociologia da ação. O planeamento em ciências sociais*. Cascais: Editora Principia.
- Harrison, J. (2000). *Sex education in secondary schools*. U.K: S Edmundsbury Press.
- Iturra, R. (1986). Trabalho de campo e observação participante em antropologia. In A. S. Silva & J. M. Pinto (Orgs.), *Metodologia das ciências sociais* (pp. 149-163). Lisboa: Edições Afrontamento.

- Laville, C. & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- López, F. & Fuertes, A. (1999). *Para compreender a sexualidade*. Lisboa: Associação para o Planeamento da Família.
- Mendes, S. (2002). *Atitude dos professores face à educação sexual. Estudo com professores da Escola Básica 2º e 3º Ciclos do Teixoso*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação apresentada à Universidade da Beira Interior. Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- Nodin, N. (2000) *A saúde sexual e reprodutiva. Um novo enfoque sobre sexualidade*. In *Atas do III Congresso Nacional de Psicologia da Saúde nas doenças crónicas*. Lisboa: ISPA.
- Pereira, M. M. & Freitas, F. (2002) *Educação sexual: contexto de sexualidade e adolescência*. Porto: Edições Asa.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (1998). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Randolph, W. & Posner, B. (1992). *Planeamento e gestão de projetos*. Lisboa: Editorial Presença.
- Renaud, I. (2001). Sexualidade e ética. In L. Archer et al., *Novos desafios à bioética*. Porto Editora.
- Ribeiro, P. (1990). *Educação sexual além da informação*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.
- Rocha, F. (1996). *Educar em valores*. Aveiro: Estante Editora.
- Sampaio, D. (1996b). *Voltei à escola*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Sampaio, M. (1987). *Escola e educação sexual*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Sanchez, L. (1990). *Educación sexual*. Madrid: Fundación Universidad-Empresa.
- Serrano, G. P. (1996). *Elaboración de proyectos sociales*. Casos práticos. Madrid: Narcea Ediciones.
- Serrano, G. P. (1997). *Como educar para la democracia*. Madrid: Editorial Popular
- Silva, A. S. & Pinto, J. M. (1986). *Metodologia das ciências sociais*. Lisboa: Edições Afrontamento.
- Silva, L. (2002). *Bibliotecas escolares e construção do sucesso educativo*. Braga: Universidade do Minho.
- Silva, M. (2004). A educação sexual em contexto escolar – da lei à realidade. *O Professor*, 86,25-31.
- Simões, A. (1990). A investigação-ação: natureza e validade. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, ano XXIV.
- Suplicy, M. (1995). *Sexo para adolescentes*. Porto: Edições Afrontamento.
- Trilla, J. (coord.). (2004). *Animação sócio-cultural. Teorias, programas e âmbitos*. Horizontes pedagógicos. Lisboa: Instituto Piaget.

- Vala, J. (1986). A análise de conteúdo. In A. S. Silva & J. M. Pinto (Orgs), *Metodologia das ciências sociais* (pp. 165-193). Lisboa: Edições Afrontamento.
- Vaz, J. M., Vilar, D. & Cardoso, S. (1996). *Educação sexual na escola*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Veiga, A. (1994). *Os valores da família*. Comunicação proferida em Fórum “Ao Encontro da Família” nos dias 19 e 20 de novembro de 1994. Lisboa
- Vilar, D. (2003). *Falar disso. A educação sexual nas famílias dos adolescentes*. Porto Edições Afrontamento.

Bibliografia consultada

- Antunes, M. C. (2001). *Teoria e prática pedagógica*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Antunes, M. C. (2008). *Educação, saúde e desenvolvimento*. Coimbra: Edições Almedina.
- Barbalet, J. M. (1989). *A cidadania*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Barbier, J. M. (1993). *Elaboração de projetos de ação e planificação*. Porto: Porto Editora.
- Domínguez, T., Serrano, A., Losada, C. & Jiménez, F. (1996). *Comportamentos No-violentos. Propuestas Interdisciplinares para construir la PAZ. 1 - Planeamientos de la Educación para la Paz*. Madrid: Narcea Ediciones.
- De Ketele, J. M. & Rogiers, X. (1999). *Metodologia da recolha de dados. Fundamentos dos métodos de observação, de questionários, de entrevistas e de estudo de documentos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Educación, cultura & deportes, Dirección General de Promoción Educativa (1991). *Educación afetivo-sexual en la etapa primaria*. Canarias: Consejería de Educación Cultura y Deportes Gobierno de Canarias.
- Elliott, J. (1990). *La investigación-acción en educación*. Madrid: Ediciones Morata.
- Forreta, F. (2002). Características da sexualidade na infância. In Marques, A., Vilar, D. & Forreta, F., *Os afetos e a sexualidade na educação pré-escolar: Um guia para educadores e formadores*. Lisboa: Texto Editora.
- Freire, P. (1975). *Pedagogia do oprimido*. Porto: Edições Afrontamento.
- Freire, P. (1982). *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (1988). *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.

- Giddens, A. (1996). *Transformações da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Oeiras: Celta Editora
- Haydon, G. (1997). *Teaching about values: A new approach*. London: Cassel.
- Kohlberg, L. (1987). Democratic moral educatic. *Revista da Associação Portuguesa de Psicologia*, 5 (3).
- Lima, L. C. (1994). Organização e administração de projetos de investigação e desenvolvimento em educação de adultos. In L. C. Lima (Org.) *Educação de adultos. Fórum I*. Braga: Universidade do Minho, Unidade de Educação de Adultos.
- Marques, A. (2002). O que é a educação sexual. In Marques, A., Vilar, D. & Forreta, F., *Os afetos e a sexualidade na educação pré-escolar: Um guia para educadores e formadores*. Lisboa: Texto Editora.
- Marques, A., Vilar, D. & Forreta, F. (2002). *Educação sexual no 1º ciclo: Um guia para educadores e formadores*. Lisboa: Texto Editora.
- Medina, R. (1988). Estructura y naturaleza de la participación educativa. *Revista Española de Pedagogia*, 181, 475-490.
- Ministério da Educação (1997). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação e da Saúde, APF (2000). *Educação sexual em meio escolar. Linhas orientadoras*. Lisboa: Ministério da educação e da Saúde.
- Morin, E. *Os sete saberes para a educação do futuro: Horizontes Pedagógicos*. Sebenta da Unidade Curricular Educação para a Autonomia e Participação. Ano Letivo 2009/2010.
- Nogueira, C. & Silva, I. (2001). *Cidadania. Construção de novas práticas em contexto educativo*. Porto: Edições Asa.
- Oliveira, C. C., Paulo, J. C. & Antunes, M. C. (1999). *Educação de adultos e intervenção comunitária I*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.
- Paiva, J. (2002). *Sexualidade e afetos: para pais, professores e educadores*. Lisboa: Plátano Editora, S.A.
- Sampaio, M. (1987). *Escola e educação sexual*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Vilar, D. (2002). Contributos para a história da educação sexual em Portugal. In Marques, A., Vilar, D. & FORRETA, F., *Os afetos e a sexualidade na educação pré-escolar: Um guia para Educadores e Formadores* (p.15-23). Lisboa: Texto Editora.

Legislação

Lei n.º 3/84 de 24 de março. Diário da República, I Série A. Educação Sexual e Planeamento familiar.

Portaria n.º 52/85 de 26 de janeiro. Diário da República, I Série, n.º 22. Ministério da Saúde. Lisboa.

Lei n.º 46/86 de 14 de outubro. Diário da República, I Série, n.º 237/86 - Lei de Bases do Sistema Educativo.

Decreto-lei n.º 286/89 de 29 de agosto. Diário da República, Série I, n.º 198/89. Ministério da Educação. Lisboa – Cria a disciplina de Desenvolvimento Pessoal e Social.

Lei n.º 5/97 de 10 de fevereiro – Lei-quadro da Educação Pré-Escolar.

Despacho n.º 5220/97 – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar.

Decreto-lei n.º 115 A /98 – Confere autonomia às escolas.

Resolução do Conselho de Ministros n.º 124/98 de 21 de outubro. Diário da República, I Série B, n.º 243 – Define o plano de ação interministerial sobre a Educação Sexual e Planeamento Familiar.

Lei n.º 120/99 de 11 de agosto. Diário da República, I Série A, n.º 186. – Reforça as Garantias do direito à Saúde Reprodutiva

Despacho Ministerial n.º 15 587 /99 de 12 de agosto – Cria a Comissão de Coordenação da Promoção e Educação para a Saúde.

Decreto-lei n.º 259/2000 de 17 de outubro. Diário da República, I Série A, n.º 24. – Garante a promoção da Educação Sexual.

Decreto-lei n.º 6/2001 de 18 de janeiro. Diário da República, I SÉRIE A, n.º 15. Ministério da Educação. Lisboa – Estabelece os Princípios Orientadores da Organização e da Gestão Curricular do Ensino Básico.

Despacho Ministerial n.º 19 737/2005 de 15 de junho. Diário da República 176/2005, Série II de 2005-09-13 – Legisla sobre a constituição do grupo de trabalho de Educação Sexual.

Relatório preliminar do Grupo de Trabalho de Educação Sexual (GTES, 2005), de 31 de outubro de 2005;

Parecer do Conselho Nacional de Educação n.º 6/2005, de 24 de novembro – A Educação Sexual nas escolas.

Despacho Ministerial n.º 25 955/2005 de 16 de dezembro – Aprova as conclusões do relatório preliminar do grupo de trabalho de Educação Sexual.

Edital da DGIDC de 2 de fevereiro de 2006 – Aprova as conclusões do relatório preliminar do grupo de trabalho de Educação Sexual.

Despacho Ministerial n.º 15 987/2006 de 27 de setembro – Define as linhas de Orientação das temáticas prioritárias no âmbito da Educação para a saúde.

Relatório de progresso das atividades em Educação Sexual, de 4 de janeiro de 2007.

Despacho Ministerial n.º 2506/2007 de 2007 de 20 de fevereiro – Publica o relatório de Progresso do grupo de trabalho de Educação Sexual.

Lei 60/2009 de 6 de agosto – Estabelece o regime de aplicação da Educação Sexual em meio escolar.

Despacho Ministerial n.º 19308/2008 de 21 de julho – Determina o uso das áreas não curriculares de Área de Projeto e Formação Cívica para desenvolver competências de Educação Sexual e Sexualidade.

Portaria n.º 196-A/2010 – Define as orientações curriculares para os níveis de ensino.

Infologia

ABRAÇO www.abraco.org.pt

ASSOCIAÇÃO PARA O PLANEAMENTO DA FAMÍLIA www.apf.pt

CENTROS DE ATENDIMENTO - APF www.apf.pt/centros.htm

COORDENAÇÃO NACIONAL PARA A INFEÇÃO VIH/SIDA www.sida.pt

DIREÇÃO-GERAL DA SAÚDE www.dgsaude.pt

INSTITUTO PORTUGUÊS DA JUVENTUDE www.ipj.pt

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA www.ine.pt

LINHAS TELEFÓNICAS DE AJUDA - APF www.apf.pt/linhas.htm

PONTO DE APOIO À VIDA www.pav.org.pt

REDE EX-AEQUO www.ex-aequo.web.pt

SAÚDE E SEXUALIDADE JUVENIL

<http://juventude.gov.pt/Portal/OutrosTemas/SaudeSexualidadeJuvenil/>

Apêndices

**Apêndice I: Inquérito de Análise de Necessidades aplicado às Assistentes
Operacionais**

Educação Sexual em Meio Escolar

Inquérito - Assistentes Operacionais

“Para além dos professores, a escola integra um conjunto diversificado e relevante de outros profissionais, cuja ação é essencial na organização e funcionamento dos estabelecimentos de ensino e no processo educativo” (Dec – Lei nº 515/99, de 24 de novembro).

As funções destes profissionais revestem de complexidade crescente, sendo importante que a escola equacione o seu contributo na Educação Sexual.

O papel dos AO tem vindo a mudar e a ganhar mais importância na intervenção junto dos alunos. É com estes que, muitas vezes, os alunos têm um contacto mais estreito, atuando informalmente em diversos domínios, incluindo o afetivo-sexual.

A proximidade das famílias a estes fazem, muitas vezes, com que os pais troquem impressões e depositem confiança. Todos, de forma implícita ou explícita intervimos em matéria de educação sexual.

Gostaríamos de ouvir a sua opinião acerca da importância e sua disponibilidade para a frequência de uma ação de formação - **“A sexualidade na criança e no jovem”** no sentido de promover uma melhor compreensão da sexualidade e suas manifestações nos vários níveis etários.

1. Acha importante realizar-se em 2011 uma ação de formação para Assistentes Operacionais - **“A sexualidade no jovem”**

Nada Importante	Importante	Muito Importante	Fundamental

2. Está disponível para participar como formando.

SIM ____

NÃO ____

Assinale com uma X as temáticas que gostaria de ver tratadas:

Conhecer os normativos legais de enquadramento da educação sexual em meio escolar

Analisar atitudes e valores face à sexualidade

Compreender o desenvolvimento humano relacionando-o com a sexualidade

Reconhecer as mudanças da puberdade;

Reconhecer a identidade sexual e os papéis de género;

Distinguir as expressões da sexualidade humana;

Identificar os métodos contraceptivos;

Reconhecer o papel das relações interpessoais na formação da identidade.

Prevenção e promoção da saúde sexual

Conhecer as Infecções Sexualmente Transmissíveis – IST'S

Modos de transmissão;

Comportamentos de Prevenção;

Refletir os efeitos da discriminação.

Como comunicar com os jovens

Reconhecer as atitudes individuais facilitadoras da comunicação na educação sexual;

Valorizar o processo de tomada de decisão;

Refletir sobre o abuso sexual;

Trabalhar assertivamente a capacidade de pedir ajuda.

Sugestão:

Obrigada pela colaboração!

Apêndice II: Inquérito de Diagnóstico de Necessidades aplicado aos Pais e Encarregados de Educação

Inquérito aos Pais e Encarregados de Educação

A Lei 60/2009, 6 de agosto e Portaria 196 A/2010 de 9 de abril, vem regulamentar a necessidade de trabalhar a temática da Educação Sexual nas escolas. A aplicação das atividades necessárias com os alunos é da responsabilidade do Diretor de Turma, do Professor responsável pela Educação para a Saúde e Educação Sexual e restantes professores da turma.

Gostaríamos de ouvir a sua opinião acerca da importância do desenvolvimento de atividades específicas para Pais e Encarregados de Educação, de forma a podermos ir ao encontro das reais preocupações e necessidades que manifestem.

Assinale a sua opinião com uma cruz na grelha apresentada.

I Atividade de sensibilização

3. Acha importante realizar-se uma atividade de esclarecimento acerca do funcionamento da educação sexual nesta escola, como se vai implementar e que assuntos abordará com os alunos/filhos face à idade e ano de escolaridade.

Nada Importante	Importante	Muito Importante	Fundamental

II Atividade de Formação

4. Acha importante realizar-se uma ação de formação para pais acerca da Sexualidade e Educação Sexual -“A SEXUALIDADE DOS NOSSOS FILHOS”.

Nada Importante	Importante	Muito Importante	Fundamental

Sugestão:

Inscrição: I Atividade de sensibilização

II Atividade de Formação

Nome: _____

Contacto: _____

Apêndice III: Horário de Funcionamento do Gabinete de Apoio ao Aluno (GAA)

Gabinete de Apoio ao Aluno

Sala CCTEC

Gabinete de atendimento e informação

Objetivo do Gabinete: Promoção e Educação para a Saúde:

- Alimentação e atividade física
- Consumo de substâncias psicoativas
- Sexualidade e Educação sexual

Funcionamento:

2º feira	- 12:00h – 13:30h	Prof. Sónia L
	- 13:30h – 15:00h	Prof. Susana D
	- 15:10h – 16:40h	Dra. Ana Júlia (Delegada Centro Saúde)
3º feira	- 10:20h – 11:50h	Prof. Ana Alexandra e Prof. Isabel C
	- 13:30h – 15:00h	Prof. Sónia L
4º feira	- 10:20h – 11:50h	Enf. Raquel (Centro de Saúde)
5º feira	-10:20h – 11:50h	Prof. Sandra S, Prof. Hélder A e Prof. Dores P
	-12:00h – 16:00h	“ 2 dedos de Conversa ” Emília Alves (Psicóloga)
6º feira	-15:10h – 16:40h	Dra. Rosalina (Centro de Saúde)

Não existe sexualidade responsável sem sexualidade informada...
Informação é poder!

Procura-nos, preservamos a confidencialidade

Gabinete de Apoio ao Aluno - Escola Secundária/3 de A

Apêndice IV: Brochura de Divulgação do Gabinete de Apoio ao Aluno (GAA)

Gabinete de Apoio ao Aluno - Sala CCTEC

Gabinete de atendimento e informação

Funcionamento: 2º feira -12:00h – 16:40h

3º feira – 10:20h – 11:50h 13:30h – 15:00h

4º feira 10:20h – 11:50h

5º feira - 10:20h – 11:50h

12:00h – 16:00h “ 2 dedos de Conversa” – Emília Alves
(Psicóloga)

6º feira - 15:10h – 16:40h

Objetivo do Gabinete: Promoção e Educação para a Saúde

Áreas :

- Alimentação e atividade física
- Consumo de substâncias psicoativas – tabaco , álcool, drogas
- **Sexualidade e Educação sexual:**
 - **Identidade de género (masculino/feminino);**
 - **Papéis de género**
 - **Os afetos e a autoestima - os nossos sentimentos em relação a nós próprios, em relação aos outros e em relação a todas as mudanças do nosso corpo;**
 - **Todas as alterações físicas e psicológicas ao longo da nossa vida;**
 - **Conhecimento da anatomia - fisiologia do sexo feminino e masculino;**
 - **Higiene;**
 - **A gravidez, o parto, a maternidade e a paternidade;**
 - **Os métodos contraceptivos;**
 - **As infeções sexualmente transmissíveis;**
 - **O respeito pela diferença entre as pessoas;**
 - **Atitudes de aceitação de comportamentos e orientação sexual;**
 - **Violência no namoro e em meio escolar;**
 - **Outras formas de abuso e coação;**

Educação Sexual: os desafios e realidades / um projeto de intervenção comunitária na escola

- **Autonomia e liberdade de escolha;**
- **Diferentes expressões ao longo do ciclo de vida;**
- **A família e os amigos.**

A Educação Sexual permite...

- Escolhas informadas e seguras;
- Melhorar os relacionamentos afetivos;
- Reduzir possíveis consequências negativas dos comportamentos sexuais: gravidez não planeada, infeções sexualmente transmissíveis (IST) - saber dizer **Não** a uma relação sexual não protegida;
- Trabalhar competências: tomada de decisão, comunicação interpessoal, identificação e gestão de emoções, identificação e resolução de problemas, procura de métodos alternativos de lidar com situações;
- Proteção face a todas as formas de exploração e de abuso sexuais.



Não existe sexualidade responsável sem sexualidade informada... Informação é poder !

Procura-nos, preservamos a confidencialidade.

Escola Secundária – Gabinete de Apoio ao Aluno

Coloca a tua questão na caixa de perguntas:

Apêndice V: Marcador de Livro



Gabinete de Apoio ao Aluno

Sala CCTEC

Gabinete de atendimento e informação

Objectivo do Gabinete: Promoção e Educação para a Saúde

Áreas: Alimentação e actividade física
Consumo de substâncias psicoactivas
Sexualidade e Educação sexual

A Educação Sexual permite...

- Escolhas informadas e seguras;
- Melhorar os relacionamentos afectivos;
- Reduzir possíveis consequências negativas dos comportamentos sexuais: gravidez não planeada, infecções sexualmente transmissíveis (IST) - saber Dizer Não a uma relação sexual não protegida;
- Trabalhar competências: tomada de decisão, comunicação interpessoal, identificação e gestão de emoções, identificação e resolução de problemas, procura de métodos alternativos de lidar com situações;
- Protecção face a todas as formas de exploração e de abuso sexuais.

Funcionamento:

2ª feira - 12:00h – 16:40h
3ª feira - 10:20h – 11:50h 13:30h – 15:00h
4ª feira - 10:20h – 11:50h
5ª feira - 10:20h – 11:50h
- 12:00h – 16:00h " 2 dedos de Conversa"
Emília Alves (Psicóloga)
6ª feira - 15:10h – 16:40h

Não existe sexualidade responsável sem sexualidade informada... Informação é poder!

Procura-nos, preservamos a confidencialidade

Gabinete de Apoio ao Aluno - Escola Secundária/3 de Amarante

Apêndice VI: Toalhete de Divulgação do Gabinete de Apoio ao Aluno (GAA)

Gabinete de Apoio ao Aluno - Sala CCTEC

Gabinete de atendimento e informação

Funcionamento: 2º feira - 12:00h – 16:40h

3º feira - 10:20h – 11:50h 13:30h – 15:00h

4º feira - 10:20h – 11:50h

5º feira - 10:20h – 11:50h

- 12:00h – 16:00h “ 2 dedos de Conversa”

Emília Alves (Psicóloga)

6º feira - 15:10h – 16:40h

Não existe sexualidade responsável sem sexualidade informada... Informação é poder!

Procura-nos, preservamos a confidencialidade

Gabinete de Apoio ao Aluno - Escola Secundária/3 de A

Objetivo do Gabinete: Promoção e Educação para a Saúde

Áreas:

- Alimentação e atividade física

Educação Sexual: os desafios e realidades / um projeto de intervenção comunitária na escola

- Consumo de substâncias psicoativas – tabaco , álcool, drogas
- Sexualidade e Educação sexual

A Educação Sexual permite...

- Escolhas informadas e seguras;
- Melhorar os relacionamentos afetivos;
- Reduzir possíveis consequências negativas dos comportamentos sexuais: gravidez não planeada, infeções sexualmente transmissíveis (IST) - saber **Dizer Não** a uma relação sexual não protegida;
- Trabalhar competências: tomada de decisão, comunicação interpessoal, identificação e gestão de emoções, identificação e resolução de problemas, procura de métodos alternativos de lidar com situações;
- Proteção face a todas as formas de exploração e de abuso sexuais.



Apêndice VII: Curta-metragem de Divulgação do Gabinete de Apoio ao Aluno (GAA)



Clicar na figura

Apêndice VIII: Dinâmicas para Trabalho com Alunos

A puberdade...

Apoio ao professor

A puberdade caracteriza-se por um conjunto de transformações biológicas em que o formato do corpo e do rosto mudam e os órgãos reprodutores ou sexuais crescem e se desenvolvem. Marca o início da adolescência e implica diferentes mudanças corporais nos rapazes e nas raparigas, nomeadamente, a primeira menstruação nas raparigas e a primeira ejaculação no rapaz.

Nos rapazes:

- Alargamento dos ombros e o peito;
- Desenvolvimento dos músculos;
- Desenvolvimento dos órgãos sexuais, o pénis fica mais volumoso e adquire uma coloração mais escura;
- Aumento de volume dos testículos e início da produção de espermatozoides;
- Mudança de voz;
- Aparecimento dos pelos púbicos, axilares, barba, bigode, entre outros;
- Nalguns casos, um ligeiro desenvolvimento das glândulas mamárias, ou apenas de uma delas (sem importância e que desaparece algum tempo depois);
- Poluções noturnas ou “sonhos molhados”.

Nos dois sexos:

- O corpo cresce muito rapidamente, nem sempre de forma harmoniosa;
- É frequente o aparecimento de acne;
- As glândulas sudoríparas são ativadas. Aumenta a transpiração em todo o corpo e o seu cheiro torna-se intenso. A pele e o cabelo tornam-se, por vezes, mais oleosos;
- Possibilidade da expressão física, através da excitação e do orgasmo, dos desejos sexuais, tornados mais importantes pelas hormonas em circulação.

Plano de aula

ATIVIDADE	Corpo em mudança
ÁREA TEMÁTICA	Mudanças do corpo
OBJETIVOS	Promover a reflexão sobre as alterações físicas e psicológicas sofridas durante a adolescência; Desenvolver valores de respeito pelo próprio corpo, por si e pelo outro.
DURAÇÃO	30 min
RECURSOS	Ficha em anexo
PASSO-A-PASSO	Incentivar os alunos a preencherem a ficha, individualmente.

Quais são as transformações que estou a sofrer?

1. Procura uma fotografia de quando tinhas 7 ou 8 anos e coloca-a no quadrado da esquerda. À direita, coloca uma fotografia atual.

--	--

1.1. Que diferenças observas entre o menino ou a menina que eras e o rapaz ou a rapariga que és hoje?

2. Lê os textos que se seguem.

Há meses que, quando abro a boca, não tenho a certeza do que vai sair, se o som de uma sirene ou o grito de um rato. As minhas transformações devem ser evidentes para os outros porque o meu pai está constantemente a falar sobre o tema da puberdade e dos factos da vida. Deve ter sido ele que deixou um livro sobre o sexo e a puberdade no meu quarto [...]. Isto a que o meu pai chama *o teu bigode* parece que precisa de ser adubado. Os pêlos das axilas e de outras partes praticamente nem cresceram. O problema é que ainda sou muito baixo [...] Penso que todos estamos a passar por isto ao mesmo tempo, mas temos muita vergonha de comentar entre nós.

A. MACFARLANE e A. MCPHERSON
Diário de Um Jovem Maníaco
(Adaptado)

Isto da puberdade, quando deixas de ser menina para te transformares numa mulher, não acontece em todas as raparigas na mesma idade. Não há uma voz que diga: a partir deste momento, todas as meninas do 3.º Ciclo do Ensino Básico passam a ser mulheres. No meu caso, o aparecimento dos pêlos e o aumento dos seios teve lugar mais cedo. Fui a primeira do grupo.

DAVID DURÁN
Ciclo Bis
(Adaptado)

2.1. O que pensas que se está passar com a Júlia (a rapariga) e com o Pedro (o rapaz)?

2.2. O que lhes dirias se fossem teus amigos e se não lhes tivessem explicado as transformações que estão a experimentar?

Afetos e sentimentos...

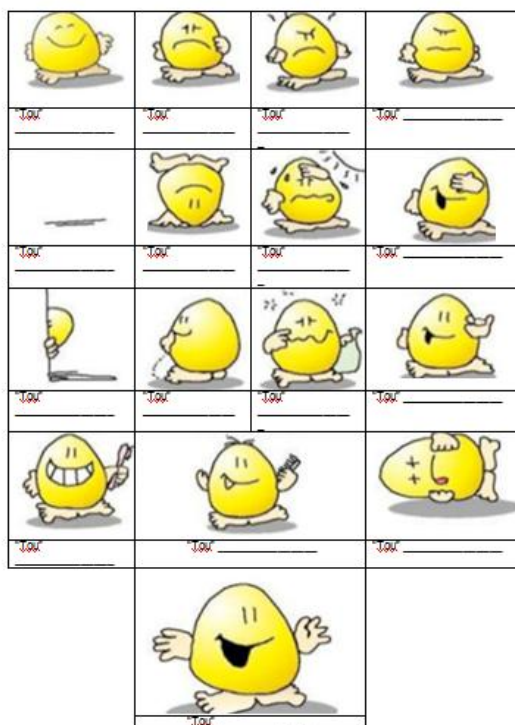
Apoio ao professor

Formar para a afetividade ou formar para os afetos consiste, no essencial, em criar espaços para a discussão de emoções, sentimentos, experiências e memórias, visando a autonomia, a responsabilidade, o autoconhecimento e a autorrealização.

Plano de aula

ATIVIDADE	"Tou" sem palavras
ÁREA TEMÁTICA	Relações interpessoais
OBJETIVOS	Treinar a expressão dos sentimentos
DURAÇÃO	30 min
RECURSOS	"Tou" sem palavras (em anexo)
PASSO-A-PASSO	<ol style="list-style-type: none"> 1. Formar grupos mistos de alunos; 2. Distribuir um "Tou" sem palavras a cada grupo. 3. Solicitar a cada grupo que atribuam um sentimento a cada cara, de acordo com o que revela a sua expressão: (Nota: não é possível repetir sentimentos). 4. Terminada a tarefa perguntar aos alunos como se sentiram a desenvolvê-la, estimulando o debate de ideias em torno da importância de saber expressar os sentimentos nas relações com os pais, com os colegas, com os namorados, com os professores; 5. O professor pode depois comparar as legendas dos grupos.

Legende as seguintes imagens com sentimentos:



Sistemas reprodutores masculino e feminino...

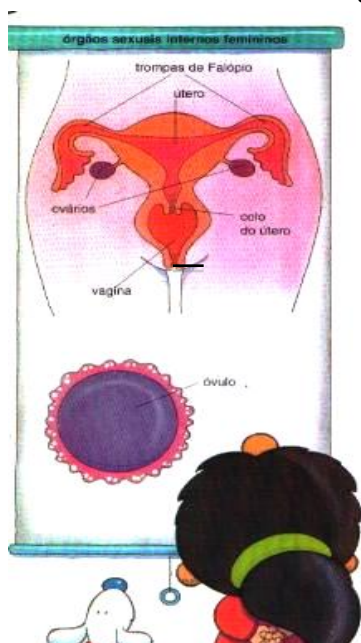
Apoio ao professor

Desde crianças, todas as pessoas têm necessidade de aprender as palavras corretas que dão nome a todas as partes do seu corpo para o reconhecer, aceitar e valorizar. Dar um nome a todas as partes do corpo humano facilita a sua visão integral. Em relação aos genitais, identificá-los com os seus nomes (pênis e vulva) permite tratá-los como outra parte do corpo, sem significados negativos nem ocultações. É fundamental que os agentes promotores de educação sexual superem dificuldades no que respeita à linguagem associada à sexualidade, antes de iniciar as sessões de educação sexual aos alunos, para evitar transmitir algum embaraço, desconforto ou insegurança em relação ao vocabulário que é utilizado.

Plano de aula

ATIVIDADE	Linguagem do corpo
ÁREA TEMÁTICA	Expressões da sexualidade Corpo em crescimento
OBJETIVOS	<ul style="list-style-type: none">• Identificar os sistemas reprodutores feminino e masculino;• Analisar e desmistificar os termos vulgares associados às diferentes partes do corpo;• Diminuir o desconforto associado à linguagem popular relacionada com a sexualidade.• Uniformizar e adotar a terminologia sexual adequada.
DURAÇÃO	30 min
RECURSOS	Ficha em anexo.
PASSO-A-PASSO	<ol style="list-style-type: none">6. Distribuir a cada aluno uma ficha informativa.7. Analisá-la em grande grupo.

Os órgãos sexuais internos da rapariga



Se olharmos para uma menina nua, apenas conseguimos ver os seus órgãos exteriores porque os outros são interiores.

Vemos dois orifícios: um mais pequeno po onde sai a urina que se chama orifício urinário e outro abaixo deste que se chama vagina, que liga ao exterior pela **vulva**.

A **vagina** é como um corredor estreito que chega a um lugar chamado útero, que não podemos ver.

O útero é uma espécie de bolsa, tão flexível que nela pode crescer e viver um bebé até ao momento de nascer.

Da parte de cima do útero partem dois tubos chamados **trompas de Falópio** e muito perto deles, dos lados existem dois órgãos pequenos chamados **ovários**.

Os ovários têm no seu interior milhares de **óvulos**.

O óvulo é uma espécie de ovo, tão pequeno como a cabeça de um alfinete.

Nem o útero, nem os ovários, nem as trompas de Falópio se podem ver, porque estão

dentro do ventre

Normalmente, entre os 9 e os 15 anos, as raparigas têm a menstruação (período) pela primeira vez. O período é a perda de sangue que todos os meses sai da vagina, e que dura alguns dias. Nesta altura as meninas têm de ter um penso higiénico à mão.

O período é um acontecimento natural na vida de uma mulher. É sinal de que a mulher já pode ter filhos e de que o corpo está em perfeitas condições.

Os órgãos sexuais internos do rapaz



Se olharmos um menino nu vemos o **pênis**. Debaixo do pênis estão os **testículos**, que são como duas bolinhas que se encontram dentro de uma bolsa de pele que se chama **escroto**.

Estas bolinhas servem para fabricar **espermatozoides**.

Os espermatozoides são como uns pequenos girinos com uma cabeça grande e uma cauda comprida, que utilizam para se movimentarem.

São tão pequenos que só podem ver-se através de um microscópio.

Eles nadam num líquido que usam para manter-se vivos, até saírem para o exterior.

Esse líquido chama-se **sémen**.

À saída do sémen pelo pênis chama-se **ejaculação** e quando acontece provoca uma sensação de prazer.

Às vezes a primeira ejaculação acontece quando os meninos estão a dormir e só se dão conta desse acontecimento, porque fica uma mancha no pijama ou no lençol.

Apêndice IX: Circular Informativa

Informação aos Pais e Encarregados de Educação

A Lei 60/2009, 6 de agosto e Portaria 196 A/2010 de 9 de abril, vem regulamentar a necessidade de trabalhar a temática da Educação Sexual nas escolas. A aplicação das atividades necessárias com os alunos é da responsabilidade do Diretor de Turma, do Professor responsável pela Educação para a Saúde e Educação Sexual e restantes professores da turma.

No inquérito anteriormente realizado maioria dos pais manifestaram interesse em participar na ação que agora lhe apresentamos.

- **Atividade de sensibilização “A EDUCAÇÃO SEXUAL: qual a abordagem da Escola” - dia 5 de fevereiro (Sábado) às 10h no auditório da Escola Secundária de A – Bloco B**

Consiste numa atividade de esclarecimento acerca do funcionamento da educação sexual nesta escola, como se vai implementar e que assuntos abordará com os alunos/filhos face à idade e ano de escolaridade.

Organização:

A equipa de Promoção para a Saúde/Educação Sexual

Apêndice X: Programa da Sessão de Informação “A Educação Sexual: qual a abordagem da Escola”

“A EDUCAÇÃO SEXUAL: qual a abordagem da Escola”

Atividade de Informação para Pais e Encarregados de Educação

Dia 5 de fevereiro - 10 h - Escola Secundária de A

Programa

10.00h – Abertura pelo Sr. Diretor da Escola Secundária/3 de A

10.15h – A Educação Sexual na escola, implementação e assuntos a abordar.

Dra. Emília Alves – Psicóloga

11.30h – Debate e encerramento

Apêndice XI: Modelo de Inquérito de Avaliação aplicada aos Pais e Encarregados de Educação na Sessão de Informação “A Educação Sexual: qual a abordagem da Escola”

"A EDUCAÇÃO SEXUAL: qual a abordagem da Escola"

Atividade de Informação para Pais e Encarregados de Educação
5 de janeiro/2011

INQUÉRITO DE AVALIAÇÃO - Participantes

Assinale com um X o valor da escala que considere mais adequado à avaliação dos itens assinalados (sendo 1 o nível mais baixo e 5 o mais alto)

A. Planificação / Execução

	1	2	3	4	5
Os conteúdos trabalhados foram pertinentes					
Os recursos utilizados foram elucidativos					

B. Formador

	1	2	3	4	5
Clareza da intervenção realizada pelo formador					
A adaptação do discurso aos destinatários/finalidades foi conseguida					

C. Apreciação Global

Excelente	
Muito Bom	
Bom	
Satisfatório	
Fracó	

Data: ___ / ___ /2011

**Apêndice XII: Modelo de Certificado de Participação da Ação de Formação “A
EDUCAÇÃO SEXUAL: desafios e realidades”**



CERTIFICADO

Certifica-se que _____

_____ frequentou a acção de formação **“A Educação Sexual: desafios e realidades”** – 4 horas, nos dias 28 e 30 de Junho de 2011, na Escola Profissional António do Lago Cerqueira, organizado pela Escola Secundária/3 de Amarante e Escola Profissional António do Lago Cerqueira.

Amarante, 30 de Junho de 2011

Escola Secundária /3 de Amarante

Escola Profissional António do Lago Cerqueira

Engº Fernando Fernandes de Sampaio

Engº Paulo Pinto

**Apêndice XIII: Modelo de Inquérito de Avaliação aplicado na Ação de Formação “A
EDUCAÇÃO SEXUAL: desafios e realidades”**

Ação de Formação

“A EDUCAÇÃO SEXUAL: desafios e realidades”

28 e 30 de junho 2011

INQUÉRITO DE AVALIAÇÃO DAS SESSÕES

Assinale com um X o valor da escala que considere mais adequado à avaliação dos itens assinalados (sendo 1 o nível mais baixo e 5 o mais alto)

A. Planificação / Execução

	1	2	3	4	5
Os objetivos propostos foram cumpridos					
Os conteúdos trabalhados foram pertinentes					
Os recursos utilizados foram elucidativos					
Os módulos permitiram clarificar o trabalho a desenvolver					

B. Formador

	1	2	3	4	5
Clareza das intervenções realizada pelo formador					
A adaptação do discurso aos destinatários/finalidades foi conseguida					

C. Apreciação Global

Excelente	
Muito Bom	
Bom	
Satisfatório	
Fraco	

Data: ___ / ___ / 2011

**Apêndice XIV: Modelo de Inquérito de Avaliação aplicados nos Cursos de Formação
“Educação Sexual em contexto escolar”**

AValiação da Ação pelo Formando

Designação da Ação: Curso de Formação “Educação Sexual em contexto escolar”

Registo de Acreditação: CCPF 7ACC – 63865/10 Data de início: ___/___/___ Data de fim : ___/___/___

Modalidade: Curso de Formação

Formador: **Maria Emília Alves**

Local de Realização: EB 2,3 de A Duração : 25 Horas

Nota: Analise cada um dos itens, pontuando-os na escala de 1 a 5, em que :

1 significa Nada, 2 Pouco, 3 Suficiente, 4 Bom e 5 Muito Bom.

A. expectativas em relação à ação de formação e aos seus objetivos

	1	2	3	4	5	Comente:
1. Considera que a ação de formação correspondeu às expectativas que motivaram a sua participação?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<div style="border: 1px solid black; height: 80px; width: 100%;"></div>

2. Considera que os objetivos da ação foram atingidos?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
--	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------

B. Processos e organização da ação

Qual a sua opinião acerca:

1. do espaço em que decorreu a ação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. da duração da ação de formação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. da distribuição da componente teórica e prática	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. da qualidade do material de apoio que recebeu	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. da metodologia utilizada	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. da possibilidade de articular as competências desenvolvidas com o trabalho a desenvolver com os alunos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. do processo de avaliação da ação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. do empenhamento e qualidade do formador	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>



C. Reflita sobre esta Ação de Formação

1. A importância desta ação a nível da sua escola
2. Os conteúdos trabalhados foram pertinentes?
3. A ação realizada permite clarificar o trabalho a desenvolver pelos agentes nele implicados?
4. A ação realizada permite a implementação da Educação Sexual na Escola de uma forma refletida e sustentada?

D. Apreciação Global

Excelente	
Muito Bom	
Bom	
Satisfatório	
Fraco	

Data -----/-----/2011

Apêndice XV: Avaliação dos Cursos de Formação “Educação Sexual em contexto escolar”

Avaliação da ação: “Educação Sexual em contexto escolar no pré – escolar e 1º ciclo” - 25h

Esta atividade foi desenvolvida para 26 formandos e avaliada por estes através de um Inquérito de avaliação e cuja avaliação se apresenta de seguida.

Na questão que aferia o cumprimento e adequação às expectativas em relação à atividade e aos seus objetivos, 46% dos formandos responderam MUITO BOM, 46% BOM e 8% SUFICIENTE (ver gráfico n.º 1).

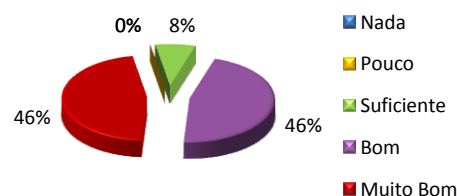


Gráfico n.º 1: Adequação às expectativas dos formandos

Inquirimos se a atividade cumpriu os objetivos a que se propunha, tendo 56% dos formandos avaliaram com MUITO BOM, 40% com BOM e 4% SUFICIENTE (ver gráfico n.º 2).

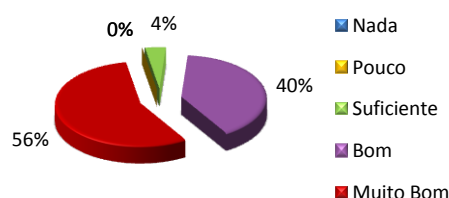


Gráfico n.º 2: Execução dos objetivos

Relativamente aos processos de organização da atividade, inquirimos sobre o espaço físico, obtendo os seguintes resultados: 4% dos formandos avaliaram com MUITO BOM, 48% com BOM, 44% com SUFICIENTE e 4% com POUCO (ver gráfico n.º 3).

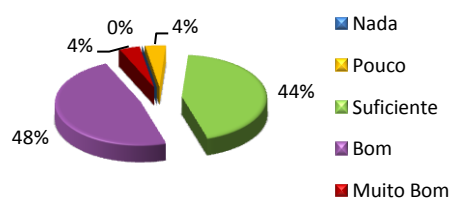


Gráfico n.º 3: Condições físicas

Em relação à duração da atividade, 12% dos formandos avaliaram a duração desta com MUITO BOM, 72% consideraram BOM e 16% SUFICIENTE (ver gráfico n.º 4).

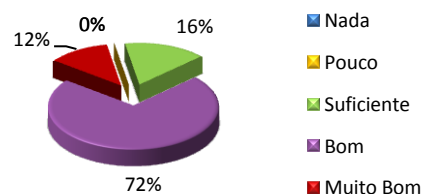


Gráfico n.º 4: Duração da ação

Relativamente à distribuição da componente teórica / prática, 32% dos formandos avaliaram com MUITO BOM, 56% BOM e 12% com SUFICIENTE (ver gráfico n.º 5).

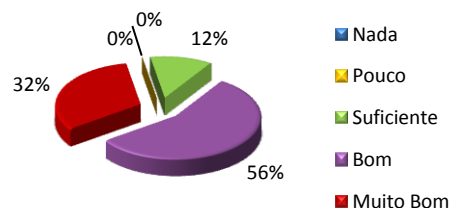


Gráfico n.º 5: Organização da ação / distribuição da componente teórica e prática

Consideraram o material MUITO BOM 40% dos formandos, 52% consideraram BOM e 8% com SUFICIENTE (ver gráfico n.º 6).

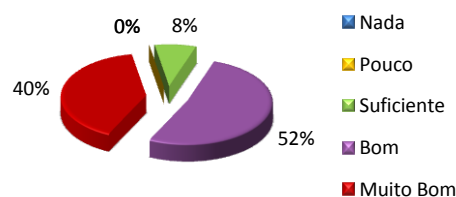


Gráfico n.º 6: Material de apoio

A metodologia usada na atividade foi avaliada por 48% dos formandos com MUITO BOM e 48% consideraram BOM e 4% com SUFICIENTE (ver gráfico n.º 7)

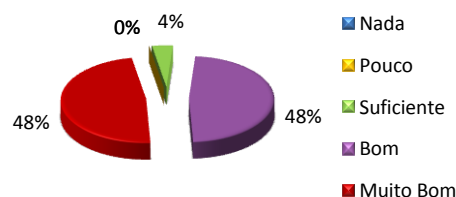


Gráfico n.º 7: Metodologia da ação

Questionados sobre a possibilidade de articular as competências desenvolvidas com a sua prática letiva e com o trabalho transdisciplinar, 44% dos formandos avaliaram com MUITO BOM, 48% com BOM e 8% com SUFICIENTE (ver gráfico n.º 8).

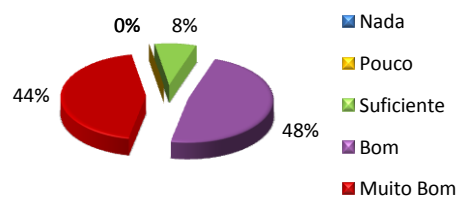


Gráfico n.º 8: Articulação com a prática letiva

Tentamos aferir acerca do processo de avaliação, sendo que 24% dos formandos consideraram MUITO BOM o processo de avaliação, 72% consideraram BOM e 4% SUFICIENTE (ver gráfico n.º 9).

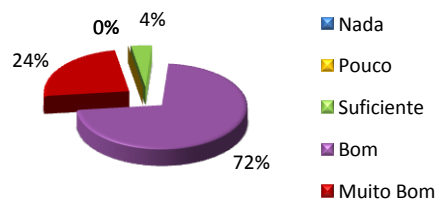


Gráfico n.º 9: Avaliação da ação

Inquiridos sobre o empenhamento e competência pedagógica do formador, 72% dos formandos consideraram MUITO BOM e 28% avaliaram com BOM (ver gráfico n.º 10).

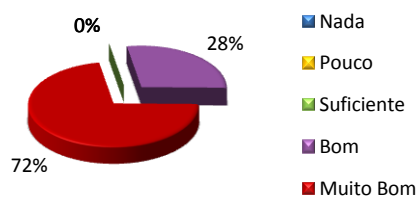


Gráfico n.º 10: Empenhamento e qualidade do formador

Atendendo à avaliação dos parâmetros inquiridos, nomeadamente quanto à duração da atividade, quanto à sua organização e distribuição da componente teórica e prática, o material de apoio que sustentou a componente teórica e prática, a metodologia usada, a possibilidade de articulação com a prática letiva, a avaliação da atividade e dos formandos e por fim o empenhamento e qualidade do formador, podemos globalmente fazer uma apreciação muito positiva. O único aspeto menos positivo referido relaciona-se com as condições físicas de trabalho.

Avaliação da ação: “Educação Sexual em contexto escolar no 3º ciclo” - 25h

Esta atividade foi desenvolvida para 24 formandos e avaliada por 19 destes através de um Inquérito de avaliação e cujos resultados se apresentam de seguida:

Na questão que aferia o cumprimento e adequação às expectativas em relação à atividade e aos seus objetivos, 42% dos formandos responderam MUITO BOM, 37% BOM e 16% SUFICIENTE e 5% responderam POUCO (ver gráfico n.º 11)

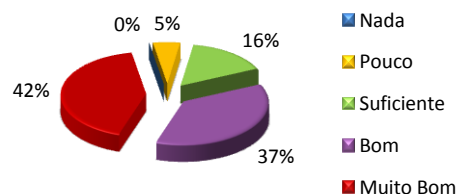


Gráfico n.º 11: Adequação às expectativas dos formandos

Inquirimos se a atividade cumpriu os objetivos a que se propunha, tendo 37% dos formandos avaliaram com MUITO BOM, 47% com BOM e 16% SUFICIENTE (ver gráfico n.º 12).

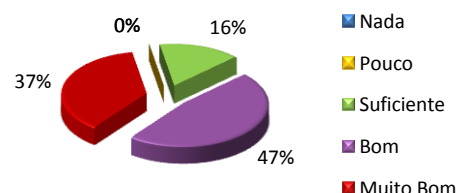


Gráfico n.º 12: Execução dos objetivos

Relativamente aos processos de organização da atividade, inquirimos sobre o espaço físico, obtendo os seguintes resultados: 5% dos formandos consideraram o espaço MUITO BOM, 37% avaliaram com BOM, 42% com SUFICIENTE, 11% com POUCO e 5% com NADA (ver gráfico n.º 13).

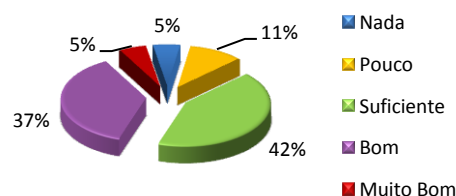


Gráfico n.º 13: Condições físicas

Em relação à duração da atividade, 26% dos formandos avaliaram a duração desta com MUITO BOM, 32% consideraram BOM e 32% SUFICIENTE e 10% POUCO (ver gráfico n.º 14)

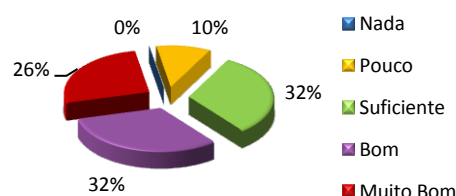


Gráfico n.º 14: Duração da ação

Relativamente à distribuição da componente teórica/prática, 21% dos formandos avaliaram com MUITO BOM, 42% BOM e 32% com SUFICIENTE e 5% com POUCO (ver gráfico n.º 15).

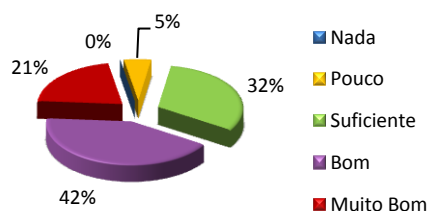


Gráfico n.º 15: Organização da ação / distribuição da componente teórica e prática

Consideraram o material MUITO BOM 47% dos formandos, 37% consideraram BOM, 11% consideraram SUFICIENTE e 5% POUCO (ver gráfico n.º 16).

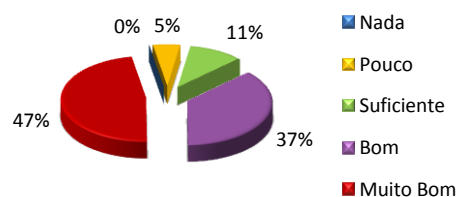


Gráfico n.º 16: Material de apoio

A metodologia usada na atividade foi avaliada por 47% dos formandos com MUITO BOM e 42% consideraram BOM e 11% com SUFICIENTE (ver gráfico n.º 17).

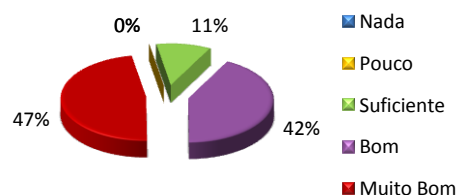


Gráfico n.º 17: Metodologia da ação

Questionados sobre a possibilidade de articular as competências desenvolvidas com a sua prática letiva e com o trabalho transdisciplinar, 37% dos formandos avaliaram com MUITO BOM, 47% com BOM e 11% com SUFICIENTE e 5% com POUCO (ver gráfico n.º 18).

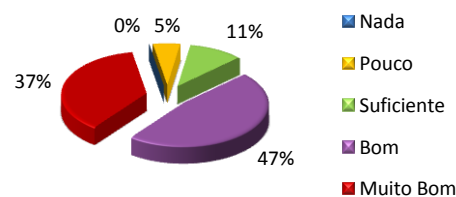


Gráfico n.º 18: Articulação com a prática letiva

Aferimos acerca do processo de avaliação e 42% dos formandos consideraram MUITO BOM o processo de avaliação, 47% consideraram BOM e 11% SUFICIENTE (ver gráfico n.º 19).

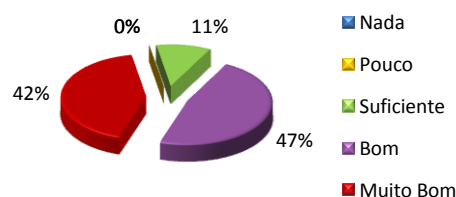


Gráfico n.º 19: Avaliação da ação

Inquiridos sobre o empenhamento e competência pedagógica do formador, 84% dos formandos consideraram MUITO BOM e 16% avaliaram com BOM (ver gráfico n.º 20).

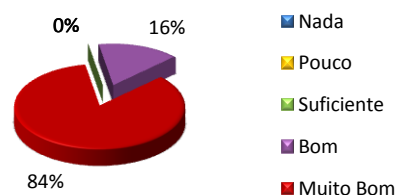
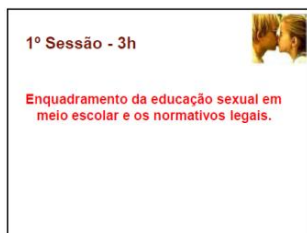
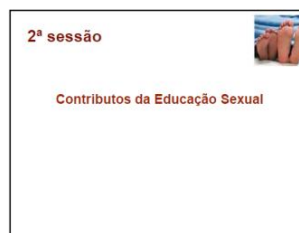


Gráfico n.º 20: Empenhamento e qualidade do formador

Atendendo à avaliação dos parâmetros inquiridos, nomeadamente quanto à duração da atividade, quanto à sua organização e distribuição da componente teórica e prática, o material de apoio que sustentou a componente teórica e prática, a metodologia usada, a possibilidade de articulação com a prática letiva, a avaliação da atividade e dos formandos e por fim o empenhamento e qualidade do formador, também nesta atividade podemos fazer uma apreciação muito positiva e também o aspecto menos positivo referido está relacionado com as condições físicas de trabalho.



Sessão nº 1



Sessão nº 2



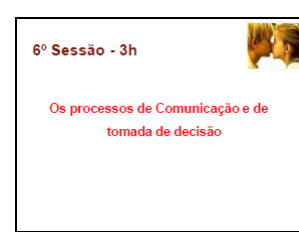
Sessão nº 3



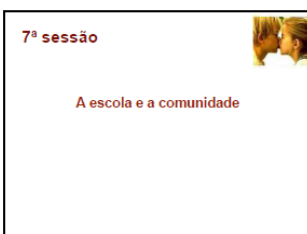
Sessão nº 4



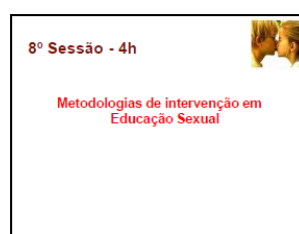
Sessão nº 5



Sessão nº 6



Sessão nº 7



Sessão nº 8

Apêndice XVI: Diapositivos de Apresentação relativos às oito sessões que integraram o Programa do Curso de Formação “Educação Sexual em contexto escolar no 2º ciclo”

Educação Sexual em contexto escolar no 2º ciclo

Emília Alves
novembro de 2010



Objetivos da Formação



- Conhecer os normativos legais de enquadramento da educação sexual em meio escolar;
- Atualizar os conhecimentos na área da sexualidade e educação sexual;
- Desenvolver atitudes e valores face à sexualidade
- Adquirir competências para responder às necessidades de crianças e jovens;
- Desenvolver atividades adequadas ao público usando metodologias ativas, escolhendo, implementando e construindo atividades de Educação Sexual.



Alunos lidem com a sexualidade de forma saudável e rentabilizem os cuidados de saúde
Um futuro com mais saúde sexual e reprodutiva

Avaliação da ação




Modalidade – Curso de Formação

	<2/3	2/3 – 3/3	= 3/3
Assiduidade (2 valores)	Sem certificação	1	2

	Produções do grupo	Envolvimento nas ta-refas	Pontualidade
Participação (5 valores)	3	1	1

	Adequação	Fundamentação	Auto-questionamento
Reflexão Individual (3 valores)	1	1	1


Avaliação da acção



Escala de avaliação	
Não Satisfaz	de 1,0 a 4,9
Satisfaz	de 5,0 a 6,4
Bom	de 6,5 a 7,9
Muito Bom	de 8,0 a 8,9
Excelente	de 9,0 a 10,0

A creditação da ação de formação depende da obtenção da classificação mínima de 5 (Satisfaz), na escala de 1 a 10.

1º Sessão - 3h



Enquadramento da educação sexual em meio escolar e os normativos legais.

A Escola e a família...



- A sexualidade faz parte da vida
- É uma vertente do relacionamento
- Papel importante na formação das crianças
- A Educação Sexual ajuda a crescer
- Prevenir riscos associados à vivência da sexualidade
- É um direito

Legislação

- Lei nº 3/84 de 24 de Março

"O estado garante o direito à educação sexual, como componente do direito fundamental à educação." (Artigo 1º, número 1)

"O dever fundamental de proteger a família e o desempenho da incumbência de cooperar com os pais na educação dos filhos compete ao Estado a garantia da educação sexual dos jovens através da escola, das organizações sanitárias e dos meios de comunicação social." (Artigo 2º, número 1)

- 25 anos depois - Lei nº 60/2009 de 6 de agosto



Normativos mais recentes

- Lei nº 60/2009 de 6 de agosto
- Portaria n.º 196-A/2010 de 9 de abril



Normativos Lei nº 60/2009 de 6 de agosto

Finalidades da Educação Sexual :

- a) A valorização da sexualidade e afetividade entre as pessoas no desenvolvimento individual, respeitando o pluralismo das concepções existentes na sociedade portuguesa

o reconhecimento da importância dos sentimentos e da afetividade não nos deverá remeter só para esta dimensão esquecendo a valorização da sexualidade, não fazendo uma verdadeira e completa Educação Sexual na Escola sob a aparência de que se está a fazer.



Normativos Lei nº 60/2009 de 6 de agosto

Finalidades da Educação Sexual :

- b) O desenvolvimento das competências nos jovens que permitam as escolhas informadas e seguras no campo da sexualidade ;

Temos que desenvolver competências pessoais e sociais - atitudes que se traduzem em comportamentos preventivos adequados e não a fácil e mera transmissão de informação/conhecimentos incapaz de alterar indicadores de saúde sexual e reprodutiva - falsa sensação de segurança aos atores, conforme relatório final do grupo de trabalho - Professor Daniel Sampaio 7 de Set 2007



Normativos Lei nº 60/2009 de 6 de agosto

Finalidades da Educação Sexual :

- c) A melhoria dos relacionamentos afectivo-sexuais dos jovens;

Nem sempre reconhecidos pela nossa sociedade, sobretudo os jovens mais novos, não podemos esquecer que estamos também a trabalhar nesta dimensão todos os futuros pais.



Normativos Lei nº 60/2009 de 6 de agosto

- d) A redução de consequências negativas dos comportamentos sexuais de risco, tais como a gravidez não desejada e as infeções sexualmente transmissíveis ;


Desenvolver as competências pessoais e sociais - Trabalhar o Saber Dizer Não a uma relação sexual não protegida e às outras áreas da EPS implica educar a assertividade e a resiliência. Trabalhar competências de comunicação interpessoal, de identificação e gestão de emoções, de identificação e resolução de problemas, de procura de métodos alternativos de lidar com .



Normativos Lei nº 60/2009 de 6 de agosto 

e) A capacidade de proteção face a todas as formas de exploração e de abusos sexuais;


Também neste aspecto da sexualidade a condição de partida é desenvolver competências - dizer NÃO

Normativos Lei nº 60/2009 de 6 de agosto 

f) O respeito pela diferença entre as pessoas e pelas diferentes orientações sexuais;

Desenvolver atitudes de aceitação e não de tolerância dos diferentes comportamentos e orientações sexuais.


Verbo: aceitar – admitir, receber com agrado, reconhecer como verdadeiro ou positivo
Tolerar – sofrer o que não deveríamos permitir ou o que não nos atrevemos a impedir

Normativos Lei nº 60/2009 de 6 de agosto 

g) A valorização de uma sexualidade responsável e informada;

A educação Sexual é uma questão de educação para a saúde porque os ganhos beneficiam-na e é também a educação para a cidadania.

Não existe sexualidade responsável sem sexualidade informada . É poder - para poder viver o sexo, o afecto, a reprodução com mais saúde e prazer.

Normativos Lei nº 60/2009 de 6 de agosto 

h) A promoção da igualdade entre os sexos;

Desenvolvimento de atitudes de reflexão e crítica face aos papéis estereotipados atribuídos socialmente aos homens e às mulheres resultando em comportamentos menos sexistas.

O professor deverá gerir os seus próprios valores, opiniões e atitudes perante os alunos.

Normativos Lei nº 60/2009 de 6 de agosto 

i) O reconhecimento da importância de participação no processo educativo de encarregados de educação, alunos, professores e técnicos de saúde;

Todos somos parte do problema, todos somos parte da solução.

E a educação sexual não é só responsabilidade dos pais.

Normativos Lei nº 60/2009 de 6 de agosto 

j) A compreensão científica do funcionamento dos mecanismos biológicos reprodutivos;

A educação sexual nas nossas escolas tem sido quase só isto. Informação é poder, mas não chega porque não é toda informação, não trabalhar atitudes nem ensinar comportamentos, é apenas um terço da tarefa.

Normativos Lei nº 60/2009 de 6 de agosto 

l) A eliminação de comportamentos baseados na discriminação sexual ou na violência em função do sexo ou orientação sexual.

A violência nas relações de namoro.

○ *bullying* que ocorre nas nossas escolas.

Normativos Lei nº 60/2009 de 6 de Agosto 

Modalidades:

Ensino Básico - Integra-se no âmbito da educação para a saúde, nas áreas curriculares não disciplinares;

Ensino Secundário - Integra-se no âmbito da educação para a saúde, nas áreas curriculares disciplinares e não disciplinares;

Não prejudicando a **transversalidade da educação sexual** nas restantes disciplinas dos currículos dos diversos anos.


Normativos Lei nº 60/2009 de 6 de agosto 

Carga Horária:


1º e 2º Ciclos - não inferior a 6h distribuídas de forma equilibrada pelos períodos do ano letivo - 2h

3º Ciclo e Secundário - não inferior a 12h distribuídas de forma equilibrada pelos períodos do ano letivo - 4h


1 - Chuva de ideias 

Sexualidade é... 

- "...uma energia que nos motiva a procurar amor, contato, ternura e intimidade; que se integra no modo como nos sentimos, movemos, tocamos e somos tocados; é ser-se sensual e ao mesmo tempo sexual; ela influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental" (OMS)




Sexualidade inicia e acaba...

A Educação Sexual 


O objetivo da Educação Sexual é encorajar as crianças a **analisar** ativamente o seu próprio papel no desenvolvimento de **attitudes positivas e responsáveis**.

Procura dar oportunidade de **explorarem** e **refletirem** sobre o todo o tipo de ideias, de uma forma cuidadosa estruturada para ser **aberta** e não **valorativa**.

Assim...



- Ajuda as crianças a tomarem **decisões responsáveis** no que respeita às relações com os outros. Esta relação implica a componente da **auto-estima**.
- Ajudar as crianças a desenvolverem um sentido positivo de si próprias envolve a discussão sobre **como tomar decisões**, a **assertividade**, a **expressão de ideias**, ou **sentimentos** próprios e o **respeito** pelos outros.

2 - Cartoon 

Informal vs Formal



- Processo básico de aprendizagem que decorre das experiências do quotidiano, de forma espontânea e não programada
- Processos de aprendizagem sistemática desenvolvidos por profissionais que apelam à consciencialização da aprendizagem
- Agentes: pais, pares, livros
- Agentes: escola, associações

Mitos antigos



Preconizados pela Igreja e Família:

- A sexualidade é perigosa;
- A sexualidade é genitalidade;
- E para procriar;
- A abstinência até ao casamento é regra moral;
- Incentiva comportamentos sexuais precoces
- A orientação em questões de sexualidade compete à família
- A sexualidade não se aprende
- ...

Mitos modernos



1. A atividade sexual é uma condição importante e necessária à saúde – não é claro – não é condição obrigatória;
2. O incentivo compulsivo da actividade sexual como valor de mercado - competir por seduzir e ter relações;
3. A compra e venda de atividade sexual e produtos sexuais como valor de consumo – pressão social sobre os jovens para o consumo);
- ...


Mitos modernos – discursos contraditórios



1. Perigosa → condição para a felicidade
2. Pecado → Dever
3. Abstinência sexual → obrigação de ter atividade sexual
4. Proibição → Permissividade e aceitação

Os media e os amigos estão cheios de novos mitos

A sexualidade – atividade sexual



Nos nossos jovens é uma actividade "furtiva" de risco e de baixa qualidade amorosa – Oculta; sem espaços nem tempos reconhecidos; associada aos tempos livres (lazer para fazer loucura – tudo se perdoa); como medicação para "anestesiar" ceder à pressão do grupo.

Adolescentes → trabalho - sofrimento
 → ócio - loucura

Escola: desafios...



- Formação de agentes educativos
- Abordagem pedagógica da sexualidade
- Promoção de atividades com as famílias
- Mecanismos de parceria

Valores e atitudes



- Ensinar Educação Sexual é um desafio pedagógico;
- Questionamos os nossos valores, atitudes e tabus;
- Estes têm origem em fatores como a nossa idade, classe social, sexo, sexualidade e cultura;
- Temos que ter muito cuidado para não suscitar "conflito de Valores" em desacordo com a família, religião e cultura da criança.
- Trabalhamos com os jovens como se estivessem todos informados e fossem ativos.

Valores essenciais da ES



- Reconhecimento de que a autonomia, liberdade de escolha - sujeito com liberdade (conhecedor dos mitos) são essenciais para estruturação de atitudes e comportamentos responsáveis no relacionamento;
- Informação legitimada
- Reconhecimento de que a sexualidade é vida, prazer e comunicação e realização pessoal e das relações interpessoais;
- Reconhecimento da importância da comunicação e do envolvimento amoroso na vivência da sexualidade - A ética nas relações amorosas como valores de referência;

Valores essenciais da ES



- A experiência amorosa familiar – não senti – reaprender;
- A diversidade como direito e possibilidade – respeito pelo direito à diferença e pela pessoa do outro: seus valores, orientação sexual e características físicas;
- Promoção da igualdade de direitos e oportunidades entre homens e mulheres;
- A atividade sexual, um direito reconhecido com tempos e espaços não associado a tempos de loucura – cultivar o namoro – não é adrenalina (estado bioquímico).

Valores essenciais da ES



- A educação sexual e afetiva: Humor, emoções, sentimentos e afetos sexuais e sociais. "Vou até o corpo aguentar" (cuidar do corpo);
- O reconhecimento das diferentes expressões da sexualidade ao longo do ciclo de vida;
- A recusa de expressões da sexualidade que envolvam violência ou coação, ou relações pessoais de dominação e de exploração.

Valores essenciais



- Autonomia e liberdade
- Sexualidade como fonte de prazer
- Expressões da sexualidade ao longo da vida
- Importância da comunicação
- Promover direitos e oportunidades
- Recusar formas de violência ou coação
- Respeitar o direito à diferença
- Promover a saúde do indivíduo

Valores e atitudes



Perante a questão se as crianças são novas ou não para terem

Educação Sexual, de quem é a responsabilidade dos pais ou dos professores os estudos mostraram que há menos gravidezes em países onde existem programas formais.

- ✦ A ES não se justifica só porque os alunos referem que os pais não trabalham esses assuntos: esses conteúdos também são de âmbito escolar;
- ✦ Não há competição entre escola / família - nenhum se substitui;
- ✦ A ES faz parte da missão do sistema educativo -- a escola deve chamar a família a intervir;
- ✦ A escola deve promover o diálogo e postura de escuta ativa visando consensos ;
- ✦ Não esquecer que os media expõem as crianças, antes do 3º ciclo, a mensagens para as quais precisam de ajuda para aprenderem a processarem essa informação.

Valores e atitudes



Trabalho de grupo - Bingo Humano - discussão
- O Questionário



Valores e atitudes



Conclusões

Não podemos ter uma sexualidade humana limitada à resposta sexual e aos riscos.


Educação Sexual em contexto escolar no 2º ciclo

Emília Alves
novembro de 2010




2ª sessão

Contributos da Educação Sexual

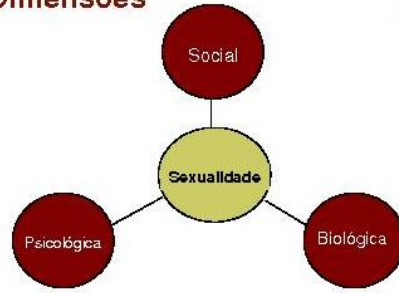


Objetivos

- Reconhecer as dimensões da sexualidade
- Identificar o perfil do educador na educação sexual
- Definir os fatores de sucesso para a educação sexual
- Caracterizar as diferentes teorias do desenvolvimento humano

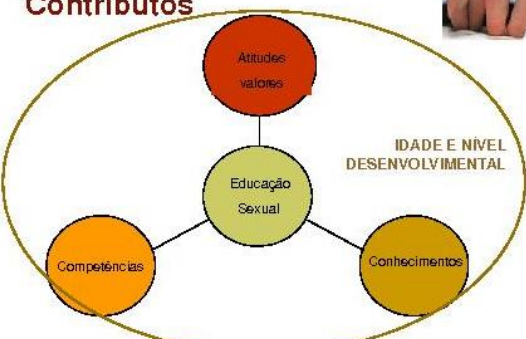


Dimensões



```
graph TD; Social((Social)) --- Sexualidade((Sexualidade)); Psicológica((Psicológica)) --- Sexualidade; Biológica((Biológica)) --- Sexualidade;
```

Contributos



```
graph TD; Atitudes[Atitudes valores] --- EduSex[Educação Sexual]; EduSex --- Competencias[Competências]; EduSex --- Conhecimentos[Conhecimentos]; subgraph IDADE [IDADE E NÍVEL DESENVOLVIMENTAL]; Atitudes; EduSex; Competencias; Conhecimentos; end;
```

Abordagens

- Via do silêncio
- Via da ação educativa

↓

Informação adaptada à idade e características



Perfil



Os meus valores
Barómetro



Perfil

Trocista

1. Não levar a sério as preocupações
2. Tornar o jovem frágil e inseguro
3. As preocupações podem ter fundamento
4. A troça pode ser inofensiva



Perfil

Moralista

1. Atitude moralista
2. Fase de oposição
3. Atitude egocêntrica
4. Dar o exemplo salientando que o erro faz parte da aprendizagem



Perfil

Inseguro

1. A insegurança é angustiante
2. As escolhas são do jovem, mas o educador deve dar a sua opinião
3. Aumentar a confiança e respeito face ao educador



Perfil

Atento

1. Escutar atentamente
2. Evitar juízos de valor
3. Mostrar-se confiante e disponível



Perfil

Coerente

1. Dar o exemplo
2. Receber aquilo que se dá
3. Identificação



Perfil


Afetivo

1. Interesse pelo outro, atitude compreensiva
2. Sensível, atento, amigo, que valoriza as pessoas que estão à sua volta



O professor...

- Preocupação com o bem-estar físico e psicológico
- Aceitar a sua sexualidade e a dos outros
- Respeitar as opiniões
- Aceitar o envolvimento dos pais
- Manter a confidencialidade
- Reconhecer a necessidade de parcerias




Fatores de sucesso

- Ser "neutro"
- Não atribuir certos e errados
- Não emitir juízos de valor
- Partilhar experiências
- Dar material de apoio
- Utilizar vocabulário adequado
- Adaptar a informação à idade




E ainda...

- Encorajar
- Valorizar
- Enfatizar
- Ouvir
- Negociar
- Contribuir com carinho
- Organizar
- Envolver
- Ser sensível
- Ser aberto
- Ser flexível
- Processar a aprendizagem
- Relacionar
- Ter respeito pela privacidade
- Ser discreto
- Ajudar as crianças a apreciar o contributo dos outros
- Ser consistente
- Ser capaz de orientar a participação das crianças com sensibilidade
- Ser positivo




Para estruturar uma intervenção...

- Conhecimentos específicos sobre o tema/problemática;
- Posicionamento discursivo sobre o tema/problemática;
- Definição dos objetivos e seleção das estratégias/atividades;
- Avaliação contínua das atividades.




Atender...

- Individual (características pessoais, etapa do desenvolvimento,...)
- DÍade (padrão de relacionamento interpessoal, expressividade)
- Família (modelos de educação familiar, história familiar,...)
- Comunidade (rede de suporte informal/ formal, narrativas comunitárias,...)
- Cultural
- Jurídico-político (leis)



EDUCAÇÃO SEXUAL –1º Ciclo do Ensino Básico



A – CORPO EM CRESCIMENTO

1 – ANATOMIA E FISIOLOGIA SEXUAL:

- Descrever correctamente as diferenças anatómicas importantes entre homem e mulher, entre crianças e adultos;
- Descrever correctamente as partes fundamentais dos órgãos sexuais da mulher e do homem.

2 – MUDANÇAS NA PUBERDADE:

- Conhecer de forma simples o ciclo menstrual e a ejaculação;
- Reconhecer a importância da higiene corporal

EDUCAÇÃO SEXUAL –1º Ciclo do Ensino Básico




A – CORPO EM CRESCIMENTO

Cuidar bem/ cuidar mal do corpo



A – CORPO EM CRESCIMENTO



3 – IDENTIDADE SEXUAL E PAPEL DE GÉNERO:

- Aceitar positivamente as diferentes partes do corpo e a figura corporal;
- Adquirir a constância da identidade sexual;
- Distinguir entre identidade sexual e papéis de género;
- Adquirir papéis de género flexíveis, igualitários e não discriminatórios;
- Reconhecer alguns aspetos de discriminação social em função do papel de género.

A – CORPO EM CRESCIMENTO



Masculino ou feminino
Tarefas e responsabilidades da família




A – CORPO EM CRESCIMENTO



3 – CONSERVAÇÃO IDENTIDADE SEXUAL E PAPEL DE GÉNERO:

- Não se pode mudar a identidade por vontade própria
- A identidade é estável ao longo do tempo
- A identidade é consistente
- "Moral sexual"
 - Aprendizagem por observação
 - Tipos de modelos: reais, mediadores, simbólicos e exemplares

Modelos reais



- Pessoas com quem vivem – pais
- Poder modelador
- Observação e vivência das relações no seio familiar
- O papel da escola

Mediadores



- Representam o mundo dos adultos
- Expressam mensagens relacionadas com a sexualidade
- Brinquedos
- vestuário
- Adereços

Respeito pela igualdade e diferenças

Simbólicos



- Visuais ou literários
- Cada vez com mais poder
- Início, desenvolvimento e fim num curto espaço de tempo
 - carácter didático vs disfuncional
- Perigo: associação entre violência e sexualidade

Exemplares



- Passado: heróis ou santos
 - O que fazer ou não fazer
- Atualidade: implícitos
 - Famosos
 - Pressão: media, amigos, interna

B - EXPRESSÕES DA SEXUALIDADE



1 – COMPORTAMENTOS SEXUAIS:

- Reconhecer diferentes comportamentos sexuais: carícias, beijos, masturbação;
- Reconhecer a associação entre o afeto, compromisso e sexualidade;
- Reconhecer que todos temos necessidades e interesses diferentes.

B - EXPRESSÕES DA SEXUALIDADE



2 – LINGUAGEM:

- Conhecer e usar de forma apropriada os principais nomes técnicos em relação à sexualidade;
- Conhecer a linguagem vulgar sobre a sexualidade;
- Distinguir os termos de linguagem vulgar com valor negativo e positivo.

O nosso corpo



B - EXPRESSÕES DA SEXUALIDADE



3 – AFETOS:

- Mudanças fisiológicas, expressivas, subjetivas e sociais
- Categorização
 - Sexo-afetivos: desejo, atração, enamoramento, rejeição, culpa
 - Sócio-afetivos: empatia, apego, amizade, hostilidade
- Desejo sexual
- Atração
- Enamoramento
- Tipo de processos amorosos




Desejo sexual



- Raiz biológica, assegura a reprodução
- Sentimentos de necessidade, mais ou menos explícitos de realizar atividades sexuais
- Diferentes manifestações
- Pode ser reprimido e tornado inconsciente mas nunca suprimido
- Relaciona-se diretamente com os afetos

Atração



- Estado interno (desejo) e objeto claramente definido
- Erotismo, vários alvos
- Fatores hormonais
- Fatores psicossociais
 - Orientação, modelos de beleza, traços físicos, características psicológicas e sociais, novidade do estímulo

Enamoramento



- Implica desejo e atração
- Único e insubstituível
- Componentes:
 - Emocionais
 - Desejo de reciprocidade, união completa e permanente, ativação fisiológica, atração
 - Cognitivas
 - Idealização, fantasia, pensamentos intrusivos acerca do outro
 - Comportamentais
 - Atenção ao outro, comportamentos de proximidade, oferecer favores



Trabalho de grupo



Questões	Resposta no planejamento
Estamos aqui para quê?	Missão, propósito geral
Onde queremos chegar?	Finalidades: mudanças e melhorias
Como podemos lá chegar?	Estratégia
O que se atinge com cada estratégia?	Objetivos: resultados ou benefícios
Que atividades deve prever para cada estratégia?	Atividades necessárias para atingir os objetivos
De que recursos necessitamos?	Plano

Aplicando...



Conclusões pelo grupo



Educação Sexual: desafios e realidades

Emilia Alves
novembro de 2010




Trabalho de grupo



Questões	Resposta no planeamento
Estamos aqui para quê?	Missão, propósito geral
Onde queremos chegar?	Finalidades: mudanças e melhorias
Como podemos lá chegar?	Estratégia
O que se atinge com cada estratégia?	Objetivos: resultados ou benefícios
Que atividades deve prever para cada estratégia?	Atividades necessárias para atingir os objetivos
De que recursos necessitamos?	Plano

Aplicando...



Conclusões pelo grupo




4ª sessão

Desenvolvimento Psicossexual



Objetivos



- Reconhecer o papel das relações interpessoais na formação da identidade
- Compreender a saúde sexual e reprodutiva
- Identificar os métodos contraceptivos

Desenvolvimento Psicossexual



- A – CORPO EM CRESCIMENTO
- B – EXPRESSÕES DA SEXUALIDADE
- C – RELAÇÕES INTERPESSOAIS
- D – SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA




C – RELAÇÕES INTERPESSOAIS

1 – RELAÇÕES NA FAMÍLIA:

- Compreender o papel da família, diferentes tipos de família e de parentesco;
- Sentir-se membros de uma família;
- Reconhecer o significado afetivo e social da família;
- Valorizar relações afetivas adequadas com a família.

2 – ATIVIDADES DOMÉSTICAS:


- Conhecer as diferentes tarefas domésticas;
- Colaborar de forma não sexista nas tarefas domésticas.



C – RELAÇÕES INTERPESSOAIS

3 – OS AMIGOS:


- Distinguir entre desconhecidos, conhecidos, companheiros e amigos;
- Conhecer as características essenciais da amizade;
- Distinguir e valorizar a cooperação e ajuda – ser capaz de colaborar e ajudar os outros;
- Participar em atividades escolares e lúdicas com rapazes e raparigas;
- Não discriminar ninguém pelo facto de ser diferente.



C – RELAÇÕES INTERPESSOAIS

4 – ABUSOS SEXUAIS:

- Compreender o que é um abuso sexual;
- Saber reagir adequadamente em caso de ser alvo de tentativa de abuso – trabalhar a comunicação.



D – SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA

1 – CUIDADOS BÁSICOS DO CORPO:

- Adquirir os hábitos saudáveis de limpeza e de alimentação.

2 – FECUNDAÇÃO, GRAVIDEZ E PARTO:

- Conhecer o processo de fecundação;
- Conhecer alguns aspetos essenciais do desenvolvimento fetal e processo de parto;
- Conhecer os cuidados fundamentais que necessita uma criança recém-nascida.



D – SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA

3 – RESPOSTA SEXUAL:

- Desejo
- Excitação
- Planalto
- Orgasmo
- Resolução



D – SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA

4 – CONTRACEÇÃO:

- Entender a fecundação como uma decisão livre e responsável
- Promover o diálogo acerca desta temática
- Trabalhar mitos associados
- Pílula do dia seguinte

5 – INTERRUPTÃO VOLUNTÁRIA DA GRAVIDEZ:



D – SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA

6 – O CORPO QUE SE CONSTRÓI:

- O novo corpo sexuado
- Alterações da imagem corporal
- Pressão interna e externa





Métodos contraceptivos

- ◆ Métodos de Barreira
 - ◆ Diafragma
 - ◆ Capa
 - ◆ Preservativo
- ◆ Métodos Naturais
 - ◆ Temperatura
 - ◆ Muco Cervical
- ◆ Métodos hormonais
 - ◆ Pílulas
 - ◆ Injetáveis
 - ◆ Implantes
- ◆ Método "Definitivo"
 - ◆ Esterilização
- ◆ Dispositivo intra-uterino
 - ◆ Contraceção de Emergência
 - ◆ Pílula do dia seguinte



Métodos contraceptivos

A árvore do prazer
Prós e contras


Mitos

- Ainda é cedo para abordar estas questões
- Essas coisas só acontecem aos outros
- Tira o prazer
- É um problema da rapariga
- Na primeira vez não há perigo de engravidar
- Lavagem vaginal depois da relação



Mitos da pílula

As jovens tradicionalmente pensam que a pílula faz:	Na verdade a pílula:
Engordar	Evita uma gravidez não desejada
Varizes	Diminui o acne, o cabelo oleoso e a pilosidade excessiva
Manchas na cara	Regulariza o período e diminui a dor menstrual
Cancro	Diminui a ocorrência de quistos dos seios e dos ovários
Enjoos e vômitos	Diminui o risco de cancro do ovário e do endométrio
Diminuir o desejo sexual	



Conclusões pelo grupo

Educação Sexual em contexto escolar no 2º ciclo

Emília Alves
novembro de 2010




5ª Sessão - 3h

Prevenção e Promoção da Saúde Sexual



Objetivos



- Conhecer as Infecções Sexualmente Transmissíveis – IST'S
- Conscientizar sobre:
 - Modos de transmissão;
 - Sinais de alerta;
 - Comportamentos de prevenção;
 - Importância do tratamento.
- Refletir os efeitos da discriminação.
- Encorajar a lidar com a temática de forma assertiva e sem ansiedade.

Infecções Sexualmente Transmissíveis



Devemos falar de IST e VIH Sida no 2º ciclo do ensino Básico?

Apesar de previsto para o 3º ciclo é provável que as crianças/jovens façam perguntas, logo merecem uma resposta. Cabe ao professor ou em sede de organização do Projeto de Educação Sexual da turma, determinar se há necessidade, e a abordagem correta àquela criança ou crianças.

Trabalhar as IST'S pode assumir-se como um cenário menos simpático, mas igualmente importante, assim é fundamental verificar **quando e como** introduzir estes conteúdos.

Infecções Sexualmente Transmissíveis



Ao longo da história sempre existiram doenças relacionadas com a sexualidade.

A Sífilis é a mais conhecida, foi a mais grave e vitimou muitas pessoas - à semelhança do que aconteceu com a Lepra e a Tuberculose.

As Infecções sexualmente transmissíveis – transmitem-se **essencialmente** através das relações sexuais .

Podem afetar os órgãos genitais como o restante organismo.

Infecções Sexualmente Transmissíveis



O número de ocorrências de IST'S estão relacionados com os comportamentos sexuais :

- "Precocidade" no início da vida sexual;
- Existência de vários parceiros (as);
- A ideia de que só acontece aos outros;
- Falta de uma educação sexual que informe sobre: prevenção; sintomas e consequências / riscos do não tratamento.

Infeções Sexualmente Transmissíveis



- Hepatite B - vacina alterou a situação - plano Nacional de Vacinação Português (11 - 13 anos e atualmente aos recém-nascidos como forma de prevenção)
- Hepatite C
- Sífilis;
- Blenorragia ou gonorreia ("esquentamento");
- Tricomoníase;
- Condilomas;
- Herpes;
- Pediculose (piolhos púbicos ou "chatos");
- Candidíase e outras infeções por fungos;
- HPV (vírus do papiloma Humano)
- VIH-SIDA

Infeções Sexualmente Transmissíveis - Sintomas




- Corrimento vaginal na mulher ou uretral no homem;
- Comichão nos órgãos sexuais;
- Ardor ao urinar ou nas relações sexuais
- Lesões na pele e mucosas dos órgãos sexuais
- Borbulha ou inchaço nos órgãos sexuais.

Deve:

- Ir ao médico;
- Não ter relações;
- Prevenir parceiro.

Infeções Sexualmente Transmissíveis

VÍRUS DO PAPILOMA HUMANO – HPV



A principal forma de transmissão do HPV é por via sexual, sendo uma IST muito frequente.

Sintomas e diagnóstico

- Pode não apresentar sintomas.
- A infeção também pode ocorrer no homem - manifestações clínicas são menos frequentes do que na mulher;
- Alguns vírus causam apenas verrugas com uns no corpo, outros infetam a região genital, podendo ocasionar lesões que, se não tratadas, se poderão transformar em cancro do colo do útero.

Infeções Sexualmente Transmissíveis

VÍRUS DO PAPILOMA HUMANO – HPV



Prevenção

Similares às das restantes **ISTs**, passando sobretudo por evitar comportamentos de risco:

- Manter cuidados higiénicos
- Ter parceiro fixo e considerar os parceiros ocasionais
- Usar preservativo em todas as relações sexuais e desde o início da relação
- Ir regularmente ao ginecologista para fazer todos os exames de prevenção
- É importante que o parceiro também procure um médico para verificar se ele está com o vírus.

Sensibilizar para a vacinação

VIH/SIDA



Em Portugal o número de infetados requerem

↓

Maior consciencialização e responsabilização pela prevenção


↓

Uma Educação para a sexualidade bem conduzida

Jogo pedagógico - "O Jogo do Contágio"



VIH/SIDA



O VIH é adquirido e vai provocar uma falência do sistema imunitário produzindo assim a síndrome – **Síndrome de Imunodeficiência Humana adquirida**:


S - síndrome, significa conjunto de sinais e sintomas de uma doença;

I - Imunodeficiência, refere-se ao sistema imunitário que nos protege dos microorganismos patogénicos que são causadores de doenças e infeções;

D - Deficiência, ou falha, mau funcionamento;

A - Adquirida

VIH/SIDA - Discriminação:



A postura em relação aos seropositivos tem por base preconceitos, mitos e intolerância.

Atitudes homofóbicas e racistas são muito frequentes e as escolas 1ª e 2ª ciclos não estão imunes à sua influência.

VIH/SIDA - Discriminação:



- Os media apresentam as relações entre pessoas do mesmo sexo como "erradas" é um mito moderno - A SIDA é praticamente desconhecida entre a comunidade lésbica.
- Em muitas partes do mundo manifesta-se em larga escala na população heterossexual;
- Nos próximos 10-20 anos ocorrerá um aumento constante de SIDA entre heterossexuais.

VIH/SIDA - Discriminação:




As crianças deverão saber que:

- O contato quotidiano com os outros não leva à transmissão do Virus
- Pode abraçar e beijar as pessoas contaminadas, partilhar comida, pratos e talheres, copos ou roupa, computador, cadeiras, casa de banho, piscina e balneários, nadar juntos e fluir a sua companhia.

Atividade pedagógica - "Não se controla SIDA por ..."




VIH/SIDA




- Pode acontecer a qualquer pessoa e todas têm direito a um tratamento digno e humano por todos.
- Não existe nenhuma razão para discriminar as pessoas portadoras de VIH

Os professores devem assegurar que afirmações erradas ou derivadas do desconhecimento são corrigidas.

VIH/SIDA



Atividade pedagógica - "Porquê ser solidário?"



VIH/SIDA - Formas de Transmissão



- **Via Parentérica, sanguínea** - partilha de objetos cortantes ou que lesem a pele e mucosas podem ser veículos de transmissão quando partilhados, transfusões sanguíneas;
- **Via Peri-Natal / mãe - filho** - da mulher infetada para o seu bebé na gravidez, parto ou aleitamento - 20% a 50 % probabilidade de infetar o bebé.
- **Via Sexual** - através de relações sexuais desprotegidas.

Infeções Sexualmente Transmissíveis – Comportamentos de Prevenção



As formas de prevenção são a utilização correta e consistente do preservativo e a não partilha de objetos cortantes;

(Ministério da Saúde, 1997)

Infeções Sexualmente Transmissíveis

Trabalhar a prevenção das IST'S é:




- Trabalhar comportamentos de risco nas relações: os parceiros; ser assertivo (utilização correta e consistente) do preservativo;
- Devemos orientar no sentido de:
 - Prevenir a infeção utilizando o preservativo;
 - Acabar com os tabus e a vergonha;
 - Considerar as IST'S doenças como as outras;
 - Observar o nosso corpo – consultar um médico se se verificarem sinais de alarme;
 - Advertir rapidamente as pessoas com quem se teve anteriormente relações sexuais para que, de serem;
 - Seguir com rigor o tratamento indicado pelo médico;
 - Controlar a cura.
- Consciencializar sobre a higiene corporal.

Infeções Sexualmente Transmissíveis – Como abordar




- As crianças devem estar conscientes que as doenças podem transmitir-se de diferentes formas, antes de abordar as IST'S.
- Perceber que nem todas as bactérias são nocivas, algumas são utilizadas no fabrico de comida: iogurte, queijo, cerveja, etc

Infeções Sexualmente Transmissíveis



- Poderão ser feitos trabalhos sobre doenças não – infecciosas – cardíacas, diabetes, etc.
- Trabalhos sobre doenças infecciosas, o que envolve a compreensão que os germes podem entrar no corpo e provocar mudanças – constipações, gripes, sarampo, varicela.

Planificação de uma atividade para fazer aplicar em contexto.




Conclusões pelo grupo



Educação Sexual em contexto escolar no 2º ciclo

Emília Alves
novembro de 2010




6ª Sessão - 3h

Os processos de Comunicação e de tomada de decisão



Objetivos

- Identificar os processos de comunicação interpessoal;
- Reconhecer as atitudes individuais facilitadoras da comunicação na educação sexual;
- Valorizar o processo de tomada de decisão;
- Refletir sobre o abuso sexual;
- Trabalhar assertivamente a capacidade de **dizer não** e de pedir ajuda.




O QUE É COMUNICAR

COMUNICAR É:

- ✓ "tornar comum", "entrar em relação com"
- ✓ trocar ideias, sentimentos e experiências entre pessoas que conhecem o significado daquilo que se diz e do que se faz.
- ✓ um processo interativo



- ✓ Quando duas pessoas se encontram, mesmo que não falem, não podem deixar de comunicar, porque todo o seu comportamento tem uma dimensão comunicativa.



PROCESSO DE COMUNICAÇÃO

Elementos constituintes:

- Emissor
- Recetor
- Mensagem
- Canal
- Código
- Contexto
- Codificação
- Descodificação
- Feedback



TIPOS DE LINGUAGEM




- VERBAL
 - ORAL
 - ESCRITA
- NÃO VERBAL - 70% da comunicação

COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL




- Gestos 🙋🙌🙏🙐
- Postura 🧎🧑
- Expressões faciais 😊😐😞
- Roupas e adornos 👗👔
- Silêncios 🤫
- Toque 🤝
- Movimentos corporais 🏃
- Tempo ⌚
- Paralinguística 🗣️👂
- ...

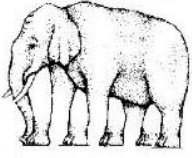

PERCEÇÃO



- Fenómeno interno que se vai construindo através da comunicação interpessoal.
- É através dos sentidos que captamos a realidade, à qual damos um significado próprio de acordo com as nossas vivências.



O QUE VÊ?



Quanto pernas tem este elefante?

MORAL DA HISTÓRIA



As mensagens objetivas dão azo a percepções diversificadas em harmonia com as significações subjetivas de cada um... ou seja,

da forma como interpretamos o mundo

Impressão Digital

Os meus olhos são uns olhos.
E e com esses olhos uns
Que eu vejo no mundo escolhos
Onde outros com outros olhos,
Não vêem escolhos nenhuns,
Quem diz escolhos diz fores.
De tudo o mesmo se diz.
Onde uns vêem luto e dores
Uns outros descobrem cores
Do mais formoso matiz.
Nas ruas ou nas estradas
Onde passa tanta gente,
Uns vêem pedras pisadas,
Mas outros, grãos e fadas
Num halo resplandecente.
Inútil seguir vizinhos,
Querer ser depois ou ser antes.
Cada um é seus caminhos.
Onde Sancho vê moirinos
O Quixote vê gigantes.
Vê moirinos? São moirinos.
Vê gigantes? São gigantes.

António Gedeão



DISTORÇÕES NA COMUNICAÇÃO

- Distorção da percepção
- Boatos
- Rumores
- Abreviaturas na comunicação escrita



Desenhar uma figura





DISTORÇÃO DA INFORMAÇÃO

- O conteúdo de uma mensagem altera-se à medida que é transmitida

NÍVEIS DE PERDA NA COMUNICAÇÃO

- que se quer dizer
- que se diz
- que o outro escuta
- que o outro compreende
- que o outro memoriza
- que o outro transmite

BARREIRAS À COMUNICAÇÃO

- Estado emocional
- Preconceitos
- Percepção selectiva
- Excesso de informação
- Interesse/Motivação
- Código desconhecido
- Canal inadequado



FACTORES DETERMINANTES:


No processo de aprendizagem normalmente conseguimos reter:

- 20% do que ouvimos
- 30% do que vemos
- 50% do que vemos e ouvimos
- 70% do que vemos, ouvimos e discutimos ou manipulamos



Pessoas com Comportamentos Agressivos

- Tornam-se frequentemente rudes;
- Atacam os outros;
- Expressam-se de forma demasiado reativa;
- Podem tornar-se desonestos;
- Têm normalmente o objetivo de dominar o outro.



Pessoas com comportamentos Passivos



- Evitam discussões e confrontações;
- Fracassam em expressar sentimentos, pensamentos e ideias;
- Expressam-se de tal forma tímidamente que são facilmente ignorados ou manipulados.

Pessoas com comportamentos Assertivos



- Defendem os seus direitos;
- Manifestam os seus pensamentos, sentimentos, ideias de uma forma direta e adequada;
- Não violam os direitos dos outros;
- Respeitam os seus próprios direitos.

ASSERTIVIDADE



- A assertividade é uma forma comportamental de comunicar que significa afirmar, quer verbalmente, quer gestualmente, dando simultaneamente espaço de afirmação ao outro.

Respostas Verbais Assertiva



- **Descreever**

O comportamento do outro ou a situação o mais objetivamente possível

Frases do tipo "Quando tu..."

Respostas Verbais Assertiva



- **Especificar**

As mudanças que gostaria de ver implementadas.

Frases do tipo "Eu gostaria que tu..."

Respostas Verbais Assertiva



- **Expressar**

Sentimentos acerca do comportamento da outra pessoa ou da situação descrita.

Frases do tipo "Eu sinto..."

A ASSERTIVIDADE NA FUNÇÃO DE EDUCADOR



Estabelecer um clima de auto afirmação para desenvolver:

- O sentido de humor, de simpatia e de acolhimento;
- A capacidade de observação das situações num relacionamento aberto fundado na segurança da personalidade;
- A qualidade da informação-comunicação ou de dar/receber *feedback*;
- A capacidade de escutar e apreciar (elogiar) os outros;

ATITUDES FACILITADORAS DA COMUNICAÇÃO



- Autoestima
- Escuta -Ativa
- Capacidade de dar feedback

ESCUTA ATIVA



Papel ativo do recetor (entrega ao outro, dedicando-lhe os ouvidos e os olhos) por oposição à atitude passiva do recetor que apenas ouve.



REGRAS DE ESCUTA ATIVA



- Saber deixar falar;
- colocar-se em empatia com o outro;
- centrar-se no que é dito;
- manter os canais abertos;
- não interromper o outro;
- controlar emoções pessoais;
- reformular as mensagens.



REGRAS DA BOA COMUNICAÇÃO



- Organizar as suas ideias antes de comunicar;
- Examinar o que pretende dizer quando comunica
- Estar envolvido e interessado
- Planear as suas comunicações
- Estar atento à comunicação não verbal
- Analisar a reação / feedback dos alunos
- Procurar e preocupar-se em ser bom ouvinte


Em síntese: o papel da comunicação




- A importância
- As diferentes dimensões
- Congruência

É impossível não comunicar
Precisão da mensagem emitida
Interferência emocional das palavras
Significado das palavras

Educação Sexual



- Via do silêncio
- Via da ação educativa



Informação adaptada à idade e características

O EDUCADOR DEVE ...



- Fomentar a autonomia para novos conhecimentos (aprendizagem por descoberta);
- Relevar o valor do empenhamento e responsabilidade no processo de aprendizagem;
- Auxiliar a experimentação para aquisição e acomodação de novos saberes significativos.
- Treinar comportamentos para a tomada de decisões.

A TOMADA DE DECISÕES...




Trabalhar a **Assertividade**: Abordar as interações sociais onde se respeita os **direitos do próprio e dos outros** – ponto médio de um contínuum

- Treino comportamental – melhorar competências:
 - **expressão** dos sentimentos, afetos, desejos, intenções e decisões em **relação aos outros**;
 - **respeito, aceitação ou recusa** de sentimentos, afetos, desejos, intenções e decisões dos **outros em relação a si**.



Jogos de tomada de decisão

VIOLÊNCIA SEXUAL



ABUSO SEXUAL DE CRIANÇAS

Envolvimento em atos sexuais de relevo ou outros) que visam a gratificação e satisfação sexual.

É considerado abusador a partir dos 16 anos. É usada a força ou outro tipo de coerção sob a criança abusada até aos 14 anos inclusive.

A pena é em função da gravidade do ato, dos intervenientes e da idade.

VIOLÊNCIA SEXUAL



ABUSO SEXUAL DE ADOLESCENTE

Envolvimento em atos sexuais de relevo ou outros) que visam a gratificação e satisfação sexual.


É considerado abusador a partir dos 16 anos.

É usada a força ou outro tipo de coerção sob o adolescente abusado entre os 14 anos e os 16 anos.



Filme

VIOLÊNCIA SEXUAL



ABUSOS SEXUAIS

Exemplos:

- Tomar conhecimento ou presenciar conversas obscenas
- Fotografias, filmes ou práticas sexuais de relevo (beijo até à realização de coito)
- O exibicionismo e a solicitação para práticas sexuais também é abuso sexual.


VIOLÊNCIA SEXUAL



ABUSOS SEXUAIS – para prevenir:

- As nossas crianças deverão compreender o que é um abuso sexual;
- Deverão saber reagir adequadamente em caso de ser alvo de tentativa de abuso – **trabalhar a comunicação.**
 - Aprender a dizer não a propostas sexuais de adultos.
 - Pedir auxílio - Comunicar aos pais ou educado res possíveis abusos.
- Não tornar negativa a representação da sexualidade.

MITOS



Contribuem para manter silenciado um grande número de casos.


1. **Não são frequentes** – 10% homens e 20% mulheres;
2. **Acontece apenas as meninas;**
3. **O agressor é um doente mental** – só alguns, os mais frequentes são indivíduos sexo masculino , meia idade, conhecidos ou familiares, todas as classe sociais pessoas insuspeitas com boa aceitação social, ultimamente muitos adolescentes;
4. **As crianças não dizem a verdade** – dizem quase sempre a verdade;

MITOS



5. **Os menores são os responsáveis** – em circunstância nenhuma o são, se apresentarem comportamentos de sedução pode ser por terem experiências prévias de abuso mas não é argumento.
6. **Quando acontece é denunciado pelos familiares** – são poucas as situações em que formaliza denuncia.
7. **É assunto privado.**

Possíveis efeitos do abuso sexual



A criança, dado o seu estágio de desenvolvimento, não consegue compreender

Estes comportamentos têm gravidade e impacto diferente no desenvolvimento.

Possíveis efeitos do abuso sexual



- **Emoções e afetos** - Ansiedade, distúrbios do humor, angústia, desconfiança, medos, agressividade, hostilidade.
- **Auto representação** - Baixa autoestima , culpabilidade, vergonha, auto estigmatização
- **Sexualidade** – Precocidade de comportamentos sexuais, curiosidade excessiva, prostituição infantil e juvenil.
- **Outras manifestações** – Dificuldades de ordem cognitiva (memória, concentração), perturbações alimentares e do sono, insucesso escolar, comportamentos anti sociais, abandono do lar.

Conclusões pelo grupo




Educação Sexual em contexto escolar no 2º ciclo

Emília Alves
novembro de 2010



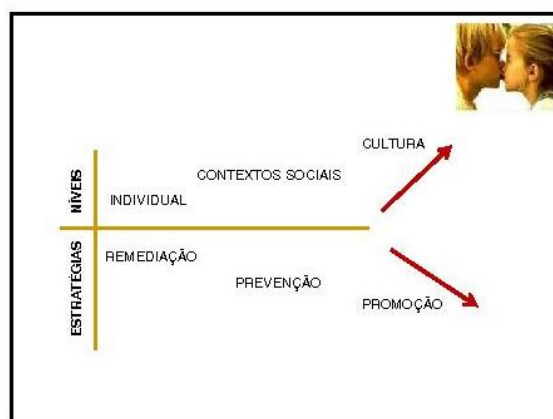

7ª sessão

A escola e a comunidade



Objetivos

- Identificar a necessidade de uma abordagem ecológica
- Reconhecer a importância da família na educação sexual
- Valorizar os recursos da comunidade enquanto parceiros neste âmbito




Finalidade

- A finalidade da educação sexual é a promoção de uma sexualidade saudável, ou seja, **contribuir para uma vivência mais informada, mais gratificante e mais autónoma** (Frade et al, 1992)



Sexualidade e a Escola

- ◆ A importância da Escola na construção da identidade
- ◆ As limitações
- ◆ O que pode ser feito:
 - Formação dos agentes educativos
 - Abordagem pedagógica
 - Apoio às famílias
 - Mecanismos de apoio individualizado



Princípios orientadores



- Estabelecimento de um clima colaborativo
- Co-construção de resultados esperados
- Valorização da experiência
- Introdução da noção de confidencialidade
- Responsabilização

O papel da família



- **Visão sincrónica (a família, a escola, os amigos)**
- É neste momento comumente aceite que a família, a escola e o grupo de amigos desempenham um papel primordial no desenvolvimento da criança/ adolescente
- “*Crenças*” que se instalaram como verdades absolutas sem qualquer fundamento científico

O papel da família



- O “poder” familiar
- Pais são “*únicos agentes de influência*”
- “*propriedade*” dos pais sobre os filhos
- A importância relativa família/amigos
- A importância relativa família/escola
- O afeto na relação professor-aluno ao longo do percurso escolar
- O “poder” da escola



Conclusões



- Potenciar um bom envolvimento familiar, escolar e social tem a ver com a preservação dos diferentes papéis de cada um deles, permitindo uma **interação positiva e diferenciada**

Conclusões



- No desenvolvimento de uma dinâmica curricular que vise a formação pessoal e social, e a promoção da saúde
- o professor **não pretende substituir** os amigos nem a família, nem tão pouco apenas criar mais uma nova “*área letiva*”

Conclusões



- A escola tem um papel fundamental na mudança dos alunos
 - Escolhas de **estilos de vida mais saudáveis e felizes**
 - Não pode, **nem estar isolada** neste processo, **nem limitar-se a obter mudanças pontuais e pouco sustentáveis**



A relação da escola com a comunidade



- Qual a cultura da escola
- Quais os recursos da comunidade
- Qual o método: parceria, delegação, colaboração
- Quais as vantagens e desvantagens

Instituições de apoio à família



- A nossa realidade
- Hábitos e costumes
- Fazer diferente:
 - Desafios
 - Obstáculos



Trabalho de grupo




- Planificar uma atividade com pais
 - **A - CORPO EM CRESCIMENTO**
 - **B - EXPRESSÕES DA SEXUALIDADE**
 - **C - RELAÇÕES INTERPESSOAIS**
 - **D - SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA**

Conclusões pelo grupo



Educação Sexual em contexto escolar no 2º ciclo

Emília Alves
novembro 2010



8ª Sessão - 4h

Metodologias de intervenção em Educação Sexual



Objetivos



- Distinguir Método de Técnica pedagógica;
- Refletir os fatores que condicionam a escolha dos métodos pedagógicos na Educação Sexual;
- Relacionar a escolha dos métodos e técnicas com os conteúdos a transmitir, de acordo com diferentes desenvolvimentos e diferentes alunos.

Métodos e Técnicas



Método pedagógico é o modo de gestão de relações que se estabelece entre o formador, o formando e o saber no seio de uma situação de formação.

Técnica Pedagógica é o conjunto de atitudes, procedimentos e atuações do formador, tendo em vista a correta utilização dos instrumentos de formação.

Simplificando...



Método ⇨ procedimento geral
⇨ conjunto de técnicas pedagógicas que têm como objetivo final a aprendizagem.

Técnica ⇨ meio específico
⇨ recurso particular que permite o funcionamento do método.

Métodos Pedagógicos



- Método Expositivo
- Método Demonstrativo
- Método Interrogativo
- Método Ativo

Método Expositivo



Exposição pertinente sobre um determinado saber, seguida de questões aos participantes.

<p>Papel do formador:</p> <ul style="list-style-type: none"> ⇒ Domínio do assunto ⇒ Rigoroso planeamento da sessão ⇒ Necessidade de fazer sínteses e ligações ⇒ Recursos aos audiovisuais... 	<p>Aplicabilidade:</p> <ul style="list-style-type: none"> ⇒ Número elevado de participantes ⇒ Conhecimentos cognitivos ⇒ Recursos e tempo escassos
---	--

Método Expositivo




Vantagens:

- 😊 Rapidez na transmissão de saberes
- Adaptação a grandes audiências
- Adaptável a um grande número de conteúdos
- Pouco dispendioso

Desvantagens:

- ☹️ Inibição da participação - passividade
- Desmotivação
- Impossibilidade de obtenção de *feedback*
- Necessidade de elevada preparação

Como aplicá-lo correctamente?



- Avaliar os pré-requisitos
- Comunicar os objetivos
- Elaborar e utilizar os recursos didáticos adequados
- Utilizar uma colocação de voz e posturas adequadas ao público
- Intervir de forma clara e concisa
- Contextualizar o tema com exemplos reais
- Utilizar técnicas de escuta ativa
- Fazer sínteses
- Estruturar logicamente o discurso

Técnicas pedagógicas do método expositivo



- Instrumentos pedagógicos adequados a este método são:
 - Vídeo diátó-infornativo;
 - Acetatos para retroprojetor;
 - Documentos para leitura.

TÉCNICAS DE EXPOSIÇÃO MOTIVADORAS

- ⇒ Testemunhos
- ⇒ Humor
- ⇒ Analogias
- ⇒ Mnemónicas
- ⇒ Jogos e enigmas
- ⇒ Experiências pessoais...

MÉTODOS DEMONSTRATIVO



Transmissão de técnicas visando a repetição do procedimento, através da demonstração.

Explicação ⇒ Demonstração ⇒ Aplicação

<p>Papel do formador:</p> <ul style="list-style-type: none"> ⇒ Situar no contexto ⇒ Explicar globalmente o processo ⇒ Dividir em partes ⇒ Progredir do simples para o complexo ⇒ Permitir praticar todas as etapas e reforçar 	<p>Aplicabilidade:</p> <ul style="list-style-type: none"> ⇒ Grupos reduzidos ⇒ Tarefas psicomotoras ⇒ Existência de equipamentos e materiais
---	--

MÉTODOS DEMONSTRATIVO




Vantagens:

- 😊 Grande participação
- Elevada motivação, atenção e concentração
- Desenvolvimento de aptidões - aprendizagem
- Facilidade na avaliação

Desvantagens:

- ☹️ Exigência de equipamentos e materiais
- Muito tempo para aplicar
- Elevado domínio do assunto
- Não consideração da personalidade e criatividade do formando

Como aplicá-lo correctamente?



A REGRA DOS 4 PASSOS

- 1º Faz o formador normalmente.
- 2º Faz outra vez...devagar, explicando.
- 3º Pede para fazerem consigo.
- 4º Deixa-os executar...sozinhos.

Técnicas pedagógicas do método demonstrativo



- Demonstração
- Principais instrumentos pedagógicos:
 - Filmes de ilustração
 - Material de demonstração ou de simulação

MÉTODO INTERROGATIVO



Encadeamento lógico de questões, levando os formandos a descobrir as informações.

<p>Papel do formador:</p> <ul style="list-style-type: none"> ⇒ Questionar naturalmente ⇒ Adaptar-se ao nível de conhecimentos do formando ⇒ Ser curto e claro ⇒ Evitar que sejam sempre os mesmos a responder ⇒ Saber escutar e reformular 	<p>Aplicabilidade:</p> <ul style="list-style-type: none"> ⇒ Aumentar o interesse e a participação ⇒ Levar a reconsiderar pontos de vista ⇒ Como auxiliar de elaboração de sínteses ⇒ Verificar a compreensão ⇒ Desenvolver a reflexão crítica
--	---

MÉTODO INTERROGATIVO



Vantagens:

- Valoriza a participação
- Aumenta a motivação, o dinamismo e reflexão
- Aumenta o *feedback*
- Facilita a memorização e a interrogação do saber

Desvantagens:

- Implica conhecimentos prévios
- Dificuldade em manter o "fio condutor"
- Exige muito tempo e grupos pequenos
- Exige domínio e segurança no tema
- Pode criar tensões e conflitos

Como aplicá-lo correctamente?



Modalidades de aplicação:

- Interrogatório
- Argumentação
- Diálogo
- Debate

Requer uma grande competência na formulação de perguntas

- (dirigidas à memória/raciocínio)
- (criativas/pessoais)
- (abertas/fechadas)

Técnicas pedagógicas do método interrogativo



DEBATE

- Técnica interrogativa: A arte de perguntar estruturada ou livre
- Tipos de instrumentos pedagógicos:
 - Questionários de escolha múltipla;
 - Questionários - teste
 - Exercícios de aplicação

MÉTODO ATIVO



Suscita a ação consciente e voluntária dos formandos, criando situações idênticas à realidade, com vista à **descoberta** das situações a aplicar.

Papel do formador:	Aplicabilidade:
<ul style="list-style-type: none"> ⇒ Preparação da técnica específica ⇒ Motivar para a responsabilidade e ação ⇒ Explicar o enquadramento, sem grande especificação ⇒ Saber escutar ⇒ Orientar e supervisionar - mediador 	<ul style="list-style-type: none"> ⇒ Número reduzido de participantes ⇒ Saber - Fazer e Saber - Estar - competências ⇒ Aumentar a motivação e a participação

CARACTERÍSTICAS DO MÉTODO ATIVO



- Motivação
- Adequação
- Relação com o adquirido
- Atividade
- Aprender a aprender
- Saber-fazer - ensaio
- Participação em grupo
- Formador facilitador
- Autoformação
- Autoresponsabilidade
- Autoavaliação



MÉTODO ATIVO



Vantagens:

-  Aumenta a motivação
- Atribui elevada iniciativa ao formando
- Desenvolve o Saber Estar
- Abre vários canais de comunicação

Desvantagens:

-  Pode conduzir ao "deixar correr"
- Exige fomentar nível de maturidade
- Exige muito tempo

Técnicas pedagógicas do método ativo



- BRAINSTORMING
- ROLE-PLAYING
- JOGOS PEDAGÓGICOS
- ESTUDO DE CASOS
- TRABALHO DE GRUPO



BRAINSTORMING



- Turbilhão de ideias, chuva de ideias
- Solicitar ao grupo o máximo de ideias sobre o tema num determinado tempo

ROLE-PLAYING



- Teatralização de papéis, assunção de personagens, comportamentos, emoções, sentimentos...
- Permite analisar uma situação problemática para o grupo
- Procura de soluções, serve de análise para a realidade

JOGOS PEDAGÓGICOS



- Visam o desenvolvimento comportamental colocando os formandos em situações imaginárias.
- Formador/formando é dinamizador, propõe e orienta o "jogo".
- Grupo de controlo - registam as ocorrências para análise final.

COMO ORGANIZAR O JOGO?
Tem um ANTES, DURANTE e DEPOIS.

ESTUDO DE CASOS



- É uma situação problema extraída da realidade e transportada para uma situação pedagógica para trabalho de uma solução ou decisão.
- Deve ser: real, desencadeador, polivalente, adaptado, envolvente, problemático e pedagógico.

TRABALHO DE GRUPO

é o mais comum entre nós



- Objetivo: reconhecer, definir e resolver problemas comuns.
- Trabalhar conjuntamente
- A relação deve ser colaborante, assentes em comportamentos positivos...

Para o trabalho ser rentável! →

- OBJETIVOS
- TEMPO
- CONSTITUIÇÃO DO GRUPO

Na Educação Sexual...



- Se escolher ensinar Educação Sexual e relacionamento interpessoal por métodos mais tradicionais – Expositivo e interrogativo? Quais as vantagens e desvantagens?
- E se escolher ensinar Educação Sexual e relacionamento interpessoal pelos métodos – Demonstrativo e Ativo? Quais as vantagens e desvantagens?



MÉTODOS	OBJETO DE FORMAÇÃO NATUREZA DO SABER	PAPEL DO FORMADOR	PAPEL DO FORMANDO
EXPOSITIVO	Objeto repetido Saber – Saber	Formador detentor do saber	Passivo: ouvir o formador Perguntas eventuais
DEMONSTRATIVO	Objeto reproduzido Saber – Fazer	Formador modelo	Escuta Passiva e observação. Aplicação da técnica ou operação ensinada.
INTERROGATIVO	Objeto questionado Saber –Saber	Formador estruturador do contexto de aprendizagem	Escuta do formador. Perguntas eventuais. Respostas às perguntas do formador.
ATIVO	Objeto construído Saber – saber Saber – fazer Saber – estar	Formador animador / Apoio	Escuta o formador e outros formandos. Intervenção verbal. Participação em trabalhos.

A escolha do método pedagógico em Educação sexual deve ser ...




uma escolha muito consciente.

FATORES DETERMINANTES:



- a aprendizagem pretendida ;
- compatibilidade:
 - O nível de maturidade das crianças
 - Os objetivos a alcançar
 - O equipamento e as instalações disponíveis

OPÇÃO DEVE CONSIDERAR:

- Os objetivos pedagógicos
- Os conteúdos
- Perfil do formador
- O tempo disponível para a sessão
- Características das crianças
- Os custos

FATORES DETERMINANTES:



No processo de aprendizagem normalmente conseguimos reter:

- 20% do que ouvimos
- 30% do que vemos
- 50% do que vemos e ouvimos
- 70% do que vemos, ouvimos e discutimos

Na Educação Sexual...



- **A Perspetiva Atelier** – passagem de estádío egocêntrico do seu desenvolvimento para um estádío de consciência do seu lugar na sala, na escola e fora dela – transmitir mais do que meros conteúdos;
- Fomentar uma perspetiva participativa;
- Lembrar que têm pouco controlo sobre as suas ações , normalmente são os adultos que decidem por eles.


O formador deve:



- Estimular a participação
- Criar um clima psicológico favorável
- Regular a participação
- Dirigir a atividade do grupo
- Resolver possíveis conflitos
- Resumir as conclusões obtidas




Na Educação Sexual...



Todos os métodos tem vantagens e desvantagens na sua aplicação e a situação ideal será o seu cruzamento e combinação.

Vamos pensar as técnicas mais adequadas neste contexto ...

ABC de Ideias do Atelier – Apoio Uma Idéia



Conclusões pelo grupo



**Apêndice XVII: Modelo de Inquérito de Avaliação do Módulo de Oficina de Formação
“Educação para a saúde sexual para crianças em meio pré-escolar e escolar” EB 2,3 S**

**Oficina - EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE SEXUAL
PARA CRIANÇAS EM MEIO PRÉ-ESCOLAR E ESCOLAR**

Fevereiro 2011

INQUÉRITO DE AVALIAÇÃO DA SESSÃO – Participantes

Assinale com um X o valor da escala que considere mais adequado à avaliação dos itens assinalados (sendo 1 o nível mais baixo e 5 o mais alto)

A. Planificação / Execução

	1	2	3	4	5
Os objetivos propostos foram cumpridos					
Os conteúdos trabalhados foram pertinentes					
Os recursos utilizados foram elucidativos					
Os módulos permitiram clarificar o trabalho a desenvolver					

B. Formador

	1	2	3	4	5
Clareza das intervenções realizada pelo formador					
A adaptação do discurso aos destinatários/finalidades foi conseguida					

C. Apreciação Global

Excelente	
Muito Bom	
Bom	
Satisfatório	
Fraco	

Data: ___ / ___ / 2011

**Apêndice XVIII: Modelo de Inquérito de Avaliação dos Módulos de Oficina de Formação
“Educação para a saúde sexual para crianças em meio pré-escolar e escolar” - EB 2,3
MC**

**Oficina - EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE SEXUAL
PARA CRIANÇAS EM MEIO PRÉ-ESCOLAR E ESCOLAR**

Fevereiro 2011

INQUÉRITO DE AVALIAÇÃO DA SESSÃO – Participantes

Assinale com um X o valor da escala que considere mais adequado à avaliação dos itens assinalados (sendo 1 o nível mais baixo e 5 o mais alto)

A. Planificação / Execução

	1	2	3	4	5
Os objetivos propostos foram cumpridos					
Os conteúdos trabalhados foram pertinentes					
Os recursos utilizados foram elucidativos					
Os módulos permitiram clarificar o trabalho a desenvolver					

B. Formador

	1	2	3	4	5
Clareza das intervenções realizada pelo formador					
A adaptação do discurso aos destinatários/finalidades foi conseguida					

C. Apreciação Global

Excelente	
Muito Bom	
Bom	
Satisfatório	
Fraco	

Data: ___ / ___ / 2011

**Apêndice XIX: Modelo de Inquérito de Avaliação dos Módulos de Oficina de Formação
“Educação para a saúde sexual para jovens e adolescentes em meio escolar” – ES MC**

**Oficina - EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE SEXUAL
PARA JOVENS E ADOLESCENTES EM MEIO ESCOLAR**

Fevereiro 2011

INQUÉRITO DE AVALIAÇÃO DAS SESSÕES 3 e 4 – Participantes

Assinale com um X o valor da escala que considere mais adequado à avaliação dos itens assinalados (sendo 1 o nível mais baixo e 5 o mais alto)

A. Planificação / Execução

	1	2	3	4	5
Os objetivos propostos foram cumpridos					
Os conteúdos trabalhados foram pertinentes					
Os recursos utilizados foram elucidativos					
Os módulos permitiram clarificar o trabalho a desenvolver					

B. Formador

	1	2	3	4	5
Clareza das intervenções realizada pelo formador					
A adaptação do discurso aos destinatários/finalidades foi conseguida					

C. Apreciação Global

Excelente	
Muito Bom	
Bom	
Satisfatório	
Fraco	

Data: ___ / ___ / 2011

Apêndice XX: Modelo de Inquérito de Avaliação dos Módulos inerentes à Formação
PRESSE

Educação Sexual e Saúde Escolar (PRESSE)

Janeiro/ fevereiro 2011

INQUÉRITO DE AVALIAÇÃO DOS MÓDULOS – Participantes

Assinale com um X o valor da escala que considere mais adequado à avaliação dos itens assinalados (sendo 1 o nível mais baixo e 5 o mais alto).

A. Planificação / Execução

	1	2	3	4	5
Os objetivos propostos foram cumpridos					
Os conteúdos trabalhados foram pertinentes					
Os recursos utilizados foram elucidativos					
Os módulos permitiram clarificar o trabalho a desenvolver					

B. Formador

	1	2	3	4	5
Clareza das intervenções realizada pelo formador					
A adaptação do discurso aos destinatários/finalidades foi conseguida					

C. Apreciação Global

Excelente	
Muito Bom	
Bom	
Satisfatório	
Fraco	

Data: ___ / ___ / 2011

Apêndice XXI: Inquérito de Avaliação Final do Projeto

Inquérito de Avaliação Final do Projeto

Educação Sexual: os desafios e realidades na escola

Educação Sexual em Meio Escolar / um projeto de intervenção comunitária

Assinale com um X o valor da escala que considere mais adequado à avaliação dos itens assinalados (sendo 1 o nível mais baixo e 5 o mais alto)

	1	2	3	4	5
A importância da(s) ação(s) desenvolvida(s) na sua escola					
Os objetivos propostos foram cumpridos					
Os conteúdos trabalhados foram pertinentes					
A(s) ação(s) desenvolvida(s) permitiram clarificar o trabalho a desenvolver pelos agentes implicados					
A(s) ação(s) desenvolvida(s) permitiram a implementação da ES na escola de uma forma refletida e sustentada.					

Apreciação Global

Excelente	
Muito Bom	
Bom	
Satisfatório	
Fraco	

Opinião Global

Pontos Fortes

Pontos Fracos

Obrigada!